

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS – CAMPUS DE MARÍLIA**

MARIANA GALLUZZI DE SÁ

**UMA BIBLIOTECA PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
A BIBLIOTECA 'JOAQUIM NABUCO' DO INSTITUTO CORAÇÃO DE JESUS,
SANTO ANDRÉ – SP (1959 – 1974)**

**Marília
2012**

MARIANA GALLUZZI DE SÁ

**UMA BIBLIOTECA PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
A BIBLIOTECA 'JOAQUIM NABUCO' DO INSTITUTO CORAÇÃO DE JESUS,
SANTO ANDRÉ – SP (1959 – 1974)**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, – UNESP/FFC, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Políticas Públicas e Administração da Educação Brasileira.

Linha de Pesquisa: Filosofia e História da Educação no Brasil.

Bolsa: Capes.

Orientadora: Profª Drª Ana Clara Bortoleto Nery

**Marília
2011**

MARIANA GALLUZZI DE SÁ

**UMA BIBLIOTECA PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
A BIBLIOTECA 'JOAQUIM NABUCO' DO INSTITUTO CORAÇÃO DE JESUS,
SANTO ANDRÉ – SP (1959 – 1974)**

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Ana Clara Bortoleto Nery

Prof^a Dr^a Maria Cristina Menezes

Prof^a Dr^a Stela Miller

**Marília
2011**

Aos irmãos:
Giovanna, José Matheus e Maria Emilia

Agradecimentos

Agradeço

- À professora Ana Clara Bortoleto Nery pelo apoio, orientações e por tudo que com ela aprendi;
- À CAPES pelo financiamento;
- Aos membros da banca de qualificação e da examinadora Prof Dagoberto Buim Arena, Prof^a Stela Miller e Prof^a Maria Cristina Menezes pelas valiosas considerações e pelo apoio e incentivo;
- Aos membros do GEPAEFE pelo companheirismo e pelas trocas;
- Ao Prof. Dr. Wellington de Oliveira, diretor do Instituto Coração de Jesus, pela atenção e colaboração;
- À Irmã Terezinha pelas valiosas conversas que tanto me auxiliam nesta pesquisa;
- À bibliotecária do Instituto Coração de Jesus, Tânia Aparecida Silva, por todo o apoio, atenção, paciência e compreensão; e
- Em especial ao amigo Emerson por todo o apoio e amizade desde o início da graduação, à amiga Paula, pelos momentos acolhedores e por me entender como ninguém; e à Priscilla Caroline, por me ajudar de tantas maneiras.

Resumo

UMA BIBLIOTECA PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A BIBLIOTECA 'JOAQUIM NABUCO' DO INSTITUTO CORAÇÃO DE JESUS, SANTO ANDRÉ – SP (1959 – 1974)

A presente pesquisa de mestrado, financiada pela Capes, tem como objetivo identificar quais as práticas culturais que se estabeleceram na Biblioteca Escolar “Joaquim Nabuco”, considerada espaço de disponibilização e circulação de saberes profissionalizantes no âmbito da formação de professores por meio da utilização de livros de destinação pedagógica na Biblioteca. Para isso realizou-se análise e identificação do acervo destinado a formação de professores, selecionando livros ainda presentes nesse espaço e observando parte desse material, a fim de compreender os ideais de formação de professores por eles veiculados. A leitura e análise dessas fontes foi realizada considerando aspectos de sua *materialidade* entendida como elementos que permeiam o texto desde a escrita do autor, passando pela editoração, até as formas pelas quais ele chega ao leitor, e que dão sentido ao texto. Assim, como forma de identificar de que maneira o ensino de saberes considerados importantes para a formação de professoras, se configurou no espaço escolar, foi realizada leitura abrangente das fontes, sendo considerados os elementos presentes no texto, bem como aqueles externos a ele, tomados os autores e sua formação, a editora, coleções a que pertencem, estilo de escrita, conteúdo, autores citados, correntes de pensamento explícitas, contexto espaço-temporal em que se inserem bem como todo e qualquer elemento que possa determinar ou sugerir indícios da cultura pedagógica veiculada por esses impressos. Foi possível observar que os livros disponíveis na biblioteca inserem-se em um conjunto de impressos que baseiam-se nos preceitos do movimento Escola Nova voltada para uma educação cristã, com base na formação do aluno e da família.

Palavras – chave: Biblioteca escolar; Livros de destinação pedagógica; formação de professores.

Abstract

A LIBRARY FOR TEACHER'S FORMATION: THE SCHOOL LIBRARY 'JOAQUIM NABUCO' IN INSTITUTO CORAÇÃO DE JESUS, SANTO ANDRÉ - SP (1959 – 1974)

This master's research, funded by Capes, aims identify cultural practices that were established in the school library “Joaquim Nabuco” considered the place of circulation of knowledge in the training of teachers through the use of books for educational destination in the library. For this analysis and identification was performed of the *acquis* for teacher training by selecting books that are still preserved in this space and looking at some of this material, to understand the ideals of teacher training by them running. The reading and analysis of these sources was carried out considering aspects of their *materiality* understood as elements that permeate the text from the author's writing, through the editing, to the ways in which it reaches the reader, and making sense of text. This way, in order to identify how the teaching of knowledge considered important for the teachers formation, if configured in school, was done comprehensive reading of the sources, the elements being considered in the text, as well as those external to it, taken the authors and their formation, publisher collections to which they belong, writing style, content, authors cited, explicit currents of thought spatio-temporal context in which they live as well as any element that can determine or suggest evidence pedagogical culture conveyed by these forms. It was observed that the books available in the library are inserted into a set of books that are based on the precepts of the New School movement toward a Christian education, based on the family and student's education.

Keywords: School library; books for educational destination; teacher training.

Lista de Figuras

Figura 1: Capa e folha de rosto de “Jardim da Infância” – p. 78

Figura 2: Capa e folha de rosto de “O que é Jardim da Infância” – p. 82

Figura 3: Folha de rosto de “Introdução à Didática Geral” – p. 86

Figura 4: Capa e folha de rosto de “Você e a Educação” – p. 89

Figura 5: Capa e folha de rosto de “Noções de Psicologia do adolescente” – p. 94

Figura 6: Capa e folha de rosto de “Noções de Filosofia da Educação” – p. 96

Figura 7: Folha de rosto de “Noções de História da Educação” – p. 98

Figura 8: Folha de rosto de “Aprenda a Educar seu filho” – p. 100

Figura 9: Capa e folha de rosto de “Manual de Psicologia” – p. 102

Figura 10: Páginas de “Manual de Psicologia” – p. 105

Figura 11: Capa, página e folha de rosto de “Manual de Filosofia” – p. 106

Figura 12: Capa e folha de rosto de “Manual de Sociologia” – p. 108

Figura 13: Folha de rosto de “Educar pela Recreação” – p. 111

Figura 14: Capa e folha de rosto de “Também os pais vão à escola” – p. 115

Figura 15: Capa e folha de rosto de “Orientação Educacional” – p. 118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 10
CAPÍTULO 1 – BIBLIOTECA: TRAJETÓRIAS E ABORDAGENS	p. 18
1.1 – Bibliotecas escolares como objeto de estudo no Brasil: um breve panorama	p. 18
1.2 – Biblioteca: Conceituando	p. 34
1.3 – Bibliotecas Escolares – aspectos históricos	p. 40
CAPÍTULO II – UMA BIBLIOTECA CATÓLICA PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	p. 46
2.1 – Biblioteca e formação de professores	p. 46
2.2 – O Ensino Católico no Brasil	p. 56
2.3 – Movimento editorial e catolicismo	p. 64
CAPÍTULO III – BIBLIOTECA JOAQUIM NABUCO	p. 72
3.1 – Os livros de Nazira Feres Abi-Sáber	p. 76
3.2 – Os livros de Imídeo Giuseppe Nérici	p. 85
3.3 – Os livros de Theobaldo Miranda Santos	p. 93
3.4 – Os livros de Maria Junqueira Schmidt	p. 110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 121
FONTES E REFERÊNCIAS.....	p. 124
APÊNDICES.....	p. 130

*Uma biblioteca, em última
instância, só adquire sentido
pelo trabalho de seus leitores.
(JACOB, 2000)*

Introdução

Durante minha Iniciação Científica na Universidade Estadual Paulista, em história da educação, procurando compreender aspectos acerca da formação de professores no Brasil, no meu último ano de graduação, analisei o manual de ensino intitulado “Metodologia da Linguagem” de Orlando Leal Carneiro (1955), que foi utilizado nos cursos de formação de professores, em Escolas Normais e Institutos de Educação no período em que foi publicado. Esse estudo me levou a voltar minha atenção sobre os percursos (caminhos) pelos quais um texto percorre ao ser escrito, tanto editoriais, como comerciais, até chegar ao leitor, bem como as formas de leituras previstas para os leitores prescritos (CHARTIER, 1998).

Ao refletir sobre essas questões percebi que havia inúmeras possibilidades de dar continuidade aos meus estudos acadêmicos, pois há muito o que se pesquisar, no âmbito dos livros de destinação pedagógica e demais impressos na formação docente. Dessa maneira, optei por direcionar meus estudos em nível de mestrado para a análise de uma biblioteca destinada ao uso de professores em formação, no mesmo período do manual analisado anteriormente. Essa opção se deu em parte pelo fato de que a biblioteca pode ser considerada um importante centro de formação e propagação de cultura e em parte devido à importância das bibliotecas na formação docente no período destacado.

Por ser natural do município de Santo André, nutri especial interesse em estudar um Instituto localizado em minha cidade natal e, após diversas visitas ao Museu de Santo André e a algumas escolas tradicionais da região, escolhi a biblioteca do Instituto Coração de Jesus, como objeto do trabalho que aqui apresento. Essa escolha se deu devido à importância que essa biblioteca teve ao longo dos anos na formação de muitas professoras do município e por ter sido situada em uma escola que ofereceu o curso Normal durante 44 anos.

O Instituto Coração de Jesus foi inaugurado em 1927, com o nome de Asylo Padre Luís Capra, tendo como objetivo dar “[...] abrigo diurno mediante uma pequena quota (e gratuitamente quando o permitissem as condições financeiras do estabelecimento) a centenas de crianças, filhos de operários que para irem ganhar o pão quotidiano deixam seus filhos ao: Deus dará.” (MENSAGEIRO PAROCHIAL,

1936), seu nome era em homenagem ao primeiro vigário do município de Santo André. Tratava-se de uma escola de educação primária e que oferecia também “[...] um curso secundário para os filhos das famílias mais abastadas [...]” (MENSAGEIRO PAROCHIAL, 1936), dirigida pelas freiras salesianas. O curso normal passou a ser ministrado na instituição, no ano de 1958 e permaneceu em funcionamento até o ano de 2002.

O Instituto Coração de Jesus é atualmente uma das escolas particulares mais tradicionais da cidade de Santo André – SP e oferece, além da Educação Infantil, ensinos Fundamental e Médio regulares, formação profissional em níveis Médio e Superior, tendo formado muitas professoras na cidade ao longo de anos. O curso superior iniciou suas atividades no ano de 1974, ano em que a instituição passou por diversas mudanças estruturais, criando-se as “Faculdades Integradas Coração de Jesus” (FAINC).

De acordo com informações obtidas no *site* da FAINC, a Biblioteca do Ginásio Padre Luís Capra (primeiro nome do Instituto), objeto de estudo do presente texto, foi fundada em 1949 com um acervo inicial de 905 volumes. No ano de 1950 passou a adotar o nome de “Biblioteca Joaquim Nabuco”, sob responsabilidade da aluna Anete Somera. De 1955 a 1956 as alunas Darci Bombana e Neusa Tornelli colaboraram para o desenvolvimento da Biblioteca, que passou a ser administrada pela Irmã Nilde Tissot, em 1959, permanecendo até o ano de 1963. Em 13 de agosto de 1974, passa a chamar-se “Biblioteca Cecília Meireles” com a perspectiva da abertura das Faculdades, conforme registro no Instituto Nacional do Livro sob n.º 6.190, ainda na categoria de Biblioteca Escolar. Em visita ao Instituto, fui informada pela bibliotecária que parte do acervo da biblioteca, considerado histórico, foi retirada das prateleiras e guardada em sala separada a fim de se organizar futuramente uma biblioteca histórica.

Após observar os dados supra-citados, decidi delimitar este trabalho ao período compreendido entre os anos de 1959 – ano em que o curso Normal passa a ser oferecido pela instituição e 1974 – último ano da biblioteca “Joaquim Nabuco”, após o qual o muda-se o nome para Cecília Meireles e torna-se uma biblioteca universitária, com grandes alterações em relação à primeira.

O principal objetivo deste trabalho foi explicitar o modo como os autores de

obras destinadas à formação de professores, contidas na biblioteca “Joaquim Nabuco” concebiam e organizavam o conteúdo necessário ao processo de formação desses profissionais.

Além desse, foram traçados objetivos específicos, a saber: localizar, identificar, selecionar e digitalizar as obras de destinação pedagógica do acervo “Joaquim Nabuco”, ainda presentes no acervo “Cecília Meireles”; selecionar alguns livros, considerados representativos do acervo, para análise; destacar os aspectos formais da obra, característicos de sua *materialidade*; contextualizar a produção da época destinada à formação de professores no universo do acervo pesquisado pela busca de informações sobre vida e obra dos autores referenciados na amostra; evidenciar o modo como os autores da amostra selecionada concebiam o processo de formação de professores por meio da explicitação do conteúdo trabalhado por eles em suas obras e da forma como tal conteúdo se apresenta organizado nelas.

Para alcançar esses objetivos foi necessária uma busca de estudos já realizados sobre o tema, bem como o levantamento de dados na biblioteca em foco, elencando os livros que fizeram parte do acervo no período proposto e documentos da e sobre a biblioteca. Durante este levantamento, foi realizada a digitalização dos livros e documentos para a montagem de um banco de dados da pesquisa gravado em mídia digital. Os dados que foram privilegiados são: capas, dados catalográficos, pertencimento à coleção, índices e sumários, anotações manuscritas, carimbos, fichas de retirada e formas de aquisição.

Além dos livros digitalizados, que foram de fundamental importância para a caracterização do acervo, o livro tomo da biblioteca “Joaquim Nabuco” se configurou como ponto de partida para a constituição de um quadro com os dados da parte selecionada do acervo. Além dele, foram localizados outros documentos que colaboram com a realização para a compreensão da constituição e funcionamento da biblioteca.

. Durante este levantamento, foi realizada a digitalização dos livros e documentos para a montagem de um banco de dados da pesquisa gravado em mídia digital. Os dados que foram privilegiados são: capas, dados catalográficos, pertencimento à coleção, índices, anotações manuscritas, carimbos, fichas de retirada e formas de aquisição.

A fim de organizar a pesquisa considero importante definir alguns conceitos para traçar a metodologia que será utilizada durante o trabalho. Entendo cultura conforme duas definições distintas apresentadas por Chartier, sendo:

Aquela que designa as obras e os gestos que numa dada sociedade justificam uma apreensão estética e intelectual; e aquela que trata das práticas comuns, 'sem qualidades', que exprimem a maneira através da qual uma comunidade - não importa em que escala - vive e pensa a sua relação com o mundo, com os outros e com ela mesma. (1998, p. 8-9)

Entendo a biblioteca escolar de escola de formação de professores como um conjunto de impressos destinados ao uso escolar, que “organizam e constituem a cultura pedagógica representada como necessária ao desempenho escolar de seu destinatário, o professor” (CARVALHO, 2007, p. 18), sendo assim um espaço em que se constitui uma cultura pedagógica, especialmente no caso das escolas em que oferecem cursos de formação de professores, sendo constituída por livros, periódicos e outros materiais de leitura que se destinam à formação docente e são utilizados pelos seus usuários de diversas formas a fim de, mesmo que não intencionalmente, adquirir e produzir cultura.

Os impressos que constituem o acervo da biblioteca são considerados materiais educativos que, conforme propõem Catteeuw, Depaepe e Simon (1997) são artefatos culturais que se destinam a um público bem definido. Uma de suas características é a presença de clara função cognitiva e são expressamente destinados a fins pedagógicos, tomados como transmissores de elementos culturais. A exposição desses materiais nas prateleiras de uma biblioteca escolar os torna reconhecíveis como tal, junto ao público.

[...] a finalidade pedagógico-didática do material educativo é, ao mesmo tempo, indicativo das suas limitações quanto à sua utilização no âmbito da historiografia: os livros de estudo, por exemplo, fornecem apenas o espaço mental que os autores pretendiam levar aos leitores dos seus livros, não os efeitos dos livros, se é que estes os tinham. [...] O papel informativo de um livro de estudo e de outro material da aula, por mais interessante que seja, limita-se, por conseguinte, ao estudo dos padrões pedagógicos visados. Contudo, através de uma leitura abrangente das fontes, é possível analisar

também a forma que o ensino assumiu na prática escolar. (Catteeuw, Depaepe, e Simon 1997, p. 2)

Assim, como forma de identificar de que maneira o ensino de saberes considerados importantes para a formação de professoras, se configurou no espaço escolar, foi realizada leitura abrangente das fontes, sendo considerados os elementos presentes no texto, bem como aqueles externos a ele, tomados os autores e sua formação, a editora, coleções a que pertencem, estilo de escrita, conteúdo, autores citados, correntes de pensamento explícitas, contexto histórico em que se inserem bem como todo e qualquer elemento que possa determinar ou sugerir indícios da cultura pedagógica veiculada por tal impresso.

Em relação ao espaço físico, considerando que a constituição física do espaço que ocupa um determinado ambiente em uma instituição escolar está diretamente relacionada com a importância que a direção ou outra instância de poder relaciona a esse ambiente, seguindo a concepção de espaço apresentado por Viñao (2005), foram analisadas não só as discussões teóricas sobre o espaço destinado à biblioteca escolar, mas também, a utilização desse espaço por meio dos processos de sua apropriação e adaptação, a fim de compreender quais os ideais propostos ao uso desse ambiente, bem como de que forma isso foi aceito pela comunidade escolar e como professoras e alunas se apropriavam do acesso às bibliotecas, configuradas “como lugar e como território” (VINAIO, 2005)

Esta pesquisa se iniciou a partir da busca de informações sobre a formação de professores no município de Santo André-SP a fim de compreender onde, como e a partir de quando se formavam professores nesta cidade. Para isso realizei algumas visitas ao “Museu de Santo André”, localizado no prédio do primeiro grupo escolar da cidade. O museu conta a história desse município expondo diversos objetos e documentos históricos que estabeleçam relação com o mesmo, inclusive na área de educação.

Nesse museu descobri que o primeiro curso de formação de professores no município foi oferecido na atual Escola Estadual Américo Brasiliense, localizada em imponente edifício no centro da cidade. Descobri também que apesar de este ter sido o primeiro, o curso considerado mais tradicional e que durou mais anos foi o

oferecido pelo “Instituto Coração de Jesus” entre os anos de 1959 e 2002. Observei que a atual biblioteca escolar desse instituto detém o maior acervo particular do município e ainda preserva muitos livros utilizados desde o início do curso Normal e que poderiam servir de base para investigar a formação de professores no município em questão.

Ao visitar a biblioteca do Instituto, fui recebida com muita atenção pela bibliotecária, bem como pela direção do colégio, que não mediram esforços em colaborar com esta pesquisa que estava começando a se desenhar. Observei que muitos documentos do período que delimitei não existem mais por terem sido destruídos, entretanto, muitos livros de destinação pedagógica ainda se conservam na escola e estão sendo preservados, alguns ainda nas prateleiras da biblioteca e outros em uma sala específica, juntamente com outros livros antigos de diversas áreas, por serem considerados como representativos da história da Instituição, muitos deles, obras raras.

Após esse contato inicial com a Instituição de Ensino, delineei meu projeto e apresentei ao Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Marília, tendo sido aprovada. Comecei então a investigar um pouco sobre a história do Instituto e do curso normal lá oferecido. Localizei algumas Atas de reuniões em prol da construção desse colégio, das quais destaco o seguinte trecho:

Aos 29 do mês de julho de 1920, na residência do Revmo. P. Augusto Rizzi, Vigário da Paróquia de S. André, houve uma reunião afim de se tratar da fundação de Um Asilo Infantil.

Tomando a Palavra, o Rev. P. Rizzi, demonstrou com eloquente discurso quanto se impunha essa obra.

Para, pois, continuar não somente as idéias de seu antecessor, P. Luiz Capra, mas perpetuar-lhe a memoria dar-se-ia ao novo estabelecimento o nome daquele sacerdote.

Ainda que nada se possuísse exortou os presentes a não esmoecerem na ardua tarefa que lhes propunha, e apelando para os sentimentos de humanidade e Religião, confiante na Divina Providência, manifestou a sua plena esperança que todos se haveriam de de esforçar para que tal idéia se tornasse um fato, dando cada um seu auxílio, conforme a própria possibilidade.

Apoiando tão nobre idéia deliberou-se trabalhar de comum acordo, arrecadando donativos, promovendo festas, tombolas e tudo que

desse proveito a essa iniciativa.

Uma vez adquirido o terreno estudar-se-ia, o melhor modo possível, a construção de um prédio [...] sendo entregue o funcionamento da obra a uma Congregação de Religiosas. (Ata da reunião em prol da construção de um Asilo Infantil em Santo André, 1920)

De acordo com essa Ata, o Instituto começou a ser idealizado no ano de 1920, pelos vigários do município, para atender aos filhos de trabalhadores imigrantes italianos que não tinham onde ficar enquanto os pais trabalhavam nas fábricas. Segundo o Vigário Augusto Rizzi, segundo vigário do município de Santo André, a comunidade precisava de um 'abrigo' diurno para deixarem seus filhos durante o trabalho. O termo "Asilo" foi utilizado devido ao fato de que os imigrantes italianos utilizavam esse termo para denominar o que chamamos de "escola". O primeiro terreno para a construção da escola foi comprado no mesmo dia da reunião, logo após a formação de uma comissão entre os presentes.

Nesses documentos, descobri também que no ano de 1924, a planta do primeiro prédio estava pronta, projetada pelo arquiteto Achilles Pallini e modificada pelo Pe. Rizzi. Não foi possível localizar quais foram as modificações da planta inicial, mas o fato de ter sido modificada pelo vigário demonstra o interesse dele no controle desse aspecto do projeto. As obras iniciaram no mesmo ano e a primeira parte construída foi a residência das irmãs que tomariam conta da escola: as Freiras da Congregação Salesiana; concluída em 1925. No ano seguinte iniciaram as obras do prédio principal de dois andares e arquitetura rebuscada.

A escola iniciou seu funcionamento no ano de 1927, com suas obras ainda não finalizadas. As irmãs chegam à cidade em 19 de julho de 1927, 7 anos após a primeira reunião, e foram recebidas com grande festa. Nesse dia é dado o início oficial das atividades escolares. O primeiro prédio foi construído com uma arquitetura imponente e constituía um símbolo educacional para a população da cidade. Até então, ainda não havia cursos de formação de professores no município e todas as aulas eram ministradas por freiras da ordem Salesiana.

Nesse período também não havia biblioteca na escola e todas as dependências eram localizadas em apenas um edifício. Na década de 1940, a escola foi ampliada, com a construção de um novo prédio. O segundo prédio, também com dois andares, tem arquitetura mais simplificada que o primeiro,

inclusive pela tendência arquitetônica da época, e comporta um maior número de salas. Nesse edifício também não havia sido planejada uma biblioteca escolar.

Na década de 1950, com a criação do Ginásio que já estava em funcionamento desde o ano de 1949, foi construído o terceiro prédio. Os edifícios foram sendo construídos ao redor do pátio, formando uma espécie de panóptico. O terceiro edifício já foi projetado para compreender uma biblioteca, sendo então fundada, no ano de 1949, a biblioteca escolar, que passou a ser chamada de “Joaquim Nabuco”.

Esse terceiro prédio, com três andares, tem a biblioteca localizada no térreo em uma sala ampla com janelas voltadas para o interior da escola. A localização desse espaço no térreo do edifício, demonstra que a intenção em relação a esse ambiente era torná-lo acessível aos alunos e em local visível em frente ao pátio onde praticavam esportes, tornando o ambiente convidativo. Como a biblioteca sempre foi aberta à comunidade, sua localização térrea também favorece o acesso de pessoas de fora, de modo que não seja necessário passar pela região das salas de aula para chegar-se a ela. Em todas as visitas ao Instituto Coração de Jesus, obtive informações relevantes sobre sua história, formação e funcionamento. A síntese desses dados é apresentada ao longo dos capítulos seguintes.

Este trabalho foi dividido em 3 capítulos, a saber, “CAPÍTULO I – BIBLIOTECA: TRAJETÓRIAS E ABORDAGENS”, onde apresento alguns conceitos e breve panorama com pesquisas afins; “CAPÍTULO II – UMA BIBLIOTECA CATÓLICA PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES”, com aspectos históricos relevantes do período; e “CAPÍTULO III – “BIBLIOTECA JOAQUIM NABUCO” em que apresento a análise dos livros de destinação pedagógica selecionados.

CAPÍTULO I – BIBLIOTECA: TRAJETÓRIAS E ABORDAGENS

1.1 - Bibliotecas escolares como objeto de estudo no Brasil: um breve panorama

Realizar um panorama abrangendo as pesquisas em História da Educação que tenham como objeto de estudo bibliotecas escolares não é tarefa fácil, uma vez que não são muitos os trabalhos acadêmicos que olham a escola, em especial na formação de professores, sob esse ângulo. Apesar de complicado, esse panorama se faz necessário uma vez que a biblioteca escolar, entendida como um conjunto de impressos, em especial, de livros que, destinados ao uso de professores e à leitura escolar, é um espaço que deteve especial importância na formação docente, em especial no período aqui delimitado, 1959 – 1974, em que o movimento “Escola Nova” era bastante difundido e a formação de professores, na maioria das instituições, se baseava em seus preceitos.

Este panorama, aqui proposto, visa mapear brevemente o campo de pesquisas acadêmicas realizadas em História da Educação que têm como objeto de estudo bibliotecas escolares. Para tanto foram realizadas buscas em alguns bancos de dados considerados importantes no âmbito acadêmico e selecionados trabalhos que abordam essa temática de maneira direta ou indireta, a fim de destacar algumas pesquisas que tenham maior relação com o tema aqui proposto para análise mais aprofundada. A utilização da biblioteca como objeto de pesquisa é um elemento ainda novo no âmbito das pesquisas acadêmicas, sendo possível citar, no campo da história da educação os nomes de Marta Carvalho, Diana Vidal, Maria Cristina Menezes e Ana Clara Bortoleto Nery.

Marta Maria Chagas de Carvalho serve de referência para esta pesquisa, dentre seus textos publicados que estudam bibliotecas escolares, destacam-se os intitulados: “A Biblioteca da Educação de Lourenço Filho: uma coleção a serviço de um projeto de inovação pedagógica” (2006); “Biblioteca e formação docente.” (2000); “A caixa de utensílios, o tratado e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura de professores.” (2007); “Uma biblioteca pedagógica francesa para a Escola Normal

de São Paulo (1882): livros de formação profissional e circulação de modelos culturais.” (2007); “Estratégia editorial e configuração de modelos pedagógicos: análise material de bibliotecas para professores.” (2007); “Livros, modelos pedagógicos e marcas de leitura na biblioteca particular de um Diretor da Instrução Pública paulista” (2006); “Uma Biblioteca para formar professores na Escola Normal (São Paulo, 1882).” (2005); “A Coleção como estratégia editorial de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação organizada por Lourenço Filho.” (2004); “Lourenço Filho e a Biblioteca de Educação: uma estratégia editorial de introdução da Escola Nova no Brasil” (2003); “Estratégia editorial e configuração de modelos pedagógicos: análise material de bibliotecas para professores.” (2007); “Bibliotecas para professores e modelização das práticas de leitura: uma análise material das coleções Atualidade Pedagógicas e Biblioteca da Educação.” (2007); “Lourenço Filho e a Biblioteca de Educação: uma estratégia editorial de introdução da Escola Nova no Brasil.” (2003); entre outros.

Muitos desses títulos abordam o tema biblioteca sob uma outra ótica que não a aqui proposta, como no caso das *coleções de livros* denominadas bibliotecas, que se configuram como outro importante elemento de estudo e que apesar da mesma denominação, diferencia-se do *corpus* aqui estudado. Ainda assim são títulos importantes, pois cada uma dessas publicações de Carvalho compreendem relevantes elementos históricos e teóricos que permitem aprofundar os estudos correlatos. Outros dos títulos de publicações de Carvalho (2000), (2007), supra-citados, utilizam como objeto de estudo bibliotecas escolares e esses se assemelham mais com o que aqui é proposto e apoiam a construção do panorama aqui exposto.

Diana Vidal também realizou pesquisas tendo bibliotecas como objetos de estudo. No texto intitulado “A Biblioteca da escola de professores” (2001), faz uma análise da biblioteca da Escola Normal do Rio de Janeiro abordando aspectos históricos sobre sua formação, origem, constituições, legislações, organização entre outros aspectos. A autora explica como a biblioteca desempenhou papel central no movimento Escola Nova, que começa a se consolidar no período estudado, e de que maneiras Fernando Azevedo e outros protagonistas do momento fazem com que os alunos e professores das Escolas Normais utilizem mais as bibliotecas.

Outro ponto relevante tratado pela autora, também associado ao funcionamento da biblioteca, é o incentivo que a administração anisiana promovia aos professores que apresentassem produção literária. Os professores que escrevessem livros eram não só premiados com vantagens salariais, como também, suas obras eram adquiridas pela biblioteca. A produção literária, além de incentivada era considerada como necessária para o aperfeiçoamento da atividade docente por dar ênfase à pesquisa e também por gerar o material que serviria de apoio ao professor em suas atividades docentes. A biblioteca serviu não só como lugar de disposição bibliografia específica sobre o magistério, sendo composta inclusive por publicações de professores da própria escola, como também serviu de fonte de pesquisa para os docentes.

Se a biblioteca de educação alimentou bibliografia específica para a área educacional, complementando indicações bibliográficas das disciplinas da Escola de Educação, foi também alimentada por pesquisas produzidas por professores do Instituto. Em 1935, publicava *Como se ensina a história de Jônathas Serrano*; em 1936, *A escrita na Escola Primária*, de Orminda Marques; em 1938, *O Côro Orfeão*, de Ceição de Barros Barreto; e em 1944, de Heloísa Marinho, *A linguagem do pré-escolar: frutos da experiência educativa desenvolvida no Instituto de Educação*. (VIDAL, 2001)

A autora conclui o texto afirmando que foram destacadas obras de autores mais indicados e procurados na biblioteca, porém o capítulo não aborda a maneira como os livros eram lidos, nem tampouco as técnicas ou orientações de leitura. Os professores e administradores, afirma, não se preocupavam apenas em valorizar o livro, mas também em otimizar a leitura por meio na normatização de seus hábitos. “Formas corretas de ler e estudar eram indicadas aos alunos e cobradas em atividades fora e dentro da sala de aula” (VIDAL, 2001, p. 199).

Maria Cristina Menezes é professora efetiva de História da Educação, da Universidade Estadual de Campinas e coordena o CIVILIS - Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Cultura Escolar e Cidadania. Em seu artigo intitulado “O Mapeamento de uma Biblioteca de Formação de Professores”, publicado nos anais do VI *Congresso Brasileiro de História da Educação: invenção, tradição e escritas da História da Educação no Brasil*, Vitória/ES: UFES, em 2011, a

autora aborda o movimento da biblioteca escolar da antiga Escola Normal de Campinas em um período de forte movimentação e prestígio e demonstra, a partir da análise dos Relatórios da Biblioteca, escritos pela bibliotecária da instituição, como “[...] o movimento de declínio deste importante setor escolar, não deixa de refletir o movimento de declínio de instituições educacionais do gênero do Instituto” (2011, p. 2).

Menezes (2011) afirma que antes de se fazerem os relatórios que analisa, já havia livros de registros nos quais era descrita a constituição do acervo. Esses livros de registro continuaram a existir mesmo depois da instituição dos relatórios. A partir da análise desse material, a pesquisadora pôde observar inúmeros fatores importantes para a compreensão do funcionamento da biblioteca, bem como analisar a relação desse espaço com o funcionamento da instituição.

Além do movimento da biblioteca e da sua organização, como registros arquivísticos, trazerem pistas importantes para outros estudos, tais como, práticas cotidianas de enfrentamento de problemas como a falta de professores, as aulas de religião, quando alunos ficavam sem atividades e a biblioteca era o espaço para suprir essas falhas. Por outro lado, verificamos um espaço ordenado, que se constitui com o aporte de um trabalho profissional criterioso, que também mostra o declínio das instituições de formação de professores, quando a constituição de bibliotecas especializadas, com a possibilidade de comprar livros, assinar periódicos, e suprir as repartições existentes, com um quadro de funcionários capaz de levar os serviços da mesma aos vários turnos de funcionamento da instituição, também começa a declinar e perder pessoal, material e verba para a manutenção. (MENEZES, 2011, p. 12).

A autora afirma que o artigo apresenta apenas ensaio preliminar que analisa um acervo que, no período delimitado 1955-1976, 21 anos, teve grande crescimento, sem contar com perdas ou extravios, e conclui que

Não foi sem dificuldades que procedemos a leitura dos relatórios, sobretudo, quando se trata da mesma biblioteca da qual se tenta salvar os itens sobreviventes, após a permanência por vários anos sobre o cimento dos porões, e sob a ação da umidade e pragas das mais variadas. Como outros documentos do arquivo histórico escolar, pode-se, com a leitura destes relatórios, refutar afirmações de que os documentos do arquivo escolar trazem apenas documentos oficiais, sem registros de atividades capazes de enunciar atividades, práticas, embates entre os sujeitos, daquela instituição particular. São pistas,

vestígios, enunciados, provocações. (idem, p. 12).

Ana Clara Bortoleto Nery coordena o GEPAEFE – Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração Escolar e Formação de Educadores, que tem como um de seus principais projetos a pesquisa “Biblioteca Histórica da Escola Normal de Piracicaba: cultura pedagógica e circulação de impressos”, pesquisa em andamento sobre a qual alguns artigos extremamente significativos já foram publicados, dos quais destaco o intitulado: “Livros da Escola Normal Primária de Piracicaba: constituição do saber pedagógico”, publicado em (2009) no “II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial”. No artigo a autora aborda o estudo dos impressos presentes na biblioteca da Escola Normal de Piracicaba, sob uma perspectiva de conjunto, tendo como objetivo verificar o processo de constituição do acervo, bem como as políticas de formação de práticas de leitura dos alunos, entendidos como leitores-professores, contidas nesse processo.

O trabalho se baseia no estudo da materialidade dos livros, utilizando os conceitos propostos por Chartier (1990). De acordo com Nery (2009, p. 2),

Os livros são analisados, portanto, a partir de uma série de elementos que contribuem com a construção dos sentidos. Título, autor, editora, composição tipográfica, forma de entrada no acervo, indicações de leitura, além da temática são focados neste estudo. O ponto de partida para a composição de títulos é a presença de carimbos da Escola Normal Primária nos livros. As marcas de leitura e de circulação também são elementos essenciais da análise.

A autora utiliza os conceitos de apropriação, materialidade e representação, propostos por Chartier e Certeau, e o estudo da biblioteca conforme o proposto por Carvalho. Com base nesses autores, Nery (2009, p. 2) define o conceito de “cultura pedagógica” como sendo “[...] a constituição de um saber específico a partir do conjunto de livros, adquiridos num determinado período, com finalidades definidas” e estuda a biblioteca tomando como ponto de partida o trabalho de Jacob (2000). A partir dessas proposições, a biblioteca pode ser analisada como expressão material dos ideais políticos de formação docente, pois trata-se de um espaço em que as escolhas dos materiais bibliográficos, tipos de livros, leituras a serem indicadas ou

recomendadas, modelos de formação do leitor são materializadas. Nery (2009, p.3) afirma que

Os critérios de escolha do material, as políticas de aquisição dos fundos bibliográficos, os repertórios bibliográficos propriamente ditos, a escrituração e organização material desse repertório, os modos como as bibliotecas foram dispostas espacialmente para seu uso, os modos peculiares de empréstimo ou de consulta revelam as formas pelas quais seus administradores e gestores puseram a funcionar as políticas e representações de formação do aluno-mestre nas escolas em foco.

Dessa maneira, faz-se possível reconhecer que em um espaço como a biblioteca em que estão dispostos balcões, estantes e livros, nada é aleatório, nem a escolha dos livros, nem os espaços destinados à disposição das estantes, nem mesmo a localização de cada livro estando mais à altura dos olhos, ou mesmo próximos de outros livros com ideias antagônicas. Tudo é consequência de ideais de formação de leitor dentro de uma determinada barreira moral, mais ou menos apertada, preconizados por seus organizadores. Assim sendo o estudo de uma biblioteca pode fornecer ao pesquisador inúmeros indícios acerca dos elementos considerados importantes para a formação de um leitor determinado, no caso, o futuro docente.

Os livros analisados pela pesquisadora foram selecionados entre os ainda presentes no acervo histórico da Biblioteca, tomando-se como critérios de seleção os livros da área de educação e a data de entrada no acervo – 1911 à 1920, data a qual se delimita a pesquisa, observada pelo carimbo da instituição. Dos livros analisados, a autora observou que a maioria é de títulos estrangeiros, há predominância de diversos temas genéricos em educação, com forte predomínio da Pedagogia Moderna tendo ênfase no ensino intuitivo.

Ao realizar busca em bancos de teses, bibliotecas virtuais e sites de busca, utilizando as palavras-chaves: “história da educação” e “biblioteca escolar” muitos são os trabalhos que a pesquisa retorna, mas ao ler os resumos percebe-se que são poucos aqueles que utilizam a biblioteca como objeto de pesquisa. Após rigorosas buscas, foram encontradas pesquisas em nível de mestrado e doutorado, concluídas, que abordam o tema aqui proposto. Trata-se de pesquisas de diversas

regiões do país. Ao ler os textos escritos pelos autores em suas pesquisas é possível notar como esse objeto de estudo poder ser observado sob inúmeros aspectos e as possibilidades de pesquisa são inúmeras. Como está descrito a seguir, nos trabalhos de Sousa (2004); Velloso (2008); Sgarbi (2001); Peres (1995); Alonso (2007); Souza (2009); Silva (2006); e Santos (2001).

Rodrigo Silva Caxias de Sousa, na dissertação apresentada à Universidade de Passo Fundo, intitulada: “A biblioteca universitária como espaço pedagógico e a formação de professores”, realiza uma abordagem da biblioteca a partir da modernização realizada pelas tecnologias da informação e comunicação, entendendo a biblioteca como espaço pedagógico. O objetivo apresentado pelo autor é o de compreender o uso da biblioteca a partir da averiguação da utilização de recursos eletrônicos de informação na formação de professores, tendo como objeto de estudo três bibliotecas universitárias do Estado do Rio Grande do Sul; a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Pontifícia Universidade Católica do Estado do Rio Grande do Sul e a Universidade de Passo Fundo. O autor utilizou como metodologia de pesquisa a aplicação de questionários a alunos do curso de pedagogia, a professores e a bibliotecários, todos usuários das bibliotecas.

Essa pesquisa é voltada para o campo da educação e da biblioteconomia. Situa-se no período contemporâneo, estando fora do tempo aqui delimitado, mas deve ser considerada no presente panorama, pois entende a biblioteca como espaço de ensino e aprendizagem e analisa as características consideradas segregadoras, sob um aspecto histórico, quanto à origem da biblioteca e do seu papel educativo estabelecendo relação com o aparecimento do bibliotecário e os impactos advindos do computador, que culminaram na automação dos processos e serviços bibliotecários o que afirma a importância da biblioteca ainda nos dias atuais mesmo com o domínio dos computadores.

O trabalho aborda também as inter-relações entre cultura e educação, e propõe-se a perceber a capacidade dos sujeitos entenderem e se adequarem à cultura da virtualidade. O trabalho também analisa a compreensão sobre o tema “formação de professores” e seu redimensionamento com a biblioteca considerada espaço didático-pedagógico, a partir da análise das atividades de ensino e pesquisa, realizadas tanto no espaço da biblioteca quanto por meio de seus recursos

eletrônicos.

O autor conclui que a biblioteca ainda é “[...] concebida como local de armazenamento de materiais de informação, quase que inexistindo entre os currículos dos cursos de formação de professores.” (SOUSA, 2004). Para ele, o uso da biblioteca é restringido na maioria das vezes ao movimento de circulação de livros, o que segundo o autor, desconfigura seu papel educativo.

Uma outra abordagem que também envolve o estudo da biblioteca, mas no campo das Ciências Sociais, é o trabalho de Ana Paula Meyer Velloso, intitulado: “Bibliotecas particulares e dispositivos de leitura.”; dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que analisa a importância da biblioteca pessoal na formação de leitores. Essa forma de olhar para a biblioteca, sob uma perspectiva sociológica permite perceber de que maneira a constituição de uma biblioteca, seja ela pública ou particular, pertencendo a uma instituição ou não, não se dá de maneira aleatória, mas baseia-se em pressupostos que nos permite identificar, a partir da análise de sua constituição, quais os ideais de formação do leitor, usuário da biblioteca, eram defendidos por seus preconizadores, mesmo no caso de uma coleção particular em que o próprio idealizador é sujeito de suas leituras como na pesquisa de Velloso. Para a autora: “[...] o dono da biblioteca tem o poder de decidir quais livros farão parte de sua coleção e, principalmente, o leitor tem a liberdade de escolher o que será lido.” (2008, p. 35).

A autora analisa a biblioteca pessoal e o hábito de leitura, entendidos como símbolos de poder, baseando-se em estudos sobre o *habitus* e o estilo de vida de Pierre Bourdieu. O referencial teórico é também baseado nos estudos de Roger Chartier sobre leituras e leitores na França do Antigo Regime, com distinções entre as classes popular e dominante. É realizada uma análise aprofundada de inventários e pesquisas sobre hábitos de leitura, sendo observadas diferentes formas de impresso, análise do mobiliário utilizado para o armazenamento de livros, na época, bem como roupas utilizadas para leitura e as diferentes formas de apropriação do texto.

Em relação ao hábito, a autora afirma que a leitura nesse caso requer um tempo desprovido de urgência configurado como atividade sem finalidade prática imediata, excludente das chamadas classes populares, por não terem estas os

instrumentos necessários, não promovidos pela educação familiar nem pelo sistema escolar, de forma que ignoram os valores dessa cultura dominante, apesar de reconhecê-los como sendo importantes e tentarem reproduzi-los ou aproximá-los de suas vidas.

A autora utiliza como material de pesquisa depoimentos de pessoas que possuem em casa coleção de livros organizada de forma a configurar uma biblioteca pessoal, textos auto-biográficos ou memorialistas, bem como partes de romances protagonizados por personagens leitores ou bibliotecários a fim de traçar uma “história da maneira de ler” a partir da identificação das disposições específicas que diferenciam os hábitos de leitura e as comunidades de leitores.

Velloso (2008) analisou as entrevistas realizadas levando em conta características como idade, formação, atividade profissional, sexo e outras. Apesar de encontrar muitas semelhanças entre o que é lido, encontrou também muitas diferenças na forma de organização e no hábito de leitura dos entrevistados. Os dados obtidos foram tabulados e as informações cruzadas a fim de permitir análise interpretativa. A autora conclui que o gosto pela leitura provém de um legado e que os proprietários de bibliotecas pessoais foram incentivados por algum parente durante a infância e guardam livros herdados. A biblioteca particular, afirma, é motivo de orgulho e símbolo de distinção que traz reconhecimento entre familiares. Todas as bibliotecas apresentam formas particulares de organização dos livros muito relacionada com a personalidade de seus donos, que tendem a comprar mais livros do que conseguem ler e apresentam hábitos de leitura bem demarcados delimitando locais e rituais de leitura.

Na tese de Antonio Donizetti Sgarbi, intitulada “Bibliotecas Pedagógicas Católicas: estratégias para construir uma civilização cristã e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929 – 1938)”, apresentada em 2001 à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o autor analisa os livros postos em circulação pelos sujeitos da pesquisa em duas instituições católicas. As bibliotecas analisadas pelo autor fogem um pouco ao conceito mais específico que se intenciona atribuir à biblioteca aqui, pois não se trata de um espaço físico e sim da circulação de impressos produzidos, criticados, lidos e referenciados pelos membros das instituições. Apesar dessa diferença, o material impresso nessa pesquisa é

entendido ainda como veículo de disseminação de cultura e por esse motivo estabelece relação íntima com o objeto que aqui se tenta caracterizar.

O autor apresenta como resultado importante da pesquisa a possibilidade de se conhecer, por meio da análise do material impresso que circula em um espaço de disseminação de cultura, as concepções pedagógicas de educadores católicos que determinaram as estratégias editoriais, revela também a importância de se analisar o material impresso tomado por “objeto cultural que guarda as marcas de seu uso”. A abordagem comparativa, entre as duas instituições permite compreender quais características são mais recorrentes e quais definem uma identidade cultural.

Retomando a biblioteca como espaço físico e analisando ainda as inúmeras possibilidades de pesquisa que o espaço proporciona, por ser um ambiente de disseminação e circulação de cultura com diversas maneiras de utilização dos espaços e ideias, a dissertação de Eliane Teresinha Peres, intitulada: “‘Templo de Luz’: Os Cursos Noturnos Masculinos de Instrução Primária da Biblioteca Pública Pelotense (BPP) 1875-1915.”, apresentada em 1995, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, analisa a experiência de instrução popular que ocorreu na cidade de Pelotas na Biblioteca Pública do município.

A autora propôs-se a analisar as relações que estabeleceram entre os alunos, oriundos de classes populares, do curso primário oferecido na biblioteca e os “homens da biblioteca” que proporcionaram o ensino primário noturno aos alunos adultos até a década de 1950 e compreender quais os ideais implícitos nessa iniciativa. O ponto chave nesse caso, não é a biblioteca, mas o curso oferecido nesse espaço, contudo o fato de acontecer em uma biblioteca, utilizando seu espaço, levanta hipóteses que podem ser abordadas nesse sentido.

Já a dissertação de Claudia Maria Rodrigues Alonso, intitulada: “Biblioteca escolar: um espaço necessário para leitura na escola” apresentada em 2007 na Universidade de São Paulo – USP, aborda a temática da leitura na escola e da função da biblioteca escolar na formação do leitor de literatura nos dias atuais. Apesar de se tratar de uma pesquisa situada no período atual, estando um pouco fora do período aqui delimitado, a pesquisa de Alonso (2007), estabelece relação com o tema aqui abordado uma vez que colabora para a construção de uma história da cultura pedagógica disseminada pelas/nas bibliotecas escolares.

A autora realiza uma revisão da literatura acerca do tema leitura na escola e de bibliotecas escolares e analisa dados coletados por alunos da disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. Analisa também os documentos oficiais acerca das bibliotecas na escola, a fim de compreender a forma pela qual as discussões se dão atualmente no âmbito oficial. A partir dessa análise documental e bibliográfica, Alonso (2007) pretende refletir as maneiras pelas quais o trabalho com leitura e a biblioteca escolar estão relacionados na realidade escolar atual, e ainda compreender a função do educador nesse processo. Busca ainda pensar de que forma a biblioteca escolar se insere na escola, verificando qual seu papel na formação do leitor, quais suas funções e os usos são feitos desse espaço pelos seus usuários sendo professores, alunos e funcionários.

A autora afirma que

Dentre os diferentes modelos conhecidos de biblioteca pode-se afirmar que um deles, a biblioteca escolar, teve seu papel construído em nossa sociedade em consonância com as diferentes escolas e com as políticas implementadas na educação, considerando-se também o contexto histórico e social.

Ao ler autores como Anne Marie Chartier e Jeán Hébrard (1995), Guglielmo Cavallo e Roger Chartier (1998), que buscam reconstituir a história da educação no Brasil, sobretudo aqueles que desenvolveram suas pesquisas dentro de mesmo paradigma teórico que o deste trabalho, é possível delinear relações de intersecção entre as demandas e necessidades das diferentes sociedades e os modelos de biblioteca escolar que eram apresentados como referência de um espaço pedagógico na escola, nos mais diferentes momentos da história da educação do Brasil e de países como a França. (ALONSO, 2007, p. 33)

Alonso (2007) realiza análise sobre a importância da biblioteca escolar afirmando que esse espaço, se bem utilizado, tem importância na formação do leitor e posicionando-se de maneira favorável à existência de bibliotecas escolares em todas as escolas brasileiras, juntamente com a formação inicial e continuada do professor a fim de que seja realizado um trabalho sólido e coerente com o proposto na legislação e nas teorias educacionais atuais. A autora traça ainda os caminhos históricos percorridos pela biblioteca até a criação da biblioteca escolar no mundo e de que forma ela chegou ao Brasil apresentando uma revisão da bibliografia a

respeito, e fundamentando seu trabalho na trajetória da biblioteca. Apresenta ainda exemplos estrangeiros de atividades realizadas em Portugal e na França que conciliam leitura e atividades na biblioteca e de que forma isso se aplica resgatando exemplos de planos educacionais desses países, bem como suas políticas públicas direcionadas para esse espaço pedagógico. Segundo a autora,

Do mesmo jeito em que se buscam alternativas para a aproximação do aluno ao espaço da biblioteca, é necessário pensar em estratégias para aproximar o professor, do universo que ele dispõe, pois somente após seu conhecimento, ele poderá propor estratégias diferenciadas de utilização desse espaço pedagógico. A biblioteca é um dentre o leque de recursos didáticos que a escola disponibiliza ao professor para que ele atinja os objetivos de seu curso. Seu objetivo primordial seria desenvolver e fomentar a leitura e a informação. (ALONSO, 2007, p. 93).

A biblioteca tem um papel importante, segundo a autora, não só na questão de desenvolver práticas de leitura saudáveis que favoreçam a aprendizagem escolar, mas vai além, na medida em que pode ser um veículo de favorecimento da transformação social, na perspectiva de Bourdieu. Romper com o modelo de reprodução, se as diretrizes oficiais que fundamentam o trabalho que deve ser efetuado nesse espaço fossem seguidas pelas escolas, oferecendo formação ao professor, recursos e materiais adequados, fossem de fato aplicadas, é uma possibilidade de ser alcançada em nossa sociedade com o apoio da biblioteca escolar.

A construção de um currículo escolar que valorize as tradições sociais de cada grupo de forma a quebrar, por meio da educação escolarizada, com a reprodução de um modelo de sociedade, oriundo das sociedades dominantes, favoreceria a inserção social das crianças oriundas de classes dominadas uma vez que teriam na escola fundamentos culturais que as crianças pertencentes a classes dominantes têm em casa.

A autora conclui seu trabalho afirmando que é necessária uma aproximação entre o ensino de leitura na escola e o trabalho com a biblioteca escolar, sem incorrer na criação de fórmulas nem em novas teorias ou metodologias de ensino, nem tampouco apresentar uma visão reducionista da questão e sim mostrar uma

proposta que envolva o comprometimento em favorecer o acesso do educando a todas as formas de cultura. Um grande aliado na mudança de paradigmas estabelecidos no olhar de professores e bibliotecários em relação aos temas leitura e biblioteca seria o intercâmbio de saberes na formação inicial desses profissionais, de forma a gerar uma interferência social.

Uma outra pesquisa, realizada em âmbito de mestrado, apresentada à Universidade de São Paulo, também é bastante significativa para compor esse panorama, pois apresenta um estudo sobre a instituição de bibliotecas nos grupos escolares do Estado de São Paulo no período de 1890 a 1920. Essa dissertação, intitulada: “A instituição de bibliotecas nos grupos escolares do Estado de São Paulo (1890-1920)”, foi escrita por Luciene Soares de Souza, no ano de 2009.

O período destacado é prévio ao aqui delimitado, contudo o trabalho aborda um importante momento na história das bibliotecas escolares: o de sua criação. A autora afirma que esse espaço destinado à conservação dos livros e à leitura estava previsto em decretos do governo e nas plantas de muitas escolas no início da República.

A fim de compreender as práticas educacionais desenvolvidas no âmbito do trabalho com a biblioteca no início da República, Souza (2009) buscou compreender como se constituiu um espaço específico de suporte à formação pedagógica de alunos e professores em Grupos Escolares, por meio da análise de fontes documentais como relatórios, decretos, leis, regulamentações, anuários e projetos que localizou no Arquivo do Estado de São Paulo, além das publicações educacionais *A Eschola Publica* (1893- 1897) e *Revista de Ensino* (1902-1918). De acordo com a autora,

as bibliotecas passaram a ser cada vez mais consideradas como um meio para a formação do leitor e para uma maior difusão da literatura infanto-juvenil na escola, e, a partir disso, foram defendidas formas de reestruturação desse espaço, para que este se tornasse um lugar atrativo, dinâmico, lúdico e funcionasse como incentivador e difusor da leitura no espaço escolar. Isso ocorreu, principalmente, na metade dos anos 1990, com as novas demandas educacionais representadas pelas políticas públicas configuradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, os quais orientaram como e o que deveria ser ensinado e aprendido no Ensino Fundamental. (SOUZA, 2009, p. 10).

Apesar de serem consideradas como um meio importante de formação do leitor, vários são os problemas existentes em relação ao funcionamento das bibliotecas, entre eles, falta de formação específica para o professor, falta de instalações, ou instalações em más condições e até mesmo bibliotecas em condições adequadas de uso que permanecem fechadas. A partir da verificação desse problema, a autora buscou compreender de que maneira se deu a criação das primeiras bibliotecas em grupos escolares no Brasil, delimitando sua pesquisa ao período de 1890 a 1920, quando surgiram as primeiras bibliotecas escolares.

A autora aborda em seu texto questões como o papel da biblioteca na cultura escolar, a organização administrativa dos grupos escolares e do ensino primário, o surgimento, a organização e a legislação acerca das bibliotecas nos grupos escolares, além da discussão e análise de algumas obras. Souza (2009) conclui que esse importante espaço escolar, a biblioteca, faz parte da cultura da escola, sendo assim, sua origem e organização estão relacionadas com os discursos em torno dos objetivos, métodos de ensino e materiais a serem adotados, que permearam o campo educacional no fim do séc. XIX e início do séc. XX. Para ela,

A biblioteca escolar foi e tem sido o resultado de um conjunto de determinações e discursos. A primeira dessas determinações é o estabelecimento de um espaço escolar de guarda e acesso aos livros, um lugar dentro da escola. Esse lugar pode não ser uma sala, um espaço físico constituído, como no caso de uma coleção de livros que fica no gabinete do diretor ou junto a outros materiais escolares. A esses espaços denominados bibliotecas são atribuídos estatutos simbólicos que possuem em si a constituição de uma relação entre a escola, os livros e os leitores desses livros, professores ou alunos. (SOUZA, 2009, p. 99).

Já a dissertação de Rita de Cássia Gonçalves Pacheco dos Santos, intitulada: “A Biblioteca do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto: acervo e leitura na formação do conhecimento histórico dos alunos do magistério”, apresentada em 2001 à Universidade Federal do Paraná, analisa o acervo da Biblioteca do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto de Curitiba, Paraná, observando as possibilidades de leitura decorrentes de sua constituição.

A autora delimitou sua pesquisa ao material das áreas de História e de

Historiografia representadas tematicamente segundo os critérios de Classificação de DEWEY (CDD). A biblioteca tomada como corpus da pesquisa foi a do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto – IEPPEP, onde foram levantados os títulos didáticos de História e de Estudos Sociais e dos títulos relativos à produção Historiográfica. Dentre esses títulos a autora contou 2638 que foram analisados quantitativamente a fim de caracterizar sua constituição. A quantidade de alunos inscritos na biblioteca também foi verificada, classificando-os entre matriculados no curso diurno e matriculados no curso noturno, a fim de se verificar as consultas ao material destacado observando maior ou menor incidência de retiradas entre os dois grupos.

Além disso, a autora realizou entrevista com a bibliotecária do Instituto, bem como levantamento de dados sobre a contribuição dos autores sobre a questão da cultura, origem das obras, local de publicação e editoras mais representadas no acervo, representatividade dos autores, leituras e suas possibilidades, bem como acerca da “[...] importância da biblioteca escolar como fator relevante na formação profissional do egresso do curso do Magistério.” (SANTOS, 2001, p.8).

A autora conclui que há

uma grande presença de autores de livros didáticos relativos às subcategorias História Geral e do Brasil e um número reduzido de autores de livros didáticos relativos às subcategoria História do Paraná e Estudos Sociais. Foi constatada também a presença de autores de livros de Historiografia considerados clássicos. A vida média do acervo, acima de quinze anos para as obras de categoria História, e de 25 anos para a categoria Historiografia, foi considerada clássica. Considera ainda a existência de uma inversão no papel da biblioteca escolar, pois ela se apresenta não somente como espaço de pesquisa e leitura, mas como uma instituição prestadora de serviços. (SANTOS, 2001).

Outro trabalho relevante a esse panorama é a dissertação que Monica Cristina Ferreira Silva, apresentou, em 2006, à Universidade Federal de Minas Gerais, intitulada: Formação de indivíduos leitores entre a biblioteca escolar, a família e outros apelos socioculturais. Esse trabalho não trata exclusivamente da biblioteca enquanto corpus de análise, contudo integra esse panorama, pois discute a importância da biblioteca na formação do leitor e analisa de que forma esse papel

se dá. O objetivo dessa pesquisa foi o de analisar como se forma o leitor literário procurando compreender quais os elementos importantes na socialização desses indivíduos para a gênese e atualização dessa disposição cultural. A biblioteca escolar de uma escola pública do município de Belo Horizonte foi o ponto de partida para a seleção dos sujeitos pesquisados e a observação das práticas de letramento literário escolar. A autora afirma que ao adentrar o espaço da biblioteca, estabeleceu

[...] contato com diversos leitores, os alunos que a freqüentavam diariamente. Com a inserção nesse ambiente, procuramos compreender, através da observação de sua dinâmica, as concepções de leitura subjacentes à sua organização, as possibilidades de letramento que se apresentavam nesse espaço e, ainda, que ações de promoção da leitura teriam efeitos sobre os sujeitos que ali circulavam. Dessa forma, esta biblioteca se definiu como o contexto escolar com interferências mais significativas sobre as atualizações das disposições leitoras dos pesquisados.

A escolha dos sujeitos se deu a partir de um questionário, que serviu como mecanismo de seleção de um grupo menor de indivíduos que, aparentemente, apresentavam diferenças em suas configurações familiares (relativas à posição social e práticas familiares de leitura, inferidas a partir das respostas escritas) e nas relações que eles próprios tinham estabelecido com a leitura literária. Através de entrevistas semi-estruturadas, procuramos aprofundar nossa compreensão acerca das disposições culturais desse grupo, principalmente, relativas à leitura literária. (SILVA, 2006, p. 11).

Após a caracterização das famílias, Silva (2006) investiga as ações decorridas no interior das mesmas, que oportunizaram a realização de leituras, e como se estabeleceram as relações com a leitura de obras literárias, bem como, com qual frequência e quais escolhas e formas que essa leitura assume. Houve grande ênfase na análise da biblioteca escolar, a fim de se descrever e analisar diferentes disposições para a leitura, e captar a gênese dos comportamentos que referem-se a uma certa afinidade para com essas práticas. A autora afirma que optou por, “[...] a partir da biblioteca escolar, procurar compreender os diferentes comportamentos dos leitores, bem como as influências ou contribuições provenientes desse ambiente sobre suas ações.” (p. 8). Assim considerou-se importante realizar a análise da biblioteca, incluindo a organização desse espaço, a maneira pela qual difunde a leitura e suas relações com a sala de aulas, investigando concepções de leitura presentes nesse espaço.

Silva (2006) define quatro perfis de leitores, selecionados de modo a representar diferentes configurações familiares, no que se refere ao capital cultural (escolar) e à presença/ausência de práticas de leitura literária nesse ambiente. A autora conclui que a partir de um acervo variado na biblioteca são geradas demandas específicas de leitores, há ainda a necessidade de se reorientar as atividades escolares, relacionadas à leitura literária, “[...] visando a ampliação dos conhecimentos dos jovens, relativos a esse campo, a fim de fornecê-los critérios para que possam construir o seu cânone pessoal, em diálogo com o conjunto dessa produção cultural.” (SILVA, 2006, p. 8).

Após discorrer sobre o trabalho de diversos autores sobre bibliotecas escolares, sendo pesquisas em história da educação, ou que se utilizem da história para estruturar o trabalho, ficam evidentes as inúmeras facetas que uma pesquisa na área de educação pode adotar tomando a biblioteca de uma escola como objeto de estudo. Muitas são as possibilidades de investigação possíveis a partir da análise desse corpus, seja olhando para seus usuários, seja analisando seu acervo, na totalidade ou em parte, seja observando sua arquitetura, a disposição dos materiais nas prateleiras, bem como os usos que se pode fazer desses materiais e os indícios que levam a crer o que motivou a escolha ou não, das obras disponíveis, enfim, há uma gama de possibilidades a ser explorada nesse objeto de pesquisa, e ainda há muito poucas pesquisas com esse enfoque, principalmente no período determinado. Dessa forma pode-se considerar este trabalho viável devido a importância de seu corpus na formação de professores no município em que se localiza.

1.2 – Biblioteca: Conceituando

Compreender o conceito de “biblioteca” apesar de aparentemente parecer algo simples pode não ser muito tranquilo uma vez que muitos são os sentidos que se atribuem a esse termo e que não há uma definição única e exclusiva ou mesmo um único significado à palavra que pode remeter a um espaço físico, uma coleção de livros sobre uma mesma temática ou mesmo um armário para materiais de leitura. A esse respeito, Souza (2009, p. 28) afirma que:

São várias as visões que recorrentemente tem-se de uma biblioteca. Vista por vezes como um lugar sagrado onde se guardam objetos considerados também sagrados, cujo deleite desse espaço é permitido somente para alguns escolhidos, outras vezes, a biblioteca, principalmente nos dias atuais, é vista como uma instituição envolta por burocráticos processos de disponibilidade à consulta e à pesquisa. Parece mesmo ser um lugar onde se defronta o prazer da leitura, do conhecimento e da informação.

O acesso à informação pode ser um dos eixos que permeiam o significado de “biblioteca”, uma vez que tendo ou não muros, sendo ou não uma coleção de livros ou mesmo um armário em uma escola, sua função primordial é a de guardar informações e disponibilizá-las de acordo com critérios mais ou menos rígidos a um público específico. Assim o conceito de informação pode se configurar como chave para a compreensão da finalidade original da biblioteca. De acordo com Jacob (2000), informação

não é um signo e sim uma *relação* estabelecida entre dois lugares, o primeiro, o que se torna uma periferia, e o segundo que se torna um *centro*, sob a condição de que entre os dois circule um *veículo* que denominamos muitas vezes forma, mas que para insistir em seu aspecto material, eu chamo *inscrição*. (p. 22, grifos do autor).

A informação é aquilo que se leva de um lugar a outro sem que se necessite carregar a matéria, é fazer com que o outro saiba aquilo que se quer saber sem que necessariamente veja ou toque nos indícios materiais do que se quer transmitir. Para essa transmissão existe uma necessidade de abstração do elemento que se quer informar e sua nova materialização em uma narrativa, fotografia ou em um impresso etc., a fim de que se possa alcançar o maior número de pessoas em menos tempo e com menos recursos. “A produção de informações permite, pois, resolver de modo prático, por operações de seleção, a contradição entre a presença num lugar e a ausência desse lugar.” (JACOB, 2000, p. 24).

Uma vez reunidas as informações sobre um determinado assunto em um impresso, há a possibilidade de se reunir diversos impressos em um mesmo espaço

físico ou ainda em um mesmo espaço abstrato, configurando-se por meio dessa reunião de materiais de leitura uma *biblioteca* que, se em um espaço físico, pode se constituir por uma estante de livros organizada nos corredores de uma escola, ou por ampla sala provida de estantes, balcão, mesas e cadeiras e, se em um espaço abstrato, pode se constituir por uma coleção de livros publicados por uma editora que não necessitam estar em um mesmo espaço físico para fazerem parte de uma biblioteca, basta que se organizem a partir de uma temática em comum, mais ou menos ampla.

A biblioteca enquanto instituição, organizada em um espaço físico, assume também importante função cultural para a sociedade, uma vez que se constitui como espaço de leitura e adquire caráter específico com regras claras tornando-se ao longo do tempo um espaço buscado para se ler em silêncio e realizar pesquisas das mais diversas naturezas em tempos e espaços distintos, mas com características em comum.

Apesar das inúmeras mudanças que esse *espaço* (físico ou não) cultural adquiriu desde a famosa biblioteca de Alexandria até os dias atuais, em que se disponibilizam acervos digitais em todas as partes do mundo, a “biblioteca” guarda ainda sua função principal de transmitir informações e de disseminar cultura e detém desde seu início, muitos sentidos que se atribuem a ela.

Podemos tentar compreender o significado das bibliotecas a partir dos muitos sentidos atribuídos às mesmas. De seu sentido original, estabelecido na Antiguidade, de depósito de textos escritos ordenados por meio de uma coleção de rolos de papiro, pergaminhos ou livros, entende-se que a biblioteca representa e reflete o papel dos textos como algo valioso para ser guardado. (SOUZA, 2009, p. 28).

O significado da biblioteca tem a ver não apenas com a constituição material em que se apresenta, mas também com a forma pela qual esse grandioso elemento cultural tem sido aceito pelas pessoas em diferentes contextos culturais e de que forma se configura a importância desse elemento na vida da sociedade em que se institui. A representação (CHARTIER, 1999) construída pelas pessoas que fazem

uso da biblioteca, em um determinado contexto específico, é fator definitivo para determinar a importância que esse espaço obtém e como se coloca em uma realidade, logo é também fator que define o conceito de “biblioteca”, pois esta só agrega sentido uma vez que é utilizada para fins determinados.

Dessa forma para estudar o conceito de biblioteca, deve-se em primeiro lugar compreender como as pessoas se *apropriam* (CHARTIER, 1990) dos elementos apresentados nesse espaço sejam eles culturais, sociais ou informativos, sendo o espaço um espaço concreto e físico ou mesmo um espaço abstrato e invisível constituído por uma forma de agrupamento previamente definida por uma editora ou autor organizador, como no caso das coleções denominadas “bibliotecas sem muros” (CHARTIER, 1998).

A leitura e a escrita adquirem função relevante nesse contexto, uma vez que sendo uma dependente da outra, pois só se escreve para que alguém possa ler posteriormente e só se lê aquilo que já foi escrito, pois é a partir delas que a informação contida em uma biblioteca se materializa, tornando-se disponível ao leitor que está livre para fazer a leitura que julgar conveniente do material disponível, em um exercício, consciente ou não, de seleção, localização, redução e reflexão.

Lugar da memória nacional, espaço de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, uma biblioteca também é o teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, os movimentos do pensamento. É um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor dos conhecimentos, a serviço da coletividade inteira. (JACOB, 2000, p. 9).

Ao longo do tempo, de acordo com Souza (2009), a sociedade vem organizando uma cultura escrita veiculada por suportes de textos que são produzidos e permeados por uma estrutura de conservação, e de transmissão de ideias coerentes. Essa estrutura de conservação é o que denominamos de biblioteca, que adquire usos e sentidos de acordo com aqueles que dela se utilizam e com as formas pelas quais eles a organizam.

Fazer uso da leitura, organizar livros em uma estante, transmitir cultura por meio de um impresso, elencar material para uma coleção, selecionar ideias para compor um livro, sintetizar conceitos para montar uma ideia, entre outras, são práticas culturais humanas que tangem a biblioteca enquanto instituição bem como enquanto conceito abstrato materializado em elementos físicos. Esse conjunto de práticas culturais, que faz circular a necessidade de obter e transmitir informação, torna a biblioteca tanto possível como necessária, na medida em que a organização de materiais de leitura produzidos permite a constituição de uma biblioteca e a existência dela possibilita o acesso ao conhecimento para a formulação de novas ideias e conceitos fazendo com que a biblioteca se alimente com seu próprio conteúdo.

Ler numa biblioteca é instaurar uma dialética criadora entre a totalidade e suas partes, entre a promessa de uma memória universal, mas que ultrapassa o olhar de todo o indivíduo, e os itinerários pacientes, parciais e atípicos, desenvolvidos por cada leitor. É tentar conciliar um desejo de universalidade e a necessidade de escolha, de seleção, até mesmo de esquecimento como as próprias condições de leitura e do pensamento. (JACOB, 2000, p. 10).

Quando o leitor adentra a biblioteca, depara com uma quantidade de livros muito maior do que a sua capacidade de ler alcança. Nesse momento ocorre uma sensação de deslumbre, consciente ou não, provocada pela grandeza imposta pelo ambiente. É um momento de defrontar o amplo e iniciar um esforço de seleção movido pela escolha que pode ser tanto objetiva quanto subjetiva, e resulta na localização dos materiais escolhidos e seleção das informações a serem absorvidas. (JACOB, 2000).

A biblioteca enquanto espaço de leitura proporciona ao indivíduo a condição de conhecer uma amplitude de livros sobre determinado assunto e, apesar da impossibilidade de se criar uma biblioteca universal com todos os livros publicados no mundo, provoca a sensação de magnitude cultural, por ter grande potencial de proporcionar acesso à cultura.

O trabalho na biblioteca é o do recurso aos livros, como depósito de conhecimentos, como etapa na geração de novos livros e novos saberes; o trabalho sobre a biblioteca é o que objetiva capturar os efeitos cognitivos inerentes à acumulação dos livros, a sua materialidade, aos laços que tecem entre si e com o mundo e que permitem a formação de gerações de leitores, sejam especializados – professores, intelectuais, literatos ...- seja o do leitor comum. (NERY, 2009, p. 126)

Estudar a biblioteca enquanto espaço de formação e disseminação de cultura é observá-la sob uma ótica que vai além dos aspectos físicos que existem nesse espaço, é assumir o papel de investigador que está em busca de desvendar as práticas culturais que existiram nesse espaço, absorver sua materialidade, analisá-la e considerar as formas de *apropriação* que seus usuários, leitores por definição, tiveram sobre seu acervo e sobre seu espaço.

É preciso observar duas funções iniciais que permeiam a biblioteca, uma que se refere à seleção e ao recorte da grande quantidade de publicações consideradas apropriadas ao leitor, que foram selecionadas e adquiridas a partir de uma ideologia pré-definida, de modo a organizar e dispor de maneira que se considere a mais adequada ao conjunto de materiais de leitura disponível e outra, que considera esse espaço enquanto instituição de formação e desenvolvimento do indivíduo e, também, das sociedades. (NERY, p. 127).

Define-se pela ligação dialética entre o que Jacob (2000) chama de um projeto utópico, de agrupar em um mesmo espaço todo o pensamento humano traduzido em livros, e as restrições impostas pelos aspectos físicos como espaço, conservação, disposição e comunicação dos textos. E, ao mesmo tempo, configura-se como um “desígnio intelectual”, um projeto, um conceito que atribui sentido e significado às práticas de leitura, escrita e interpretação. Para Jacob (2000) “[...] uma biblioteca não é necessariamente um edifício, como nos mostram as estantes de Alexandria ou os provedores didáticos que transmitem hoje, à distância, livros ou artigos digitalizados.” (p. 10).

Nesse sentido o estudo sobre bibliotecas requer para além de conceituar esse espaço, compreendê-lo em sua complexidade de signos e absorver todo o poder imposto pelos muitos anos de sua existência. Há de se considerar que o modelo

definido por Alexandria marcou uma identidade cultural e conceituou a ideia de biblioteca tal como se tem hoje. A biblioteca é um espaço, uma instituição.

1.3 – Bibliotecas Escolares – aspectos históricos

É imprescindível discutir a amplitude a que se atribui o termo *Biblioteca* e esclarecer, neste ponto, que a biblioteca que se discute neste texto é aquela que se constitui como espaço físico, destinada à formação de professores, contendo livros de educação, manuais de ensino e mesmo *bibliotecas pedagógicas*, agora sim no sentido de coleção de livros como as que começam a serem editadas nas primeiras décadas do século XX, em um movimento de instauração da pedagogia chamada “Escola Nova”.

As primeiras bibliotecas das Escolas Normais começam a se constituir, de fato, a partir da ampliação das escolas de formação de professores em São Paulo, em 1911, momento em que passam a contar com recursos específicos para a aquisição de livros e de móveis. O estudo da organização de tais bibliotecas, voltadas para a formação do professor, traz à tona elementos constitutivos da formação cultural e pedagógica e do estabelecimento de práticas específicas, que permitem uma melhor compreensão do período em foco. (NERY, 2009, p. 123).

Esse esforço de constituir uma biblioteca escolar em cada escola de formação de professores que se inicia por volta de 1911 no Brasil, já havia se iniciado anteriormente de maneira semelhante em países europeus como na França que, em 1833, se promulga a lei Guizot que obriga cada município a criar e manter uma escola, no prazo de seis anos. Em decorrência dessa lei e da consequente criação de casas escolas em diversos municípios, ao longo dos anos, em 1860, o Ministro da Instrução Pública Gustave Rouland demonstra estar satisfeito com a criação das escolas, em acordo com a legislação, com salas de aula amplas e em condições de assegurar a higiene.

Contudo, os municípios ainda precisavam se adequar ao uso dos materiais de ensino, que estavam se deteriorando em mãos inábeis dos usuários (HÉBRARD,

2004). De acordo com Hébrard, “os professores não sabiam administrar seu patrimônio instrumental, preservá-lo dos desgastes do tempo e das manipulações dos alunos.” (2004, p. 17). A fim de solucionar esse problema, Gustave Rouland determinou que cada prefeito instalasse nas paredes escolas um mobiliário que assegurasse a conservação dos livros e materiais de ensino das escolas. Surge assim a biblioteca-armário, um móvel fixado na parede, com 2 batentes, 1 metro de largura e 1,90 m de altura. As portas, poderiam ser completadas com vidros ou com madeira, entre os batentes. O objetivo da criação dessas bibliotecas-armário, não é outro senão o mesmo que impulsionou a criação de bibliotecas populares, destinadas aos trabalhadores, a fim de tornar os livros acessíveis a essa camada da população.

De acordo com Hébrard (2004), o Ministro Rouland difunde a ideia de uma escola com maior poder de aculturação dos alunos e da população, em um período em que o clima é em favor das bibliotecas municipais, conforme opinião pública e o divulgado pelos jornais. O governo se engaja então em um movimento de assegurar a participação dos professores primários, o que acabou por conquistar a hostilidade da opinião bonapartista ao longo do império, sendo acusados inclusive de causadores de problemas.

Dentre as inúmeras sugestões dos professores quando questionados em pesquisas sobre a importância e constituição das bibliotecas, cerca de um terço dos que responderam à pesquisa (480 de 1207) eram a favor da criação de bibliotecas populares. Destes 480, favoráveis à criação dessas bibliotecas, apenas 5 sugeriram que elas fossem controladas por professores primários, gratuitamente, solução essa que foi adotada pelo Ministro, ao transformar a biblioteca-armário em uma instituição: a Biblioteca Escolar.

Duas funções são, de início, atribuídas a essa biblioteca, de uma forma efetivamente original: salvaguardar os manuais didáticos e, particularmente, os que a escola poderá, doravante, emprestar às crianças necessitadas, dispensadas de pagar a contribuição escolar (os alunos “gratuitos”); emprestar, às famílias, livros expressamente previstos para esse fim. (HÉBRARD, 2004, p. 25-26).

Com isso, de acordo com Hébrard (2004), o Ministro tenta resolver dois

problemas distintos que tornam ineficazes as reformas escolares. O primeiro é em relação ao desenvolvimento do método simultâneo nas escolas. Para ser bem sucedido, o método requer que todos os alunos tenham os mesmos livros. Como muitas famílias não tinham condições de comprar o material, a implementação do método ficava difícil, porém com a cotização voluntária empregada aos alunos pagantes para o uso da biblioteca, acrescida de uma subvenção municipal esse material poderia ser comprado para os alunos “gratuitos”.

O segundo refere-se ao acesso desse acervo também aos adultos, que poderiam fazer empréstimos nas bibliotecas escolares. Com o acesso a esses livros as famílias rurais poderiam realizar leituras para ocupar o tempo ocioso nas longas vigílias de inverno, evitando a promiscuidade dessas pessoas, grande preocupação da igreja, e oferecendo a possibilidade de desenvolver o hábito de ler livros considerados de qualidade.

A competição com o mercado editorial é complicada, pois esse mercado investe na distribuição de livros que atendem às expectativas dos leitores não letrados que devem ser substituídos, de acordo com a Igreja e com o Ministro, pelos bons livros. Para a Igreja, esses seriam os livros de piedade e para o Ministro a escolha dos 'bons' livros deve ser mais esclarecida. Dessa forma, foi implantada ampla censura em relação ao que seria oferecido nessas bibliotecas escolares, a fim de disponibilizar apenas livros que, de acordo com o julgamento da Igreja, oferecessem à população ideias verdadeiramente sábias, provindas de sentimento nacional e imparcialidade.

Tentando apartar a colportagem assim como o gabinete de leitura, as bibliotecas fazem do impresso um objeto controlado em sua produção e difusão, mas, talvez mais ainda, territorializando em seu uso. Contrariamente ao livro comprado ou emprestado nas redes habituais, nas sociedades de leitura privadas ou comerciais, o livro lido na ou pela biblioteca se impõe ao leitor em um espaço e uma temporalidade que pouco lhe pertencem. Toda apropriação concreta, real ou simbólica do objeto (conservação para releitura, comentário, anotação, etc.) é proibida a quem empresta o livro e pode mesmo ser sancionada. Toda reciprocidade na troca – que se sabe é própria das sociedades de leitura, letradas ou não – choca-se com o anonimato do empréstimo e a necessária rotação das obras. Fazer do leitor, mesmo que já tenha saído do circuito da escolarização, um leitor acompanhado, tem-se aí o objetivo central da implantação das primeiras bibliotecas. (HÉBRARD, 2004, p. 29).

Assim sendo, é possível afirmar que oferecer à população livros provenientes de uma biblioteca permite que aqueles que têm o poder de controlar as entradas e as saídas de livros exercem também o controle sobre o que as pessoas que utilizam esse serviço leem e como elas fazem uso desse material, acreditando-se, dessa forma, controlar o tipo de informação que chega nas casas das famílias e o conteúdo do opinião pública que se deseja formar. Dessa forma a colportagem, venda de livros de porta em porta, perderia terreno, pois a população teria acesso aos livros da biblioteca. O interesse em formar essas bibliotecas é grande e o Ministro mostra seu esforço mais uma vez quando em 1862 entrega um lote de livros aos municípios que tinham a biblioteca-armário nas escolas.

“No dia 28 de fevereiro, indica-se aos reitores que as obras compradas pelo governo – um orçamento de 50.000 francos foi liberado para esse fim – foram reunidas em uma coleção, a *Biblioteca do Campo*, da qual o Ministro cuida pessoalmente.” (HÉBRARD, 2004, p. 30). Essa coleção apresenta obras selecionadas especialmente para serem lidas pelas pessoas do campo, contendo livros de vulgarização científica, adaptadas ao meio rural, leituras para as horas de vigília e as obras do Imperador. A partir desse momento os municípios têm a possibilidade de colocar em funcionamento a Biblioteca Escolar, para isso, basta que o município prove que instalou adequadamente o armário, e possua os manuais de ensino em quantidade suficiente aos alunos, que receberá os livros para inaugurar sua biblioteca.

Criam-se assim, as primeiras Bibliotecas Escolares, na Europa do séc. XIX. Uma sociedade que claramente manifesta sua preocupação com a educação e a aculturação das populações socialmente menos privilegiadas e considera as bibliotecas escolares como forma de tornar acessíveis os livros à população, com a possibilidade de exercer o controle.

No Brasil o movimento em prol das bibliotecas escolares também foi grande, mas inicia-se um pouco mais tarde, no início do séc. XX, período em que começaram a ser disseminadas como fundamentais para a educação, com os novos ideais educacionais em fervorosas discussões no país inteiro. O movimento chamado “Escola Nova” começa a se consolidar. Uma nova visão sobre o papel e as

funções da educação se forma e a relevância dada ao estudo, à pesquisa e à realização de leituras de manuais de ensino, por meio dos professorandos, alunos das Escolas Normais, passa a ser muito grande. (VIDAL, 2001).

Fernando de Azevedo, ao assumir a Direção-Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, iniciou um trabalho em prol da criação de espaços de preservação da cultura brasileira. Como uma das resoluções, “A partir de 1928, cada escola ficava obrigada a manter duas bibliotecas escolares: uma para alunos e outras para professores.” (Idem, p. 158).

Dessa maneira fica evidente que a preocupação com a leitura por meio de alunos e professores, em função de uma maior disseminação de cultura, era um dos pressupostos defendidos pelos idealizadores do movimento Escola Nova.

O novo conceito de formação de professores proposto pela reforma anisiana influía decisivamente para a ampliação das consultas e do número de obras da biblioteca do Instituto. O sistema de ensino [...] era de seminários. Estavam privilegiadas as atividades de livre pesquisa, bibliográfica, ou experimental, sobre temas surgidos em sala de aula. A pesquisa era seguida de discussões e análises sobre o material coletado. O hábito da leitura, da investigação em fontes secundárias era estimulado. (VIDAL, 2001, p. 168).

A fim de fazer com que os alunos frequentassem a biblioteca o Diretor da Escola Secundária era encarregado de incluir no horário dos alunos tempo destinado à pesquisa na biblioteca, relacionada aos temas trabalhados em aula. O material pesquisado pelos alunos era discutido em aula e a leitura e a pesquisa de fontes documentais eram assim estimuladas. (VIDAL, 2001, p. 168). As estatísticas mostravam que com essa iniciativa o número de consultas dentro da biblioteca excedia ao número de retiradas.

Essas estratégias de disseminação de cultura podem ser refletidas na intencionalidade que se configura pela própria criação dessas bibliotecas, na medida em que “[...] constituem repertórios, selecionam, classificam e dispõem diferentes materiais para a realização da formação de novos leitores especializados.” (NERY, 2009, p. 125).

Especificamente no caso das Bibliotecas das Escolas Normais, devem ser dispostos além de materiais para a formação de professores, materiais para uso dos

professores a serem formados, como livros literários e de literatura infantil, devido ao papel do professor como formador de novos leitores.

CAPÍTULO II – UMA BIBLIOTECA CATÓLICA PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

2.1 Biblioteca e formação de professores

Ao buscar a real importância da biblioteca como espaço físico e *ideológico* de disseminação de cultura e informação na formação docente, por meio do estudo de documentos oficiais e pesquisas que tratem do assunto diretamente ou mesmo que apresentem indícios que possam nos mostrar indiretamente como se configurou o uso desse *locus* e qual sua relevância na formação de professores, é necessário que o pesquisador atenha-se ao fato de que nem sempre o uso a que se destinou o espaço ao ser idealizado e construído foi de fato o uso que realmente se fez dele e há de se ter cautela ao realizar esse tipo de estudo para não incorrer no equívoco de afirmar categoricamente que os usos foram tais como aparecem em textos e documentos oficiais.

Por outro lado, deve-se saber reconhecer as limitações claras impostas pelo tempo e pelas faltas de fontes e discutir abertamente o assunto, apresentando os indícios encontrados nos estudos de outros historiadores e estudiosos importantes do tema e apresentar análise cautelosa que mostre com clareza a importância que se deu à biblioteca escolar no âmbito da formação de professores nos discursos oficiais, discutindo, dentro das possibilidades, aspectos culturais que envolveram a apropriação de professorandos do espaço em questão.

O mesmo pode se dizer sobre os usos dos materiais impressos, disponíveis nas prateleiras das bibliotecas e tão importantes quanto a própria biblioteca neste estudo, uma vez que constituem a principal finalidade de sua existência. É importante saber que para todo material impresso há uma *materialidade* nunca isenta da intencionalidade de seus idealizadores, intimamente relacionada ao que Carvalho (2001) chama de *usos prescritos* desse material. Contudo, uma vez em circulação, os *usos efetivos* podem ser aqueles que se intencionalizou ao produzir o

material ou outros ainda, relacionados à cultura local e/ou temporal da comunidade leitora que venha a fazer uso desse material. De acordo com Chartier (1999, p. 77),

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, essa liberdade do leitor que se desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivada das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura.

De acordo com Carvalho (2001, p. 137), “As estratégias de conformação das práticas escolares muito frequentemente fracassam, e os materiais impressos que elas puseram em circulação resistem, ganhando vida autônoma nas rotinas escolares.” Nem sempre um material impresso tem seu uso baseado naquilo que o autor previa para ele, assim, determinar os *usos prescritos* de um impresso é tarefa relativamente simples, contudo, essa determinação não satisfará nem poderá ser considerada como fidedigna ao uso que de fato foi feito desse material. A relação entre os usos de um impresso e suas prescrições é uma relação complexa.

Todo impresso ao ser produzido provém de uma série de características prescritivas em relação às concepções de ensino que se tem e que se quer transmitir, mas a partir do momento em que entra em circulação, o impresso pode passar a ser usado de maneiras diversas àquelas prescritas pelos seus idealizadores podendo inclusive variar muito de formas de utilização em espaços e tempos diferentes. “[...] determinar as estratégias políticas, pedagógicas e editoriais que produziram e fizeram circular um impresso é condição necessária, mas não suficiente, para se dar conta dos seus usos.” (CARVALHO, 2001, p. 138).

Carvalho (2001) afirma que os novos estudos em história da educação que têm impressos como objetos de estudo, em geral, não levam em conta essa dupla dimensão que envolve a produção e circulação desse material, direcionando o olhar

apenas para as prescrições inscritas nos saberes por eles veiculados, não se atendo às regras que envolvem a difusão e apropriação dos saberes bem como às regras culturalmente enraizadas nas concepções de pedagogia que configuram formas de *apropriação*.

As concepções acerca do conceito de ensinar, e também de aprender, um pouco mais tarde, foram sendo alteradas no pensamento de estudiosos da educação com o passar dos anos e a educação conseqüentemente foi sofrendo alterações em seu modo de ser posta em prática ao longo dos tempos, apesar de, como é sabido, nem sempre ter havido relação direta entre teoria e práticas educacionais.

Após passar por uma fase de “monumentalidade” durante a República, em que “aprender vendo” era um dos cernes da pedagogia em questão e as construções monumentais dos prédios escolares deixavam clara a importância que a República dava à educação, a escola começa a ser pensada como um ambiente de experiências práticas em que para aprender é necessário que a criança copie lições e observe exemplos. A pedagogia como “arte de ensinar” conforme afirma Carvalho, está fortemente ligada à *materialidade* dos impressos e objetos usados na escola. “A arte de ensinar torna-se largamente dependente da capacidade de observar para imitar” (2001, p. 141), os alunos dos cursos de magistério precisavam observar as aulas de professores já formados para assim aprenderem a ensinar, da mesma forma que os alunos primários precisavam ver objetos e materiais diversos para aprenderem.

Nesse contexto, muitas revistas e manuais de ensino são editados e publicados, visando fornecer modelos e exemplos de ensino para professores em formação, oferecendo revisão bibliográfica de autores importantes no campo educacional, apresentando resumos de conteúdo, modelos de atividades, esquemas e figuras para facilitar o estudo. Além desses modelos de atividades muitas revistas apresentavam, como é possível observar em alguns estudos, o que Carvalho (2001) chama de “coisas para usar” na sala de aula, como músicas, contos e poemas, fazendo do periódico uma espécie de “caixa de utensílios” (CARVALHO, 2001), à

qual o professor recorre para tirar ideias e modelos de lições que não necessitam de explicações¹.

A “arte de ensinar” pode ser definida como uma espécie de pedagogia da cópia de modelos no sentido em que apresenta formas de atividades que partem da observação de práticas de ensino, com a capacidade de compreender como se dão essas atividades observadas e aplicá-las na criação de outras atividades.

A partir da década de 1920, essa pedagogia como “arte de ensinar” vem perdendo força gradativamente e a partir da segunda metade dessa década são claros os sinais de que seus preceitos não dão mais conta de reger as práticas pedagógicas na escola e na formação de professores.

Diferentemente dessa pedagogia como *arte*, a chamada pedagogia da Escola Nova não põe em cena modelos para serem imitados. Os impressos dirigidos ao professorado não oferece roteiros de lições. A pedagogia deixa de fornecer cânones para fornecer fundamentos, subsidiando a prática docente com um repertório de saberes autorizados. (CARVALHO, 2001, p. 154, grifo da autora).

As concepções acerca da educação vão sofrendo alterações que ficam evidentes nos impressos destinados aos professores que circulam no campo educacional, uma vez que as formas como apresentam teorias educacionais bem como a maneira como definem o papel do educador vão se transformando e sofrendo alterações com o passar dos anos.

Na pedagogia da Escola Nova, não há mais um único livro de ensino que apresenta o conjunto de saberes necessários para a educação que sirva de base para os professores conduzirem suas aulas, apresentando atividades e lições prontas, privilegiando a cópia de modelos, há coleções de livros que discutem de maneira teórica as concepções de educação. A constituição de uma cultura pedagógica para a formação de um professor passa a ser o cerne da nova pedagogia e as *bibliotecas para professores* começam a ser editadas e publicadas.

¹ O estudo de Silva “A configuração do habitus professoral para o aluno-mestre: A Escola Normal de São Carlos (1911-1923)”, (2009), observa uso parecido nos periódicos veiculados no interior paulista.

Nessas bibliotecas para professores, o recorte temático efetuado pela seleção dos títulos que integram a coleção subordinam-se ao intento de constituir uma cultura pedagógica que sirva de fundamento e de critério para o exercício da prática docente. Trata-se de fornecer um repertório de informações e de referenciais críticos para o professor orientando-lhe a leitura como prática inventiva rebelde às prescrições de modelos. [...] Nesse campo normativo, o que importa é constituir uma cultura pedagógica, compondo-se um repertório de valores e de conhecimento destinados a balizar a prática docente. (CARVALHO, 2001, p. 155).

Assim, uma nova forma de encarar a leitura do professor começa a se constituir, privilegiando a criação de novos hábitos de leitura, em que são propostos roteiros de leitura e prescritas formas de utilização do lido. A criação de coleções de livros para professores vem ao encontro desses novos ideais e as bibliotecas pedagógicas são formadas com a finalidade de apresentar ao professor os saberes considerados necessários ao exercício do magistério. Nesse ponto o termo biblioteca passa a adquirir uma nova concepção, já existente, porém até então pouco usada. De acordo com Chartier (1998),

A separação dos livros que são imprescindíveis de se possuir dos que podem (ou devem) ser negligenciados é um dos meios de disfarçar a impossível universalidade da biblioteca. Há outros termos com que a língua dos séculos XVII e XVIII nomeia a palavra que define o lugar onde se conservam livros: uma *biblioteca*. Veja-se a entrada do termo no *Dictionnaire* de Furetière (1690). A primeira acepção é a mais clássica: “*Biblioteca*: aposento ou lugar onde se colocam livros; galeria, construção cheia de livros. Diz-se também de livros que são geralmente arrumados sob construções compridas e em arcos.” Segue-se um segundo sentido que designa não mais um espaço, mas um livro: “*Biblioteca* é também uma coleção, uma compilação de várias obras da mesma natureza, ou de autores que compilaram tudo o que se pode dizer sobre um mesmo tema”. (p. 70, grifos do autor).

Esse movimento editorial de publicação de manuais e compêndios de educação, em consonância com uma nova forma de ver a escola e a pedagogia, partiu da concepção que para se formar um bom professor era necessário levá-lo a

conhecer diversos temas em educação, como psicologia, pedagogia, sociologia, didática e outros de maneira que muitos compêndios e coleções foram publicados, no intuito de reunir de maneira prática, clara e objetiva, os conceitos pertinentes à educação a fim de disponibilizar formação para professores e alunos de cursos de magistério.

O papel da biblioteca escolar passa a adquirir fundamental importância tanto na formação de professores, como na aculturação daqueles já em exercício do magistério. As escolas passam a ser dotadas de bibliotecas, mesmo que em armários quando não fosse possível construí-las e os grandes institutos de educação começam a contar com uma biblioteca de professores e uma biblioteca de alunos. A reunião de manuais pedagógicos, periódicos da educação, coleções e compêndios educacionais em um mesmo espaço físico, proporciona ao profissional da educação, a possibilidade de estudar os fundamentos do ensino e adquirir uma maior *aculturação pedagógica*. “Moldar a escola segundo as novas teorias pragmatistas e vitalistas era tarefa a que se haviam lançado 'sistemas' de pedagogia que vinham sendo criados, alguns mais avançados, outros menos”. (CARVALHO, 2001, p. 160).

Nesse contexto, o educador Manuel Bergström Lourenço Filho, formado pela Escola Normal de Piratininga e pela Escola Normal da Praça de República, foi responsável por muitas das decisões políticas na área educacional brasileira, tendo exercido cargos importantes nessa área ao longo de sua carreira. Ao lado de Fernando Azevedo e Anísio Teixeira, entre outros, Lourenço Filho desenvolveu diversos estudos e foi precursor do movimento pedagógico chamado “Escola Nova” no Brasil, que se inicia com novas concepções em relação ao ensino e à formação de professores, dando à biblioteca um papel de destaque nessa perspectiva.

De acordo com Lourenço Filho (1944), “uma escola sem biblioteca é instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto”. As chamadas aulas de biblioteca começam a fazer parte do dia a dia

escolar de alunos primários, secundários e normalistas, o que pode ser percebido claramente no depoimento de uma professora apresentado no estudo de Vidal (2000, p. 11):

Nós tínhamos aula de biblioteca. Era obrigatório. Tínhamos aula de pesquisa de biblioteca, pelo menos uma hora por semana. Cada vez mais era uma matéria, que nós tínhamos que fazer pesquisa. Ou então íamos quando não tínhamos aula... Depois, à medida que o número de alunos do Instituto de Formação foi aumentando, eles começaram a não empurrar mais os alunos para a biblioteca como foi a primeira turma. Porque nós fomos praticamente uma turma de experiência do que eles chamavam de Escola Nova: preparo do professor para a Escola Nova.

Esse trecho foi relatado em entrevista pela professora Helena Silva de Oliveira, que estudou no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. É possível observar no relato, que com o surgimento da pedagogia da Escola Nova algumas alterações na forma de conduzir o trabalho com os normalistas foram sendo feitas e o trabalho com a biblioteca teve espaço de destaque nesse processo. Na administração de Fernando de Azevedo (1927-1930) e de Anísio Teixeira (1931-1935) na Instrução Pública do Distrito Federal, a constituição de bibliotecas nos Institutos de Educação era considerada ponto chave para o aumento na qualidade da formação dos professores.

De acordo com Vidal (2000), a partir do ano de 1928, um decreto assinado por Fernando de Azevedo, cada escola do Rio de Janeiro deveria possuir obrigatoriamente duas bibliotecas: uma para os alunos e outra para os professores, o que visava não só à melhoria na educação dos alunos, como a importância direcionada à aculturação dos professores.

Essa obrigatoriedade de haver um acervo adequado à formação dos professores foi tratada na carta de Lourenço Filho para Anísio Teixeira:

para as tarefas privativas de cada um, temos recolhido material abundante e excelente bibliografia (o livreiro Barnes tem-nos vendido livros em excelentes condições e, por isso, tenho insistido em carta

anterior a V. e Mário de Brito, quanto à possibilidade de remessa de parte da verba da Biblioteca do Instituto, para a compra de livros). (Vidal, 2000, p. 25)

É nesse contexto que as bibliotecas de Escolas Normais começam a adquirir caráter central nesses locais e são criadas as aulas de biblioteca em que os alunos (primários ou de magistério) eram levados pelos professores à biblioteca para fazerem pesquisas sobre temas propostos ou mesmo para estudar determinadas matérias. A Escola Nova era um movimento que requeria professores muito cultos, criativos e capazes.

Nesse mesmo período, Lourenço Filho, com a editora Companhia Melhoramentos lança a coleção intitulada “Biblioteca de Educação”, com a finalidade de reunir traduções de livros estrangeiros e publicações de estudiosos brasileiros abordando e discutindo os temas mais atuais da educação. A coleção era composta por uma série de manuais, independentes entre si, todos com assuntos completos e formando um conjunto harmônico dividido em duas partes, sendo a primeira de “caráter geral” e a segunda abordando os “temas práticos” da educação. Inicia-se assim uma nova política editorial em que a Biblioteca de Educação compreendia o conjunto de saberes que eram considerados cerne da transformação pedagógica da prática do professor.

Formar o professor é transformar a sua mentalidade. É fazê-lo percorrer o caminho que o leva à superação de suas concepções sobre a atividade do aluno, deslocando-as do terreno constituído por uma pedagogia centrada no exercício das faculdades da criança. É levá-lo à compreensão das “novas finalidades sociais” da escola. [...] o crivo que conforma a biblioteca de educação não é apenas constituído pelas concepções pedagógicas de Lourenço Filho, mas também pela avaliação que se fez das disposições, expectativas e competências de seu público leitor – os professores e as professoras. (CARVALHO, 2001, p. 165).

Essa nova concepção de educação que se fundamenta de maneira mais sólida com a coleção editada por Lourenço Filho, prima pela capacidade intelectual

do professor, e a necessidade de buscar o conhecimento é latente, os espaços de propagação de cultura são cada vez mais valorizados. De acordo com Vidal (2000), com a criação das bibliotecas escolares, cria-se também o cargo de bibliotecário, inicialmente ocupado por professores das próprias escolas. De acordo com a autora, as atribuições de um bibliotecário eram:

cuidar da conservação dos livros, organizar o catálogo e revê-lo anualmente, de acordo com os processos mais modernos, apresentar mensalmente ao diretor um quadro do movimento da biblioteca, manter o asseio na biblioteca e atender os professores, alunos e demais pessoas a quem for franqueada a consulta a livros sob sua guarda. (VIDAL, 2000, p. 14).

Vidal (2000) observa que é possível relacionar as consultas realizadas na biblioteca escolar em um determinado período, a partir da observação dos registros das escriturações de movimentação da biblioteca no período de 1925 a 1938, com o sistema de ensino observando assim, relação direta entre as práticas de aulas de professores e o movimento dos livros na biblioteca. Entre as atividades realizadas, há, por exemplo, o preparo de seminários sobre temas propostos durante as aulas, com o espaço das aulas de biblioteca, para consulta de material e preparo do seminário.

Cada vez mais a biblioteca é tomada como espaço de disseminação de cultura, e com o passar dos anos essa função passa a ser incorporada pelos alunos e tomada como parte de suas rotinas. Vidal (2000) aponta uma característica interessante na análise do controle de retiradas da biblioteca do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, entre os anos de 1930 e 1934, em que uma mudança no perfil leitor dos alunos ocorreu e os livros de pesquisa que eram os mais procurados perderam terreno para livros de literatura em geral, o que mostra que os alunos passaram a fazer uso das retiradas da biblioteca para leituras de deleite, tendo incorporado aos poucos o uso desse espaço em prol de aquisição de cultura de modo geral, formal ou informal.

Esses registros denotam a expansão de práticas de leitura no período em

questão. As atividades escolares são apenas um das vertentes que cercam a circulação de livros, há ainda a cultura então instaurada na sociedade, que caminhou paralelamente com o aumento do número de vendas e edições pelo mercado editorial no Rio de Janeiro.

As livrarias, para corresponder à lei da procura, expunham em suas vitrinas e balcões mais centrais as últimas novidades recebidas. Decroly, Ferrière, Clarapède, Piaget, Pierón, Kerschnsteiner, Kilpatrick, Dewey, Gates chegavam até os professores no original ou em versão nacional ou espanhola. *Introdução a Escola Nova*, teses *A B C*, de Lourenço Filho; *Escola Progressiva*, *Em marcha para a Democracia* de Anísio Teixeira; *Para novos fins. Novos Meios*, de Fernando Azevedo, foram os *best-sellers*, do momento. Não havia professor, que não os possuísse, não procurasse, em suas páginas, informações para suas dúvidas, e sugestões e recursos técnicos para o seu trabalho. (VIDAL, 2000, p. 31, grifos da autora)

Outro ponto importante iniciado pela pedagogia da Escola Nova foi o aumento do número de bibliotecas escolares nos estabelecimentos de ensino, de acordo com Marcílio (2005, p. 156),

A partir de 1930, aumentou-se o número de bibliotecas escolares. Em 1938, havia 155 estabelecimentos primários da capital com biblioteca para um número de estabelecimentos primários de cerca de 600. Apenas um em cada quatro estabelecimentos possuía biblioteca.

Em 1932, é inaugurada a Biblioteca Pedagógica Central, por Anísio Teixeira, ao substituir Fernando Azevedo no cargo de chefe da Instrução Pública do Rio de Janeiro. Esse espaço tinha como principal objetivo, emprestar livros aos estudantes e professores da rede municipal de ensino a fim de suscitar um aprimoramento cultural e profissional.

Os livros, compêndios, coleções e manuais de ensino disponíveis nas prateleiras das bibliotecas de educação não se encontravam ali dispostos aleatoriamente, eram escolhidos pela coordenação e corpo docente dos Institutos e denotavam indícios sobre as concepções de educação que circulavam nesses

espaços. Todos esses acontecimentos demonstram como a biblioteca escolar teve papel fundamental na formação de professores durante grande parte do século XX, tendo sofrido algumas alterações ao longo dos anos e passando a fazer parte da rotina de estudos dos alunos de cursos normais, num movimento de circulação e propagação de cultura.

2.2 O Movimento Católico e a Formação de Professores no Brasil

Para refletir sobre a intervenção católica na formação de professores no período que engloba 1959 – 1974 (período em que se insere esta pesquisa), é necessário determinar que essa intervenção se manifestou sobretudo por meio dos impressos disseminados no âmbito das Escolas Normais e Institutos de Educação, amplamente utilizados pelos seus docentes, num esforço de consolidar uma formação católica e reavivar o cristianismo na sociedade em geral por meio da educação. Muitos dos autores dos manuais que constituíram o acervo Joaquim Nabuco, *corpus* desta dissertação, são autores católicos com um propósito claro de formar e educar dentro da religião, como Theobaldo Miranda Santos, Alceu Amoroso Lima, Nazira Féres Abi-Sáber e outros.

Não é à toa que Theobaldo Miranda Santos é um dos autores mais publicados nesse período e seus livros e manuais de educação estiveram presentes se não em todas, na grande maioria das bibliotecas de formação de professores do país, nesse momento. A preocupação em manter uma moral e formação de acordo com os princípios católicos é ainda muito forte nesse contexto e se torna ainda mais evidente no caso aqui analisado, de uma biblioteca de uma escola confessional, com as aulas ministradas por freiras.

Assim pretendo mostrar aqui como se manifestou essa difusão de livros de destinação pedagógica por meio de autores e editores católicos. Almeida Filho (2008) afirma que as editoras buscavam diversas formas de divulgar seus materiais a fim de conquistar um público cada vez maior.

As estratégias de difusão das coleções cumprem, portanto, um itinerário de divulgação que vai das formas mais tradicionais a todas as possibilidades criadoras do editor. No caso dos títulos de Santos, publicados em coleções, ou de sua própria coleção, Curso de Psicologia e Pedagogia, além das tradicionais formas de divulgação apontadas por Olivero, o próprio autor tornou-se um divulgador de seus livros. (ALMEIDA FILHO, 2008).

Theobaldo Miranda Santos foi divulgador de seus próprios livros, pois, como afirma Almeida Filho (2008), era um professor atuante em cursos de formação docente em contato constante com seus alunos e leitores, além de ser reconhecido como grande autoridade no campo educacional, cujas publicações refletiam as necessidades dos professorandos, sendo consideradas de grande contribuição para a educação no país.

Reconhecido no país como grande nome na formação docente, Santos pode ser considerado no âmbito da formação de professoras no Instituto Coração de Jesus, no período entre 1959 e 1974, como o autor de mais relevância, uma vez que é o autor com mais livros no acervo, tendo 7 de suas obras presentes na biblioteca e não há nenhum outro autor com mais de 4 obras no acervo. Quando foi perguntado, em entrevista à Irmã Therezinha, diretora do Instituto por anos, acerca dos livros utilizados na formação das professoras o primeiro nome falado por ela foi o de Theobaldo; tinha-o na ponta da língua.

Além disso, seu nome é lembrado até os dias atuais, uma vez que, muito provavelmente por essa razão, nenhum de seus livros foi descartado no acervo até hoje, todos estão preservados em sala destinada à “obras raras”, com valor histórico. Entre os outros autores da educação, com mais títulos no acervo, pelo menos um dos livros sofreu descarte após a década de 1990.

Diversas foram as formas pelas quais os livros de Theobaldo Miranda Santos circularam por meio de uma estratégia de divulgação que favoreceu o reconhecimento em nível nacional, pelo menos, do autor e de sua obra. O autor ministrou aulas e publicou livros que abrangiam amplamente o campo educacional. Assim,

[...] fechou um circuito que abrangeu os três níveis de ensino: o primário, o secundário, acrescido ao ensino normal, e o superior, sobretudo as Faculdades de Pedagogia. Além das duas coleções voltadas para a formação de professores (Curso de Psicologia e Pedagogia e Curso de Filosofia e Ciências) nas quais era o editor e autor de todos os volumes, Santos ainda teve volumes publicados em duas outras coleções (Atualidades Pedagógicas e Iniciação Científica). Isso demonstra que os volumes de seus livros tinham uma excelente aceitação mercadológica. (ALMEIDA FILHO, 2008).

A Companhia Editora Nacional foi fundada em 1930 e teve, desde então, a estratégia de publicar em coleções. Essa forma de produção editorial teve sua origem no séc. XIX e se constituiu como forma de ampliar o mercado editorial e de conformação da cultura. Ainda assim, não se observou a presença de coleções na íntegra no acervo aqui analisado. Entretanto, houve grande presença de livros pertencentes a coleções no acervo, incluindo os de Santos que faziam parte de “Curso de Psicologia e Pedagogia” e “Curso de Filosofia e Ciências”.

A produção de coleções faz parte de um projeto editorial no qual as estratégias de publicação de livros de destinação pedagógica adquirem valor de mercado e de consumo tendo como um dos objetivos difundir entre os futuros professores uma pedagogia católica e produzir um modelo de saberes pedagógicos que circulem no campo.

Um dos objetivos desse processo de construção das coleções foi o de constituir um projeto amplo de conformação do campo educacional por meio da construção de um modelo de intervenção cultural, com a participação de diversos autores, consolidando uma pedagogia católica.

O projeto modelar católico contido nas coleções não era algo isolado, mas fazia parte de um projeto eclesial amplo de adaptação do catolicismo ao mundo moderno dentro de um quadro de reestruturação da própria Igreja com o objetivo de modernizar-se, sem perder suas raízes históricas. (ALMEIDA FILHO, 2008).

Um grupo de autores e pesquisadores da educação, denominado católicos, do qual fizeram parte, Alceu de Amoroso Lima, Theolbaldo Miranda Santos, Jônatas

Serrano, Gustavo Corção, Pe. Leonel Franca, Everardo Beckheuser, Pe. Helder Câmara e Leonardo Van Acker, entre outros, teve grande importância no movimento de difusão dessa pedagogia católica.

A partir de meados da década de 1940, e, sobretudo nos anos 1950 e 1960, a ação dos católicos já não era a mesma das décadas de 1920 e 1930 onde havia um combate às concepções liberais de educação, sobretudo à Escola Nova. A partir de meados da década de 1940, foi se construindo um modelo constitutivo de uma arquitetura de saber e de poder que envolvia um grande projeto eclesial de adequação do mundo católico aos tempos modernos, sem perder a essência da fé cristã e da doutrina católica. (ALMEIDA FILHO, 2008).

Foi um período em que o chamado movimento Escola Nova deixou de ser um mal a ser combatido e passou a integrar os autores católicos, num movimento de levar a fé cristã aos adeptos da modernidade e estar presente na formação e educação escolar. O meio da educação foi considerado de fundamental importância para a difusão da moral cristã pelos católicos, dada a possibilidade de intervir na cultura e formação pela ação pedagógica do professor. Essa difusão se deu, principalmente por meio das estratégias editoriais, com a publicação de livros e coleções que representassem suas concepções pedagógicas.

A atuação dos católicos, a partir desse período, foi a de conquistar espaços de intervenção na cultura, construindo um modelo de educação que não rejeitava mais os pressupostos da Escola Nova, mas que objetivava apropriar-se dessa leitura em um processo de depuração, modelando-a aos interesses da pedagogia católica. A partir daí, percebe-se que havia um discurso no sentido de ultrapassar a discussão de um possível retorno à cristandade e construir uma nova consciência nacional, porém a partir da concepção cristã e católica. (ALMEIDA FILHO, 2008).

O aumento da produção de impressos, por meio dos católicos, foi uma das formas de ampliação de sua ação na educação. Além disso, era comum a existência de cursos de formação de professores, em escolas confessionais, como a que aqui analiso. Nesses cursos, as aulas eram ministradas por freiras e os estudos de moral,

civismo e religião eram parte da grade curricular de todas elas. Formar um professor cristão que eduque seus alunos dentro de uma moral católica era grande objetivo desses cursos.

Até o final da década de 1920, era muito comum a discussão sobre a presença das aulas de religião na grade curricular das escolas, aos poucos essa luta perde força, dando lugar a outras estratégias de disseminação da cultura e moral católica. Até porque, a existência de aulas de religião nas escolas não garantia que a formação dos alunos fosse fundamentada em princípios católicos. Para isso, era necessário, antes de tudo, professores formados e comprometidos com a moral e educação cristãs. Para Almeida Filho (2008),

A grande preocupação dos católicos era construir um projeto estratégico de intervenção na cultura pela formação do professor que possuísse uma ação direta na escola, pois para os católicos não bastava conquistar uma aula de religião sem a construção de um modelo pedagógico católico que nortearia a ação do professor. Pelo modelo de uma educação católica que chegasse a conquistar o professor, realizando uma intervenção no processo de sua formação, a educação cristã chegaria à escola. (ALMEIDA FILHO, 2008).

Marta Carvalho e Almeida Filho, observam que a intervenção católica no início do século XX, mais precisamente nas três primeiras décadas, no campo educacional foi subestimada na historiografia educacional, que atribuiu a essa intervenção católica apenas uma reação ao processo de difusão do escolanovismo no país.

Entretanto, esse papel foi muito além de apenas rejeitar o movimento, e não se deu por vencido quando este passou a ser aceito pelos católicos. Na verdade fica clara a intenção de autores cristão dos anos 40, 50 e 60, de disseminar uma formação cristã. Nesse sentido, a título de exemplo, observo no livro de Abi-Sáber (1965), quando ao apresentar o esquema de Wellington Armanell, figura em que há um círculo com o termo “ciências” em seu núcleo, rodeado pelo nome de oito matérias, entre elas “religião”, envolto pela sentença: “estudos sociais – análise dos fatores ambientais”, que Abi-Sáber (1965) afirma: “Achamos o esquema do Dr. Wellington Armanell muito representativo da realidade, exceção feita no capítulo *religião*, que julgamos ser a atmosfera envolvente da *roda escolar*.” (p. 22, grifos da

autora).

Como é possível observar, no livro intitulado “Jardim da Infância: Programa para crianças de 5 e 6 anos”, em que o conceito de educação pré-primária, por si só, já era considerado extremamente moderno para o período, a autora coloca a religião como muito maior que apenas uma matéria, deve ser tida como atmosfera de toda a escola.

Para envolver a escola na moral católica, era necessária, acima de uma aula de religião, uma escola renovada, pautada nos moldes de uma pedagogia cristã. É nesse contexto que a produção editorial vai ao encontro desses ideais e a produção de livros para educação e formação de professores se configura como estratégia principal de consolidação de um modelo de educação cristã.

A Igreja percebeu que não bastava mais ficar apenas atacando as concepções do pensamento moderno ou, tão pouco, permanecer em uma posição defensiva. Todas as encíclicas papais, a partir de Pio XII, e, que se inserem nesse contexto, reconheciam a força do pensamento moderno e havia um chamamento à necessidade da Igreja em adaptar-se a esse mundo sem perder sua identidade e tradição católica. (Almeida Filho, 2008).

Não foram apenas os padres e bispos que se empenharam nessa empreitada, junto a eles, foram chamados pela igreja leigos que estivessem em alguma posição na educação. Os papas João XXIII e Paulo VI, seguindo o trabalho de Pio XII, consideravam de extrema valia a formação de dirigentes leigos e lideranças que tivessem uma atuação nas escolas e demais instituições importantes da sociedade.

Houve nesse período o reconhecimento de que a sociedade estava mudando e que a igreja perdia aos poucos influência em diversos setores sociais. A tentativa de ir contra esse movimento de “modernização” da sociedade se constituía como ineficaz e as grandes transformações sociais provocadas por esse fator impossibilitavam, por um lado, o retorno à cristandade, tal como ela se configurava. Ocorreu então, um movimento inverso da igreja em relação à modernização. No lugar de condenar o novo, a igreja passa a fazer parte dele e a defender um novo do qual a moral cristã e a religião católica fizessem parte e enaltescessem sua função. Uma nova escola que estivesse de acordo com as inovações impostas pela

modernidade, mas ainda assim centrada nas ideias do catolicismo, se fazia necessária frente à purificação na educação.

O papa João XXIII, em 1959, na encíclica *Principis Pastorum* afirma que a sede natural dessa formação, é a escola. Paulo VI, em 1964, na encíclica *Ecclesiam Suam*, ao conchamar os leigos para atuarem na sociedade reconhece que a Igreja deveria não só adaptar-se às formas do pensamento e da moral, que o ambiente terreno lhe oferece e impõe [...], mas também purificá-las dentro de uma nova missão. (ALMEIDA FILHO, 2008).

A partir de 1945, a igreja começa a buscar se adaptar no tempo. Essa busca ocorreu ao longo dos anos e algumas mudanças foram ocorrendo até o surgimento de uma estratégia para colocar a Igreja situada nas mudanças sociais, o Concílio Vaticano II (1962-1965). No Brasil, esse mesmo movimento foi ocorrendo e educadores católicos, liderados por Alceu de Amoroso Lima, participaram efetivamente de mudanças no campo da educação. O maior empecilho encontrado pelos católicos no empenho de consolidar uma “educação renovada católica” consistia nos princípios de laicidade da Escola Nova, bem como na democratização da educação nos moldes de John Dewey e Anísio Teixeira, no Brasil.

Em 1948 iniciou-se o trâmite no Congresso Nacional do projeto de Lei das Diretrizes e Bases da educação. Estando essa Lei de diretrizes e Bases da Educação em fase de construção, os educadores intelectuais, católicos e liberais, promoviam grande debate acerca do destino do ensino, público e privado, nas décadas de 1940 e 1950. Na verdade essa discussão nada mais era que a antiga disputa entre católicos e liberais, em nova pele, agora pensando na LDB.

A esse respeito, Almeida Filho (2008) afirma que esse projeto reabriu o debate educacional de 1920 e 1930 e, no decorrer dos anos em que tramitou a aprovação da lei no Congresso Nacional, foi objeto de inúmeras intervenções e discussões, inclusive com o substitutivo Carlos Lacerda, defensor dos interesses das escolas privadas. De acordo com Carvalho (2003), o objetivo do embate era o de difundir um projeto católico que atingisse não apenas as escolas católicas, mas também o trabalho de professores católicos em escolas públicas.

A laicização da cultura propagada pela conformação dos ideais da Escola Nova representava ameaça concreta ao catolicismo. Com isso, os católicos começaram a normatizar a conduta docente e a orientar as práticas escolares de professores a fim de buscar uma adesão à boa pedagogia (Carvalho, 2003).

Com o avanço do mercado editorial, principalmente após a década de 1930, o Estado Novo implementou uma espécie de expansão da estrutura educacional a partir da qual uma única proposta ordenadora se estabelecia, com anuência da Igreja católica . (Toledo, 2001).

Autores escolanovistas como Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, Anísio Teixeira e católicos como Theobaldo Miranda Santos, Everardo Backeuser entre outros, publicaram muitos títulos destinados à formação de professores em um processo de disputas e modelização dos saberes escolares. As coleções de Santos, situados nesse contexto de disputas, vinham ao encontro da estrutura curricular brasileira, tanto das Leis Orgânicas da denominada Reforma Capanema (Decreto Nº 8.530/1946), iniciada em 1942, como da Lei de Diretrizes e Bases de 1961, para os cursos voltados para o magistério primário. (ALMEIDA FILHO, 2008).

Os cursos de pedagogia tiveram seus currículos estruturados a partir de 1939, pelo Decreto-lei Nº 1.190, com a organização da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil e foram retificados pela Reforma Capanema, tendo servido de base para a formação de muitos educadores no contexto da disputa pela conformação do campo educacional. A ciência da educação vai se constituindo como área do conhecimento, adquirindo uma característica própria, muito bem representada pelas coleções, por meio dos compêndios e manuais que apresentavam *summas* nas quais os assuntos e temas pertinentes à educação foram sistematizados, resumidos e reunidos em livros e coleções, todos com estrutura muito semelhante, dividindo por capítulos e subcapítulos cada tema abordado.

Os volumes que compõem a coleção Curso de Psicologia e Pedagogia dos quais quatro deles foram publicados também na coleção Atualidades Pedagógicas, possuem por volta de 300 temas (constituídos em capítulos), aproximadamente 2000 subtemas,

dezenas de atividades pedagógicas teóricas e práticas, questionários, temas para discussão, referências de leituras, vocabulário pedagógico com definições, conceitos e biografia sintética de autores descritos no livro. (ALMEIDA FILHO, 2008).

Ainda conforme Almeida Filho (2008), esses saberes são dimensionados nas coleções por meio de uma perspectiva católica e, por esse motivo, o autor aponta uma crítica à Escola Nova nos moldes de autores como Dewey, por exemplo, apresentada em alguns trechos de livros de Theobaldo Miranda Santos.

Os autores que analisam a influência católica no movimento escolanovista afirmam que os católicos da educação impuseram um modelo cristão de pedagogia que de fato se realizou e foi responsável por grande parte da formação de professores ao longo de muitos anos, principalmente no período que é aqui analisado, décadas de 1940 a 1970. Ainda nos dias atuais podemos encontrar essas influências presentes em cursos de formação de professores.

2.3 – As editoras e os livros de formação docente

A fim de compreender como se manifestou o movimento editorial no período de publicação dos livros aqui analisados, e partindo do pressuposto de que por trás da publicação de cada compêndio, manual ou impresso escolar, existe um interesse comercial e, muitas vezes ideológico, por parte das editoras, bem como dos autores, apresento a seguir algumas considerações históricas a esse respeito. No capítulo seguinte observo que algumas editoras foram responsáveis pela maior parte das publicações presentes no acervo “Joaquim Nabuco” entre elas destaco as seguintes: “Nacional”, “Fundo de Cultura”, “Agir”, “Melhoramentos” e “Editora do Brasil”.

O início do século XX foi marcado pelo livro escolar como maior fonte de lucro no mercado editorial brasileiro. De acordo com Hallewell (1985), os livros para uso pedagógico começaram a ser impressos no Brasil no início do século XIX, durante as Guerras Napoleônicas, em que se interromperam a vinda de suprimentos da Europa. Mesmo assim, quando o comércio foi reestabelecido esse movimento de

imprimir os livros no país foi interrompido, devido à falta de procura por um público específico: as escolas eram poucas, tinham número reduzido de alunos e não tinham o hábito de usar muitos livros.

Esse quadro muda com a gradativa ampliação do acesso a escolas que se inicia na década de 1880, aumentando assim o consumo de livros de destinação pedagógica. Após a década de 1930, a educação começa a se popularizar, não sendo mais acessível apenas a um público extremamente restrito. Hallewell (1985) afirma que essas mudanças criaram um mercado seguro e permanente para as editoras que produzissem livros escolares e as empresas nacionais tinham melhores condições de adequar seus produtos aos currículos brasileiros e por esse motivo, tinham vantagem em relação às editoras estrangeiras. A esse respeito, Silva (2005) afirma que

[...] a revolução de 30 foi um marco fundamental na história do comércio livreiro. Entre as mudanças políticas, econômicas e sociais, houve o fim da tradicional valorização da cultura europeia e a configuração de uma nova consciência nacional, preocupada com as questões brasileiras. Tal ênfase, acompanhada da influência do mercado externo, resultou na significativa ampliação de impressos produzidos no país, sobretudo aqueles destinados ao uso escolar. (Hallewell, 1985). Dentre essa literatura, estavam textos sobre didática, pedagogia e metodologia de ensino, escritos para cursos de formação de professores. (p. 205).

Nesse contexto, vários estados brasileiros reestruturaram os currículos dos cursos normais, ampliando a presença de disciplinas como filosofia, sociologia, didática, prática de ensino etc.

As consequências sociais da Revolução de 1930 (§132) aceleraram a expansão do ensino secundário, que o Ministério da Educação e Saúde, então recém-constituído, começava a modernizar (pela Reforma Campos de 1931), principalmente atribuindo maior importância às ciências puras no currículo. (Hallewell, 1985, p. 367).

É justamente nesse período, mais precisamente no ano de 1925 que a Companhia Gráfica, editora de propriedade de Monteiro Lobato entra em falência, surgindo uma nova empresa, a Companhia Editora Nacional que foi montada em sociedade entre Monteiro Lobato e Octalles Marcondes Ferreira, seu ex. contador.

Desde sua fundação a editora Nacional teve como estratégia comercial a produção de livros voltados para o ensino primário até o superior. Essa estratégia tinha como objetivo conquistar todo o público leitor na área de educação. A companhia cresceu muito e foi uma das mais fortes no movimento editorial do período, tendo sido responsável pela publicação de diversas coleções destinadas à formação de professores e foi também a editora com maior número de títulos presentes no acervo Joaquim Nabuco.

Esse crescimento inicial da Companhia Editora Nacional ocorreu de forma paralela ao desenvolvimento do ensino secundário no país, e Octalles direcionou o trabalho editorial pedagógico de sua editora para esse nível do ensino. Em relação à educação secundária, as escolas eram frequentadas por um número muito pequeno de crianças em 1930, contudo cada criança utilizava livros mais caros e em maior quantidade. Fora isso, no ano de 1930, a grande maioria das crianças frequentava o ensino secundário em escolas particulares, apenas dez mil dos 83 mil alunos do ensino secundário frequentavam escolas públicas. Dessa maneira, o aluno da escola secundária dificilmente não teria condições de comprar livros por falta de recursos. (Hallewell, 1985).

Os livros didáticos nesse período se configuravam como prioridade da maioria das editoras e de acordo com Almeida Filho, (2008),

[...] o livro voltado para o uso de alunos em sala de aula ou fora dela era uma fonte segura de lucro e, por isso mesmo, estava situado entre as prioridades produtivas das editoras. [...] Nesse mesmo ano, os romances ocupavam o segundo lugar em edições, 29,31% dos investimentos editoriais, produzindo 51.000 exemplares numa produção de 64%. No ano de 1927, os livros didáticos passaram a ocupar o 5o lugar, com 12% da produção editorial da empresa e 33 mil exemplares.

Apesar de os livros didáticos caírem em porcentagem em relação ao ano anterior, (10,52%), o número da produção de exemplares por unidade, aumentou consideravelmente em relação a 1927. Em 1928, foram editados 48.000 exemplares didáticos que permaneceram em 5o lugar na prioridade editorial. Nesse mesmo ano, os romances se destacaram, ocupando o primeiro lugar, com 26% da produção editorial e 119.000 exemplares publicados.

Em 1929 e 1930, os livros didáticos passaram a ocupar o terceiro lugar na produção editorial, com 12,85% (53.000) e 18,20% (69.000), respectivamente, na lista de prioridades. (p. 25 – 26).

Além de representarem grande fatia de lucros para o mercado editorial, os livros didáticos passaram a ser também publicados em coleções o que aumentou ainda mais sua circulação. De acordo com Silva (2005), na década de 1930, 22 editoras eram responsáveis pela publicação de material de leitura para alunos e professores no Brasil, dessas 22, 13 publicaram coleções. Ainda segundo a autora, esse tipo de iniciativa, que surge no final da década de 1920, além dos interesses editoriais, também se motivou por interesses culturais, dos precursores do movimento escolanovista, como forma de circular ideais do movimento.

Muitos autores brasileiros publicaram suas obras em coleções, algumas delas analisadas neste trabalho, no capítulo seguinte, e houve ainda muitas traduções de obras estrangeiras compondo as coleções. As coleções visavam contemplar diversas áreas do conhecimento de maneira que uma coleção pudesse ser adotada na íntegra por um curso de formação de professores e dar conta do currículo.

A Companhia Editora Nacional foi uma das empresas que melhor se adequou ao mercado, tornando-se responsável por aproximadamente um terço dos livros produzidos no Brasil. Além disso, foi uma editora que manteve um crescimento constante na publicação de livros de destinação pedagógica, durante os 22 anos em que existiu, não é a toa que se trata da editora com maior número de publicações pedagógicas no acervo “Joaquim Nabuco”, totalizando 16 títulos no acervo. (Hallewell, 1985).

Para se ter ideia da proporção de crescimento dessa empresa, segundo Hallewell (1985), na década de 1930, muitas editoras entravam em crise, enquanto isso, a Nacional aumentava sua produção de livros pedagógicos, se configurando como a maior empresa de edição no país.

Na década de 1960, a produção da Companhia Editora Nacional girava em torno de seis milhões ao ano. De acordo com Hallewell (1985),

A média anual de edições novas era de 200 a 250 títulos; no entanto, esse número parece ter sofrido uma redução progressiva: 133 em 1963, 94 em 1964, 76 em 1968, 81 em 1969 e 77 em 1970. Essa aparente estagnação quantitativa, contudo, esconde um crescimento

qualitativo, que manteve a Nacional não só como a maior empresa do ramo exclusivamente editorial, mas também como a mais lucrativa. A década foi marcada, na Nacional, por uma mudança programática. Com o crescimento da concorrência na área didática, concomitantemente com o crescimento do mercado (Ática, Ibep, Moderna, a nova FTD, Ao Livro Técnico, Scipione, Saraiva etc., além de inúmeras casas de menor projeção que também começavam a disputar esse segmento editorial). (p. 381).

O autor afirma que a Nacional diminuiu a quantidade de novas publicações, mas melhorou significativamente inúmeras coleções e publicações de seu catálogo, o que se reverteu em lucros para a empresa. As alterações ampliaram os livros, atualizaram seus conteúdos, adicionaram figuras coloridas, refizeram capas, edições maiores, incluíram livros de exercícios, e livros do mestre, modernizando todas as publicações da empresa, para acompanhar a evolução editorial. Essas alterações aumentaram não apenas o tamanho dos impressos, como também a quantidade de papel e o custo de produção, o preço ficou mais alto e a Companhia lucrou mais.

Com o falecimento do dono da editora Octalles, em 1973, detentor de quase todas as ações da empresa, os herdeiros tentaram assumir o comando da Companhia, mas não souberam administrá-la, e acabaram vendendo as ações à empresa de José Olympio que solicitou financiamento total da operação ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) que adquiriu as ações pelo equivalente a mais ou menos US\$16 milhões, no final de 1974. Como a situação financeira da José Olympio não tornava possível a transferência da Nacional, a editora passou a ser propriedade do BNDE. O BNDE enfrentou grandes problemas para administrar a Nacional e a empresa começou a ruir tornando-se um fardo. Em 1980, a editora foi comprada pelo Ibep (Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas), por um excelente preço.

No ano de 1943, seis professores da Companhia Editora Nacional, responsáveis pelo programa de livros didáticos, deixaram a empresa e se dedicaram em compor seu próprio negócio, uma nova empresa nasce, a Editora do Brasil, que em pouco tempo se configurou como muito importante editora de livros didáticos e infantis.

De acordo com Hallewell (1985), outra editora de grande importância no período foi a livraria e editora Artes Gráficas Reunidas S. A. - a Agir. Essa empresa

foi umas das que sobreviveram ao pós-guerra, ajudando a fortalecer a indústria nesse difícil período. Cândido Guinle de Paula Machado foi o principal fundador da editora, presidida por seu filho, José de Paula Machado, nos últimos anos, até o encerramento das atividades em 1999.

Outro dos fundadores foi o mais proeminente católico leigo do Brasil, Alceu Amoroso Lima. Os interesses da empresa abrangem, desde o princípio, as áreas de religião, arte, literatura brasileira, pedagogia e livros didáticos (em especial, com a coleção "Nossos Clássicos", manuais sobre os escritores mais representativos das letras luso-brasileiras), aos quais foram acrescentados depois os campos da biografia, comunicação, fotografia, culinária, teatro e literatura infanto-juvenil. (Hallewell, 1985, p. 494).

A editora Agir teve a reputação de ser a editora com melhor administração de toda a indústria editorial brasileira até meados da década de 1980, sob a presidência de Cândido Guinle de Paula Machado. Seu catálogo era vasto, com uma linha editorial que englobava obras clássicas, literatura infantil e juvenil, religião, autoajuda etc. Foi a editora que publicou os três livros de Maria Junqueira Schimidt que analiso no capítulo seguinte, totalizando 14 livros no acervo *corpus* desta pesquisa.

A Editora do Rio de Janeiro que ofereceu apoio financeiro, juntamente com outras editoras, ao Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, que apoiava a ação dos militares na década de 1960, por meio de propagandas. A editora esteve entre as 60 responsáveis por 80% da edição de livros didáticos no Brasil nesse período. Juntamente com a Agir, a editora Fundo de Cultura também fez parte do grupo responsável pela maior parte das publicações de livros de uso escolar no país. Essa editora foi a responsável pela publicação dos livros de Imídio Giuseppe Nérici, integrantes do acervo Joaquim Nabuco, analisados no capítulo seguinte, totalizando 15 livros no acervo.

Com 13 publicações no acervo "Joaquim Nabuco", estiveram a Editora do Brasil e a Melhoramentos. A Melhoramentos iniciou suas atividades em 1877, como uma empreiteira de obras públicas e foi formalizada em 1890, para a fabricação de papel. A parte editorial iniciou-se em 1915, em outra empresa, a Weiszflog Irmãos, e, no início de 1921, fundiram-se as duas empresas, nascendo assim a Melhoramentos que se configurou como uma das maiores e mais fortes empresas do mercado

editorial durante muitos anos. De acordo com Hellewell (1985),

A Companhia Melhoramentos de São Paulo é um enorme conglomerado, classificado, em 1971, no 145º lugar entre as quinhentas maiores empresas do Brasil. Além disso, é uma das maiores indústrias de papel do país. [...] Em termos de recursos totais, a empresa era, então, a segunda em tamanho no negócio de livros do Brasil; contudo, mesmo sem contar a fabricação de papel, seria facilmente uma das dez, maiores. Quer em termos de sua atual produção editorial, quer de seu catálogo geral, a Melhoramentos tem estado, desde muitos anos, entre as três maiores. Em 1967, seu capital mais reservas totalizavam 32,8 milhões de cruzeiros novos e seu lucro líquido foi de 9,6 milhões. A produção naquele ano foi de 7416000 exemplares e 391 títulos, 38 dos quais (com 515 mil exemplares) eram primeiras edições. (p. 332).

A Melhoramentos publicou inúmeros títulos de diversos gêneros ao longo de muitos anos, além de CDs. Entre os temas das publicações estão: ciência popular, culinária e artes domésticas, atividades de lazer e artes. Mesmo não sendo seu forte, a empresa, foi responsável pela publicação dos romances de José Mauro de Vasconcelos (1920-1984), autor de *Meu Pé de Laranja Lima* (1968), obra que vendeu 1,2 milhão de exemplares em menos de dez anos além de três milhões em traduções publicadas fora do país. É responsável também pela publicação de atlas e dicionários, e coleções de livros de bolso. (Hallewell, 1985).

Apesar dessa ampla gama de gêneros de publicações da Melhoramentos, seu forte sempre foi a produção de livros de literatura infanto-juvenil e os de uso pedagógicos, que totalizam, em média dois terços da produção total em títulos. A publicação de livros infantis se configura como forte da Editora desde seu início, ainda na época dos anos iniciais Weiszflog Irmãos, em 1915, quando se deu início à atividade editorial da empresa com a publicação de “O Patinho Feio”, de Hans Christian Andersen, ilustrado por Francisco Richter. Hallewell (1985) também afirma que

Outro nome ligado aos primeiros tempos da atividade editorial da empresa foi Manuel Bergström Lourenço Filho (1897- 1970), cujas atividades, a partir de 1922, como diretor do ensino no Ceará, do que resultaram Escola Nova (1925) e Introdução ao Estudo da Escola Nova (1929), inspiraram toda uma geração de reformadores

educacionais em todo o Brasil. Além do cargo de consultor editorial em que a Melhoramentos fez questão de mantê-lo por muitos anos, a partir de 1927 organizou a "Biblioteca de Educação" para a editora. A partir de 1926, fez também a revisão sistemática de todos os livros infantis da casa, num esforço para ampliar a faixa etária de cada título, mediante a simplificação do vocabulário e a eliminação de quaisquer passagens que pudessem provocar "sentimentos de medo ou de terror". (p. 334-335).

Dessa forma é possível considerar que essa editora teve grande importância na formação de professores no período em estudo, sendo de fundamental importância para a veiculação dos princípios do movimento escolanovista, dada a relevância das obras de Lourenço Filho para o movimento.

CAPÍTULO III – BIBLIOTECA JOAQUIM NABUCO

Com a finalidade de compreender de que forma se exerceu a circulação de saberes profissionalizantes no âmbito da formação de professores por meio da disponibilização e utilização de livros pedagógicos na Biblioteca “Joaquim Nabuco”, foram analisados alguns livros de ensino ainda presentes na instituição de ensino, *corpus* desta pesquisa.

Para tanto, identificaram-se quais foram os livros pedagógicos oferecidos por essa instituição no período delimitado, considerando alguns aspectos para sistematização da pesquisa, contemplados em quadros construídos a partir de dados obtidos na análise do livro tombo da instituição, bem como nas buscas no sistema digital on-line da biblioteca “Cecília Meireles”, *Electus*. Após serem tabulados os dados foram analisados a partir de critérios pré-estabelecidos, a saber: quantidade de livros pedagógicos oferecidos; relação de títulos oferecidos em mais de um exemplar ou edição; e incidência de autores, incidência de editoras.

Foram selecionados os títulos de livros que se referiam à educação direta ou indiretamente. Todos os livros pedagógicos e de disciplinas voltadas para a formação de professores foram selecionados e tabulados, com o maior número de informações possível sobre cada título. A maioria das informações apresentadas no quadro está de acordo com as apresentadas no livro tombo, sendo que muitas estão incompletas ou com falta de dados. Alguns desses livros ainda se encontram no acervo, de modo que as informações puderam ser recuperadas e acrescidas ou corrigidas no quadro em apêndice, porém, alguns livros já foram descartados e estão apresentados conforme constam no livro tombo.

Após a tabulação dos dados, os livros pedagógicos selecionados foram buscados no sistema *Electus* disponível on-line pela instituição a fim de localizar os exemplares que ainda se encontram disponíveis nas prateleiras da instituição.

Como muitos desses livros estavam catalogados no livro tombo com falta de dados ou com nome de autor e título incompletos ou mesmo grafados incorretamente, a localização dos livros no sistema tornou-se um tanto quanto difícil

e morosa, sendo muitas vezes necessário realizar diversas buscas para localizar um único livro.

Alguns desses impressos, apesar de terem sido encontrados no sistema *Electus*, com os dados de sua localização, não foram localizados no acervo, apesar de terem sido buscados mesmo fora de sua localização oficial. Outros ainda, apesar de não terem sido marcados a lápis como “descartados” no livro tombo, não foram localizados no sistema, nem pelo nome do autor, nem pelo nome da editora, nem pelo título ou mesmo pelo tema e foram listados como “não localizados” no quadro I, apresentado em apêndice. Alguns livros não constavam no sistema online, mas permaneciam nas prateleiras da biblioteca e suas localizações foram acrescidas no quadro, conforme encontradas. Estes foram os últimos a serem listados, pois apenas no momento das digitalizações é que se soube deles.

O quadro I foi delineado a partir da leitura dos títulos dos livros pertencentes ao acervo “Joaquim Nabuco” disponíveis no livro tombo de número 1 da “Biblioteca Cecília Meireles”. Ao ler cada título, foi analisada a possível relação do item com a formação dos professores. Considerando que grande parte desse material foi descartada ao longo dos anos, algumas informações foram difíceis de serem localizadas, pois muitos desses títulos estão listados no livro tombo com poucas informações de imprensa e sem a localização do livro no acervo.

O acervo “Joaquim Nabuco” foi constituído por 5253 livros de diversos gêneros, dentre os quais, cerca de 223 são livros pedagógicos destinados ao uso das normalistas. A grande maioria desses livros foi descartada ao longo dos anos pelas bibliotecárias por serem considerados “ultrapassados” ou “fora de uso”, tendo permanecido alguns exemplares nas prateleiras até os dias de hoje.

Cada item selecionado foi acrescentado no quadro que apresento em apêndice, com todas as informações tais quais se encontram no livro tombo e em seguida, como segunda etapa, foram procurados no acervo, a fim de localizar informações complementares, bem como a classificação do material no acervo para posterior digitalização. Mesmo os itens listados como “descartados” no livro tombo foram buscados, a fim de se obter certeza de seu descarte e alguns foram localizados em edições mais recentes, tendo feito parte apenas do acervo “Cecília Meireles”, em período posterior ao aqui delimitado. Foram localizados 75 livros, ainda presentes no

acervo, cuja classificação foi registrada no quadro I. Todo esse material que ainda se encontra disponível na “Biblioteca Cecília Meireles”, foi digitalizado e realizou-se análise de parte desse conjunto, a fim de se compreender de maneira mais significativa de que forma o conteúdo desses impressos representa um conjunto de ideias acerca da educação, que possa sintetizar o que se considerava importante para formar professores no contexto em questão.

Após concluído o “Quadro I” com a relação de todos os livros possivelmente usados na formação de professores no Instituto Coração de Jesus, foram feitos outros quadros, com seleção de informações determinadas a fim de possibilitar uma melhor compreensão da relevância de cada item na constituição do acervo. Foram listadas para tanto, os autores que se repetem e as editoras com maior número de materiais. Após essa seleção, foram criados os quadros II e III que apresento em apêndice.

Para cada quadro, selecionaram-se os itens que mais se repetiram para análise mais aprofundada, por considerar que a maior quantidade de um autor ou editora, por exemplo, não se dá aleatoriamente, e sim por conta de uma intencionalidade dos protagonistas da formação do acervo, professoras, bibliotecária, coordenação e direção do curso Normal. Essa consideração se reforça pelo fato de não haverem doações de livros no período, e por serem todos adquiridos pela instituição por meio de compra, certamente foram selecionados de forma criteriosa e adquiridos de acordo com aquilo que se considerava importante para a formação de professoras.

Foram considerados, para a formação do quadro II, com a relação de autores com maior incidência de títulos, todos os autores que apresentam dois ou mais títulos no acervo estudado. Desses autores, foram selecionados os com maior número de repetições para análise mais aprofundada, a saber:

- ABI-SÁBER, Nazira Féres, *Jardim da Infância: programa para crianças de 5 e 6 anos; O que é jardim da infância?; O período preparatório à aprendizagem* (não localizado); *Biblioteca de orientação da profª primária* (não localizado);

- FONTOURA, Afro do Amaral, *Sociologia educacional* (descartado); *A escola viva* (descartado); *Prática de ensino* (não localizado); *Introdução a sociologia*(não localizado); *Psicologia geral* (não localizado);
- NERICI, Imideo Giuseppe, *Introdução à Didática Geral: dinâmica da escola; Você e a educação; O drama da idade* (descartado); *Adolescência* (descartado);
- PIERRO, Scipione Di, *Matemática curso moderno* (não localizado); *Matemática na escola renovada* (não localizado); *Matemática para a escola moderna* (descartado); *Manual do professor* (não localizado);
- SANTOS, Theobaldo M., *Manual de filosofia; Manual de Sociologia: introdução didática ao estudo da Sociologia; Manual de psicologia; Noções de psicologia do adolescente; Noções de Filosofia da Educação; Noções de História da Educação; Aprenda a educar seu filho;*
- SCHMIDT, Maria Junqueira, *Orientação Educacional; Ensino científico das línguas modernas* (não localizado); *Educar pela recreação; Também os pais vão à escola;*
- VARRENE, Dr., *Psicologia; Educação pelo exemplo* (não localizado); *Como obter êxito nos estudos* (não localizado); *As pequenas virtudes do educador* (Descartado)

Apenas os livros ainda presentes no acervo foram analisados, totalizando 14 livros, todos em exemplar original disponível na biblioteca no período aqui destacado.

Em relação às editoras também foi feita uma análise quantitativa, criando-se um novo quadro, a partir das informações obtidas no Quadro I, com a finalidade de realizar pesquisa acerca das editoras com maior número de incidência no acervo Joaquim Nabuco. Todas as editoras relacionadas no acervo foram contadas e

tabuladas no Quadro III, apresentado em apêndice.

Ao todo são apresentadas 75 editoras, responsáveis pela publicação dos 223 títulos de livros de destinação pedagógica presentes no acervo Joaquim Nabuco. Algumas se tratam não de editoras propriamente ditas, mas de programas editoriais, como no caso do PABAE - Programa de Assistência Brasileiro-Americano ao Ensino Elementar¹, por exemplo. Em alguns dos livros publicados pelo programa aparece o nome da “Editora Brasileira de Direito”, em outros aparece apenas o nome do programa, e por ser considerado o responsável pela publicação dos livros optei por deixar o nome do programa no campo “editora”. Dessas 75 editoras, 27 se repetem, pelo menos uma vez e as editoras com maior número de incidência são: Nacional (16 livros); Fundo de Cultura (15 livros); Agir (14 livros); Editora do Brasil (13 livros); Melhoramentos (13 livros); Vozes (12 livros); FTD (11 livros); e Paulinas (10 livros).

Para análise dos livros de destinação pedagógica foram observados aspectos da *materialidade* entendida como parte física e editorial dos impressos, a saber: número de páginas, cores utilizadas, nome da editora, pertencimento à coleção, lombada, distribuição de informações na capa, biografia do autor, ano de publicação, carimbos da instituição etc., bem como análise do conteúdo do material. Não foram, contudo, observadas marcas de leitura, realizadas pelos autores, nem tampouco marcas do tempo.

3.1 - Os livros de Nazira Feres Abi-Sáber

Nazira Féres Abi-Sáber foi Conselheira Estadual de Educação em Minas Gerais, Membro da OMEP – Organização Mundial para a Educação Pré- escolar, Técnica de Didática de Educação Pré-primária do PABAE, Orientadora Geral das Classes Pré-primárias do Estado de Minas Gerais, cursou “Educação Elementar” na Universidade de Indiana, nos Estados Unidos.

¹ O Programa PABAE foi criado no período de 1956 a 1964, por meio de acordo entre Brasil e Estados Unidos. A finalidade do programa era a melhoria da qualidade da formação de professores para o ensino primário, bem como, indiretamente minimizar o analfabetismo, a evasão escolar e o grande número de professores leigos.

A autora teve importante participação nas discussões sobre a educação pré-primária, no período em que estas discussões emergiam no Brasil, décadas de 1950 – 60. Considerada Nazira Abi-Sáber, uma das pioneiras na Educação Infantil no estado de Minas Gerais, sua participação no PABAE foi de extrema importância, pois coordenou e orientou projetos e publicou livros pelo programa.

Entre suas principais publicações estão: *A Criança de Quatro Anos* (1962), *O Período Preparatório e a Aprendizagem da Leitura* (1962), *Jardim da Infância: programa para crianças de 5 e 6 anos* (1963), *O Que é Jardim de Infância?* (1963) e *Um Lugar para Lúnia* (1979) – este último de literatura infanto-juvenil.

No ano de 1962, Abi-Sáber realizou, juntamente com outros integrantes do PABAE, o “Seminário de Educação Pré-primária”, a partir do qual professoras bolsistas do programa puderam apresentar suas experiências práticas na pré-escola, aplicando o “programa²” apresentado por Abi-Sáber. A partir desse seminário as bolsistas puderam analisar o “programa”, acrescentando modificações e sugerindo planos de atividades que foram sendo acrescentados aos livros da autora, reeditados em edições especiais.

Essa troca de experiências mostra a forma como a autora encaminhou seu trabalho durante sua participação no PABAE, promovendo, juntamente com seus pares, inúmeras discussões acerca do ensino pré-primário, que resultou na publicação de livros e capítulos de livros que podem, tomados os devidos cuidados, ser considerados pioneiros no Brasil, uma vez que as discussões acerca do tema ainda estavam começando a tomar forma.

É importante ressaltar que a autora defendia uma educação “democrática e cristã – educação de base”, que conforme afirma, é

[...] a que prepara o homem todo, em todas as suas complexas condições físico-psicológicas, que se inicia muito cedo, desde que ele (o homem) nasce, até que se torne adulto e capaz de se conduzir com liberdade, ao adquirir a autodeterminação.

O maior erro da escola brasileira é, a nosso ver, justamente esquecer as bases, isto é, o menino desde o momento em que nasce ou um pouco antes, quando devem começar os cuidados pré-natais.

² Apresento aqui o termo “programa” entre aspas, assim como a autora em seus livros, por afirmar que não se trata de um programa fechado, considerado por ela incabível ao ensino pré-primário.

[...]

A criança que é abandonada à sua própria sorte, no seio da família – família essa que não está, geralmente, em condições econômicas e culturais de assisti-la – a criança, repetimos, chega à escola nas mais precárias condições físicas e mentais. Ela é fraca, doente, raquítica, desnutrida, emocionalmente desajustada, socialmente rejeitada, e, em virtude de tôdas essas carências, não pode enfrentar as obrigações escolares, muito difíceis para ela, acima de suas possibilidades. (ABI-SÁBER, 1963, p. 8).

Essa preocupação com a educação de base, chamada educação cristã, está presente no discurso da autora, nos manuais analisados e em outras de suas publicações. É possível notar que ela apresenta uma relação entre a falta de uma escolarização antes da idade de 7 anos e os altos índices de reprovação escolar existentes no momento. A autora defende, durante sua trajetória na educação, que é imprescindível educar a criança pequena, preparando-a para o ensino primário, a fim de suprir as carências culturais e sociais existentes, muitas vezes, nos seios familiares.

3.1.1 O livro “Jardim da Infância: programa para crianças de 5 e 6 anos” (1963)



Figura 1: Capa e folha de rosto de “Jardim da Infância”

O livro intitulado “Jardim da Infância: programa para crianças de 5 e 6 anos” foi publicado em edição especial, por Nazira Féres Abi-Sáber, com a colaboração de Maria da Conceição P. do Carmo, no ano de 1963, pelo PABAE. O exemplar analisado pertenceu ao acervo “Joaquim Nabuco”, conforme é possível observar pelos carimbos existentes. Apresenta-se em capa de cores laranja e branca, com as letras em cor preta. O Título principal é apresentado com letras grandes, todas maiúsculas, seguido do restante do título, em letras pequenas, alinhadas ao centro. Os nomes das autoras aparecem um pouco abaixo, em letras menores e o nome do Programa responsável pela publicação dessa edição especial, no rodapé, em letras de cor branca, maiúsculas de tamanho médio.

A lombada está bastante deteriorada pelos efeitos do tempo, mas é possível observar que apresenta ao topo o ano de 1964 (que não condiz com o ano apresentado na folha de rosto – 1963, talvez por na lombada estar apresentado o ano da tiragem e na folha de rosto o de publicação), ao centro o título completo do livro e abaixo, o nome do programa. Na primeira página, em branco, estão apenas o carimbo da biblioteca “Cecília Meireles”, no rodapé, e a inscrição a lápis: “T – 1742”.

Na folha de rosto, apresentam-se o título do livro, ao centro, seguido dos nomes da autora e da colaboradora posicionados à direita, e no rodapé, o logotipo e o nome do Programa, seguidos do local e data: “Belo Horizonte – 1963”. Nesta folha há o carimbo em cor rosa da biblioteca “Joaquim Nabuco”, com o nome e endereço da instituição, sobreposto pelo carimbo da biblioteca “Cecília Meireles”, em cor azul, cobrindo apenas o nome da biblioteca. Um pouco mais abaixo, está outro carimbo da biblioteca “Cecília Meireles”, também em cor azul, com as informações sobre o nome do local, instituição e município, seguido pelos campos “no.” e “data”, preenchidos por caneta de tinta vermelha.

No verso da folha de rosto está o carimbo em cor rosa, pertencente à biblioteca “Joaquim Nabuco”, com a inscrição “T”, preenchido com caneta de tinta vermelha e anulado com um “X” de caneta também vermelha. O tombamento inicial do livro era 849 e foi retombado com o número de 1722 em 24/04/1974. A contra capa, nas mesmas cores da capa, apresenta apenas o nome da ilustradora, em letras pequenas, no rodapé: Maria Augusta Roque da Silveira.

O livro contém 372 páginas e está dividido em 20 partes não numeradas, apenas intituladas, além da “apresentação” e “prefácio da edição especial”. A autora inicia a apresentação do livro afirmando que a edição especial do livro teve acolhimento unânime, tendo recebido inúmeros pedidos de reedição da obra. Esse livro foi reeditado após algumas modificações decorrentes da aplicação do “programa” de educação pré-escolar pelas bolsistas do PABAE, que sugeriram modificações e acrescentaram sugestões de atividades.

A autora afirma que os índices de repetência nos últimos anos em Minas Gerais já chegou a 68% e que esse fator é decorrente da falta de um olhar para a criança antes dos 7 anos de idade, quando inicia os estudos.

A solução, a nosso ver, seria uma campanha larga e profunda de assistência à infância de zero a seis anos – assistência essa que atingisse, também, às famílias dessas crianças. Tal assistência não poderia manifestar qualquer paternalismo. Deveria, ao contrário, ser antes de tudo, educativa e informativa. Deveria levar às populações menos favorecidas economicamente uma profunda mensagem de confiança e consciência de seu próprio valor de criaturas humanas. Os pais, em contato com os educadores, aprenderiam os princípios de uma vida mais justa e mais condizente com o seu valor espiritual. (ABI-SÁBER, 1963 p. 8-9).

Abi-Sáber (1963) afirma que esse contato com as famílias deve acontecer em ambientes apropriados, como escolas maternais e jardins de infância, onde as crianças atendidas serviriam de veículos de atração dos pais, pois devido à pouca idade deveriam chegar acompanhadas pelos pais e estes seriam oportunamente assistidos. Afirmo ainda que a prática de educação dos adultos por meio das crianças é muito usada em todas as culturas de todos os tempos. “Em resumo, a *escola pré-primária* é, inegavelmente, um *veículo de educação de base*”. (ABI-SÁBER, 1963 p. 9, grifos da autora).

No prefácio da edição especial a autora afirma que são apresentadas muitas sugestões de atividades, em número maior que o possível de desenvolver em uma classe de jardim. Assim o intuito do livro é oferecer apoio para que as professoras selecionem e criem atividades para desenvolver com seus pequenos, com base no exposto. “Não nos perdoaríamos se as professoras ficassem prêsas ao ‘conteúdo’ que aqui lhe apresentamos.” (ABI-SÁBER, 1963, p. 11). O livro defende que na

educação pré-escolar não deve haver “Programa” no sentido comum da palavra, pois ele restringiria a atuação das professoras e o desenvolvimento espontâneo das crianças.

Ainda assim a primeira parte do livro é intitulada “Programa de Jardim da Infância”. Nessa parte a autora explica que o livro surgiu após a formação de grupos de estudos para a criação de uma metodologia do ensino pré-primário, e partiu de muitas discussões. Explica também que na idade de 5-6 anos a criança necessita de preparo para ingressar no primário e que esse preparo deve ocorrer o mais cedo possível. Afirma também que intencionam publicar também um livro para o ensino de crianças de 4 anos. Mais uma vez a autora deixa clara a intenção de não estabelecer um programa rígido, mas delinear os principais objetivos, temas e atividades. Avisa às professoras que não encontrarão ali normas e princípios definitivos e que espera que cada sala de aula tenha suas próprias características.

A autora, ao longo do livro, fala das fases de desenvolvimento da criança, ambientes em que vive a criança, métodos e técnicas para desenvolver atividades, fala dos objetivos do Jardim da Infância, detalhando um a um e explicando o que a criança deve ser capaz de saber e fazer, explica como se deve organizar um dia no Jardim da Infância, e apresenta diversas partes explicando com exemplos e sugestões de atividades como alcançar cada um dos objetivos apresentados, mostrando às professoras pré-primárias como trabalhar em sala de aula.

Ao final do livro não há mais considerações ou conclusões, a última parte refere-se a algumas receitas de tintar e massinhas para atividades com artes e, por fim, é apresentada a bibliografia.

3.1.2. O livro “O que é jardim da infância?” (1965)

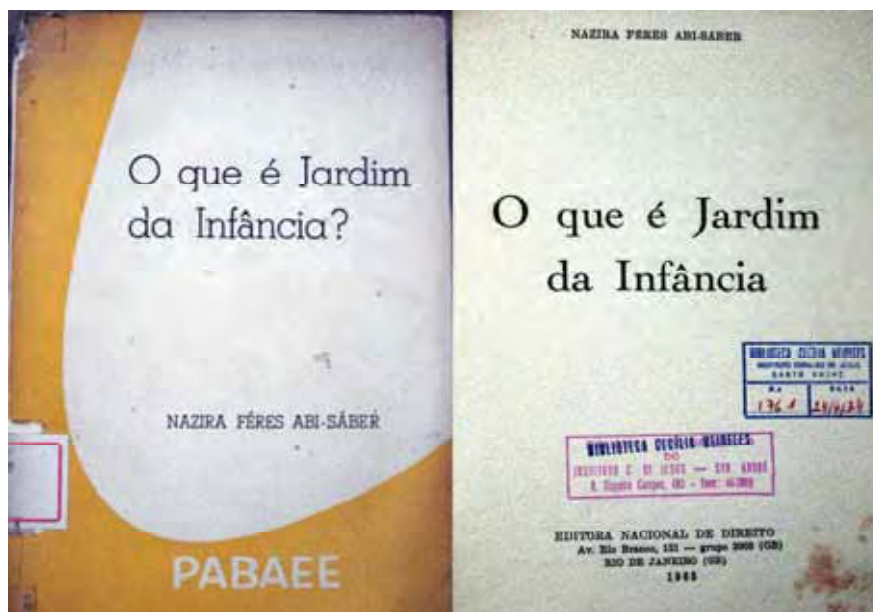


Figura 2: Capa e folha de rosto de “O que é Jardim da Infância”

O livro de destinação pedagógica intitulado “O que é Jardim da Infância?” foi escrito por Nazira Féres Abi-Sáber, no ano de 1965, publicado pelo PABAE e pela Editora Nacional de Direito, em Belo Horizonte – MG. Apresenta-se em capa de papelão de cores amarela e branca com as letras escritas em cor preta; o título é apresentado em letra de tamanho grande, na parte superior, estando o nome da autora na parte inferior e o nome do programa no rodapé em letras brancas.

Na lombada apresentam-se o título e o nome do programa, escritos em letras pretas. Na contra capa não há inscrições, apenas as mesmas cores da capa formando figura semelhante. Na primeira página há o título do livro escrito ao centro e um carimbo da biblioteca “Cecilia Meireles”, no rodapé. No verso dessa página são apresentados os títulos da autora, a saber: Membro do Conselho Estadual de Educação; Membro da OMEP – Organização Mundial do Ensino Primário; Técnica Didática de Educação Pré-Primária do PABAE; Orientadora Geral das Classes Pré-Primárias do Estado de Minas Gerais; Curso de Educação Elementar na Universidade de Indiana - USA. No rodapé da mesma página está a inscrição: “Edição autorizada pelo:” seguido das siglas PABAE (Belo Horizonte – MG) e INEP (Rio de Janeiro – GB).

O livro tem 186 páginas e divide-se em nove capítulos não numerados, além

de prefácio, bibliografia e um apêndice intitulado: “O que é o PABAE”. Na folha de rosto está o nome da autora ao topo, o título do livro ao centro, e no rodapé, o nome e informações da “Editora Nacional de Direito”, seguidos do ano “1965”. Estão presentes os carimbos da biblioteca “Joaquim Nabuco”, de cor rosa, com o nome da instituição telefone e endereço, sobreposto pelo carimbo da biblioteca “Cecilia Meireles” em azul, em cima do nome anterior, deixando visíveis o nome e dados da instituição; e um terceiro carimbo de cor azul apresentando o nome da biblioteca “Cecília Meireles”, do instituto, cidade, e os campos “N.o” e “data”, preenchidos com caneta de tinta vermelha, sendo “3039” e “24/4/74”, respectivamente.

A autora justifica o livro como importante para analisar os problemas da educação pré-primária e coloca como centro da discussão o comprometimento da professora e sua clareza de objetivos, bem como as condições físicas e materiais das instituições de ensino. Inicia o prefácio afirmando quais são os problemas discutidos no livro. De acordo com a autora,

Em continuação à nossa série de publicações destinadas à divulgação dos princípios e normas da educação pré-primária, estamos apresentando aqui o trabalho no qual resolvemos tratar do Jardim da Infância e dos seus problemas básicos.

Chamamos “problemas básicos” não apenas aqueles que se referem a questões gerais, mas, principalmente, aos que alicerçam o trabalho da professora no Jardim da Infância. Eles se referem à sua filosofia de ação, à sua maneira peculiar de conduzir as atividades e, por isso mesmo, decidem de todo sucesso do trabalho futuro. (ABI-SÁBER, 1965, P. 11).

A autora coloca ainda que os aspectos de ordem física, relativos ao prédio da escola interferem no sucesso ou insucesso do trabalho e tiveram local de destaque na publicação. Após o prefácio, está o primeiro capítulo, que trata dos “Objetivos do Moderno Jardim da Infância”. Diferentemente do livro acima analisado, a autora não apresenta nesse outro tudo aquilo que a criança deve ser capaz de saber e fazer ao final do jardim da infância, faz ao contrário, dura crítica social em que apresenta dados estatísticos comparando índices de reprovação entre crianças que frequentaram a pré-escola e crianças que não o fizeram. A autora coloca que muitos pesquisadores afirmavam em suas obras que as escolas de educação pré-primária “antigamente” não passavam de depósitos onde eram deixadas as crianças apenas

para serem cuidadas enquanto as mães trabalhassem e que ainda nos dias então atuais, esse quadro continuava a se apresentar, conforme afirma.

Para Abi-Sáber, as autoridades não dão o devido valor a essa etapa da educação e muitos acreditam que se trata de um luxo dispensável em um país em que ainda não se atende à totalidade de demanda em ensino primário. Outros, ainda segundo a autora, acreditam que essas escolas servem apenas para brincar e que quaisquer condições físicas e materiais servem a elas. Os altos índices de reprovações no 1º ano primário e de evasão escolar mostram que o problema é alarmante e para a autora, o quadro é muito semelhante ao dos EUA 20 ou 30 anos antes.

A autora continua apresentando justificativas fortes ao ensino pré-primário e apresenta alguns gráficos provenientes de pesquisa realizada no Rio de Janeiro em que mostrando os índices de reprovação no primeiro ano primário em escolas públicas, comparando os resultados de grupos de crianças que frequentaram a pré-escola com grupos de crianças que não frequentaram. De acordo com os gráficos, o grupo com experiência em jardim da infância apresentou 80,32% de aprovação no primeiro ano primário, enquanto o grupo sem experiência apresentou apenas 57,89% e a média para o Distrito Federal no mesmo período era ainda mais baixa: 36,31%.

A autora apresenta ainda resultados de pesquisas em São Paulo e no Rio de Janeiro em que foram aplicados os “testes ABC”, de Lourenço filho, para a verificação da maturidade de crianças, comparando também, crianças que frequentaram a pré-escola com as que não o fizeram. Os resultados também apresentam melhor desempenho para as com experiência em jardim da infância. A autora segue assim afirmando o quão necessário se faz um olhar mais direcionado aos problemas do ensino pré-primário, tratando de sua importância. Afirma que

Sabemos de crianças que passam dois ou três anos na escola pré-primária completamente ignoradas das professoras e sem nenhuma oportunidade de se estabilizar e ajustar intelectual e emocionalmente. Casos como este é que depõem contra o conceito do Jardim da Infância. (ABI-SÁBER, 1963, p. 23).

A autora aponta ainda quais são as necessidades das crianças nessa etapa

de escolarização, bem como quais os deveres da professora, explica como se estrutura o ensino pré-primário e aponta alguns equívocos docentes, discutindo suas causas e ainda apontando soluções. A autora conclui o capítulo afirmando que

[...] levar a criança a *Viver e conviver* no grupo a que pertence, prepará-la para a aprendizagem futura, e deixa-la *expressar-se*, livre e espontaneamente, através da atividade artística e criadora, são os *objetivos* fundamentais do moderno Jardim da Infância. (ABI-SÁBER, 1965, p. 30, grifos da autora).

A autora apresenta ao longo do livro outros capítulos com críticas à forma como se estabelece o ensino pré-primário no período e apontando diversas soluções para as questões levantadas. É possível notar em seu texto como se estrutura essa modalidade de ensino na visão da autora. O livro se encerra com a bibliografia e um último capítulo intitulado “O que é PABAE” em que a autora apresenta em duas páginas quais os objetivos e o trabalho desenvolvido pelo Programa.

3.2 – Os livros de Imídeo Giuseppe Nérici

Imídeo Giuseppe Nérici nasceu em Bagni di Lucca, Itália, em 16 de março de 1915. cursou o primário no Grupo Escolar Major Hermógenes, em Cruzeiro, São Paulo. Licenciado em Pedagogia e Filosofia pela Universidade do Brasil (Rio de Janeiro), foi orientador educacional, psicólogo e professor de várias instituições de ensino normal e superior nas áreas da educação, psicologia e filosofia, incluindo a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG. Foi professor de Educação na Escola Normal Estadual “Dr. Alarico Silveira”, em São Paulo, professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Taubaté, professor da Universidade Católica de Campinas e do Instituto Mackenzie em São Paulo.

Ministrou numerosos cursos promovidos pelo MEC/CADES e orientou missões pedagógicas do MEC em vários Estados, tendo também lecionado em várias universidades e faculdades brasileiras e da América Latina (Argentina, México, Bolívia e Paraguai).

Vários de seus livros publicados foram traduzidos para o espanhol e italiano,

os temas que trabalha são: didática, orientação educacional, psicologia, lógica e administração escolar. Algumas de suas publicações são: “Introdução à Orientação Educacional”, “Didática Geral” e “O Homem e a Educação”. O professor Imídeo Giuseppe Nérici, faleceu no dia 10 de fevereiro de 1999.

3.2.1 - O livro “Introdução à Didática Geral” (1969)



Figura 3: Folha de rosto de “Introdução à Didática Geral”

O livro intitulado “Introdução à Didática Geral” foi escrito no ano de 1960, por Imídeo Giuseppe Nérici, no Rio de Janeiro – RJ, publicado pela “Editora Fundo de Cultura SA”. O exemplar analisado pertenceu ao acervo “Joaquim Nabuco”, conforme consta no Livro Tombo número I, da biblioteca “Cecília Meireles” e trata-se de um exemplar de oitava edição, publicado em 1969. Apresenta-se em capa dura de cor marrom, contendo apenas o título em letras douradas na capa e na lombada, com orientação vertical. O livro contém 512 páginas e está dividido em 16 capítulos.

A primeira folha, que antecede a folha de rosto, tem apenas as inscrições: “Biblioteca Fundo de Cultura, estante de Pedagogia”, alinhada à direita no canto inferior da página. Há um carimbo de cor azul da biblioteca “Cecília Meireles”, provavelmente colocado após 1974. No verso dessa folha, há uma propaganda da editora, ocupando toda a página, com uma ilustração ao centro, tudo em preto e branco.

Na folha de rosto há o título do livro ao topo, alinhado à direita, com letras maiúsculas com destaque às palavras “Didática Geral” e o subtítulo “Dinâmica da escola”, abaixo. Em seguida, também alinhado à direita, está o nome do autor, também em letras maiúsculas de tamanho grande, seguido por um parágrafo justificado em letras miúdas com breve biografia do autor. Abaixo desses dados há um quadro com as inscrições: “MEC”; “COLTED - Comissão do livro técnico e do livro didático”; “propriedade da escola ____”; “Livros para o progresso”; “1969”. No rodapé, está o nome da editora e o dos países Brasil e Portugal.

Esse livro é destinado diretamente como livro para a formação de professores, conforme já se pode observar logo nas informações da folha de rosto. Essa folha contém também três carimbos, assim como nos outros aqui analisados, sendo um de cor rosa, da biblioteca “Joaquim Nabuco” com dados do instituto, parcialmente sobreposto por um de cor azul com o nome biblioteca “Cecília Meireles” e outro, também de cor azul, da biblioteca “Cecília Meireles” com número de tombo, “1598” e data do tombamento, “3/4/74”, ambos registrados em caneta vermelha. No verso da folha de rosto, há as datas (mês e ano) das publicações de todas as oito edições do livro, sendo o menor intervalo de apenas quatro meses, entre a sexta e a sétima edição, o que mostra que o livro, possivelmente, foi muito adquirido, sendo necessárias várias reedições em pequenos intervalos de tempo. Na mesma há ainda informações de direitos autorais detidos pela editora e um carimbo de cor rosa, com o número de tombo original do exemplar na biblioteca, “4285” escrito e riscado em canetas de tinta vermelha.

Na página seguinte, há o “plano da obra” em que o autor divide as informações contidas no livro em 16 tópicos, com os nomes dos capítulos apresentados pelo autor. O autor inicia o livro apresentando ao leitor o conceito de educação, esse conceito é esmiuçado pelo autor, apresentando vários pontos de vista, sendo iniciado pelo estudo etimológico da palavra “educação”, passando por explanações do ponto de vista sociológico e o ponto de vista biopsicológico. Após essas explanações o autor apresenta sub-itens ligados à finalidades da educação, numerados de 1 a 7, tendo cada um o tamanho de um parágrafo, com linguagem simples e explicativa. São apresentados também os objetivos e os fins da educação. Ao final do capítulo, o autor apresenta um breve resumo, dividido em sete sentenças

numeradas com algarismos arábicos, explicando quais são as competências da educação.

Ao longo do livro, são apresentados quadros, esquemas, figuras, gráficos, questionários, tabelas e outros elementos que exemplificam como preparar um plano de aula, como mensurar a aprendizagem do aluno, como elencar as atividades ou assuntos prioritários, como se utilizar os diferentes tipos de quadro negro, como organizar a biblioteca escolar, como priorizar o uso de recursos audiovisuais, quais os níveis de educação infantil e como trabalhar com cada uma, como organizar o uso de sala ambiente, como deve proceder um diretor de escola e outros temas pertinentes ao funcionamento da escola bem como o cotidiano das aulas.

Tudo isso dentro de um conceito de educação bem explicitado no início do livro. De acordo com o autor,

[...] educação é o processo que visa a capacitar o indivíduo a agir conscientemente diante das situações novas de vida, com aproveitamento da experiência anterior, tendo em vista a integração, a continuidade e o progresso sociais, segundo a realidade de cada um, para serem atendidas as necessidades individuais e coletivas. (NÉRICI, 1969, p. 10).

Após apresentar essa conceituação o autor afirma ser importante esclarecer alguns aspectos, a saber: “agir conscientemente diante de situações novas de vida”; “aproveitamento da experiência anterior”; “integração”; “continuidade”; “progresso”; “realidade de cada um”; e “necessidades individuais e coletivas”. Cada um desses aspectos é apresentado pelo autor de maneira mais específica. Para o autor, a responsabilidade educativa de uma escola está diretamente relacionada com os objetivos atribuídos à educação, pois são esses objetivos que definem os destinos e caminhos a serem percorridos pela escola para chegar-se aos pontos almejados. É importante ter claros quais os objetivos da escola a fim de não reduzir seu papel ao de transmitir mera instrução, “[...] alimentada por um punhado de disciplinas arbitrariamente escolhidas, realizando um trabalho amorfo e desconexo.” (NÉRICI, 1969, p. 16).

É constante a presença de tópicos e sub-tópicos numerados ao longo de todo o livro, o que denota aparentemente uma preocupação do autor em tornar seu texto

didático e de fácil assimilação para os alunos de magistério, aos quais o livro é destinado. A presença de exemplos, esquemas com chaves e setas e resumos nos capítulos torna a leitura visualmente mais atrativa e com um ritmo pausado podendo ser estudado tópico a tópico, facilitando seu uso nas aulas do magistério ou no estudo individual.

3.2.2 – O livro “Você e a educação” (1961)

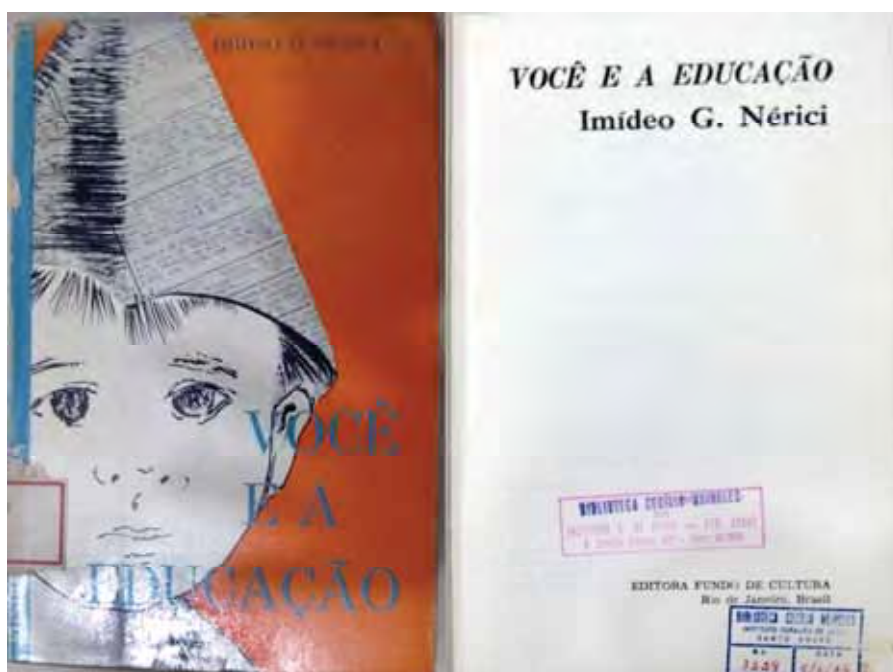


Figura 4 – Capa e folha de rosto de “Você e a Educação”

O livro intitulado “Você e a Educação” foi escrito no ano de 1961, por Imídeo Giuseppe Nérici, no Rio de Janeiro – RJ, publicado pela “Editora Fundo de Cultura SA”. O exemplar analisado pertenceu ao acervo “Joaquim Nabuco”, conforme consta no Livro Tombo número I, da biblioteca “Cecília Meireles” e trata-se de um exemplar de primeira edição.

Apresenta-se em capa de papelão de cor laranja, com a ilustração do rosto de um menino, usando um chapéu de jornal, em preto e branco. No topo está o nome do autor e na parte inferior o título da obra escrito em letras grandes, ambos em cor azul. Na lateral esquerda há uma faixa de cor azul com cerca de um centímetro,

acompanhando a lombada, com o nome da editora na posição vertical escrito com letras brancas.

A lombada apresenta-se em cor azul, o sobrenome do autor e o título escritos em cor preta. A contra capa contém a mesma ilustração da capa, em tamanho reduzido, com um texto afirmando que garoto precisa do leitor como amigo, pai e educador. E que para isso é necessário estar capacitado, conhecendo os problemas da juventude, apresentados no livro. Nas orelhas há um texto explicativo abordando a educação e seus problemas, apontando, em linhas gerais, alguns caminhos apresentados no livro. O livro contém 172 páginas e está dividido em 6 capítulos, numerados com algarismos arábicos, contendo de dois a seis sub-tópicos, além da introdução e da bibliografia.

A primeira folha, que antecede a folha de rosto, tem apenas o desenho da capa em tamanho reduzido. Há um carimbo de cor azul da biblioteca “Cecília Meireles”. No verso dessa folha, há informações resumidas sobre o autor. Na folha de rosto há o título do livro ao topo, seguido do nome do autor, e, no rodapé, consta o nome da editora e o local de publicação. Essa folha contém três carimbos, sendo um de cor rosa, da biblioteca “Joaquim Nabuco” com dados do instituto, parcialmente sobreposto por um de cor azul com o nome biblioteca “Cecília Meireles” e outro, também de cor azul, da biblioteca “Cecília Meireles” com número de tombo, “3229” e data do tombamento, “5/4/74”, ambos registrados em caneta vermelha.

No verso da folha de rosto, há a inscrição: “primeira edição brasileira: Setembro de 1961”, ao topo, e um texto da editora sobre direitos autorais. Há ainda um carimbo de cor rosa, com o número de tombo original do exemplar na biblioteca, “300” escrito e anulado com um “x” em caneta de tinta vermelha.

O autor inicia o livro com a introdução em que explica detalhadamente, utilizando exemplos e com linguagem simples, como vê a educação no período e quais suas concepções acerca do papel do adulto, enquanto educador, podendo este ser o pai ou o professor. O indivíduo não educado adequadamente é apontado como condenado ao insucesso. Assim, para uma boa educação, não se deve apenas informar, deve-se formar o jovem para a cidadania e o agente da educação deve conhecer o jovem e suas necessidades educacionais, partindo de seus

interesses para educá-lo bem, sem castigos ou punições, com deveres, mas também direitos. Para Nérici (1961), a educação das novas gerações está cada dia mais premente e impositiva, com o crescente desenvolvimento da sociedade, a vida social tem se tornado mais complexa, a competição tem aumentado e as funções especializadas, se multiplicado.

A não-adequada formação do imaturo é sua quase condenação à marginalidade social ou cultural, uma vez que dificilmente poderá êle chegar a compreender e sentir os valores que o envolvem e, nestas condições não poderá trabalhar em prol da sociedade. Pelo contrário, estará pronto a agredi-la de mil e uma formas diferentes, em quaisquer oportunidades e circunstâncias. Defeitos de formação, quase sempre, levam à exasperação do egoísmo que é condição favorável para a constante disposição de colaborar em tarefas comunitárias ou de não respeitar o próximo em permanente atitude ou de exaltação ou de rebaixamento do próprio superego. (NÉRICI, 1961, p. 9).

O autor afirma que para estar capacitado a prestar uma educação de qualidade, o pai ou o educador deve conhecer os problemas da amizade, do namoro, do sexo, do noivado, do amor, da educação política e profissional, sabendo dar valor ao papel da escola e da educação oferecida por ela. Para ele, além de empregar uma educação que aja sobre a realidade do jovem educando em função de suas necessidades é preciso, antes de tudo, um trabalho prévio, estudando a essência individual do educando para que se possa orientá-lo adequadamente dentro de suas necessidades específicas.

É preciso conduzir o aluno à responsabilidade, liberdade, crítica e participação para formar um cidadão, nesse sentido, educar deve ser entendido não como instruir, mas como formar. “De modo geral, *instruir* é dizer o que uma coisa é, e *educar* é dar o sentido moral e social do uso dessa coisa.” (NÉRICI, 1961, p. 10, grifos do autor). O exercício da liberdade e o desenvolvimento do espírito crítico do imaturo, conduzir o indivíduo à participação da vida, apontar direitos, mas também deveres, são objetivos da educação.

A educação deve colher o indivíduo na sua totalidade, orientando a formação de todos os aspectos de real importância para sua vida e a vida em sociedade. No entanto, alguns aspectos, como o político, o

social, o econômico, o profissional e o sexual não têm merecido, por parte do lar e da escola a atenção que seria de se esperar. (NÉRICI, 1961).

O livro é dividido em capítulos e sub-tópicos abordando questões comportamentais do indivíduo e apontando, ao longo do texto, questões de ajustamento ou desajustamento do homem e como uma educação mal direcionada, ou mesmo a falta de correção ou ainda um lar desestruturado pode ocasionar um desvio de comportamento, definido pelo autor como, por exemplo, o não desejo em casar-se, o mal cuidado dos filhos, não saber lidar com dificuldades financeiras, a homossexualidade e outros. O autor apresenta muitos exemplos mostrando caso a caso como lidar com essas questões, por que elas ocorrem e de que forma é possível evita-las ou solucioná-las por meio de uma boa educação.

Entre os temas abordados pelo autor estão a amizade, o amor, o namoro, o noivado, o casamento, o lar (bem como suas causas de fracasso e condições para o bom funcionamento), a educação do lar e suas modalidades: social, econômica, política, sexual e profissional, a escola (bem como suas causas de menos eficiência e condições para o bom funcionamento) e a educação escolar e suas modalidades: social, econômica, política, sexual e profissional.

Ao longo do texto é possível notar uma espécie de análise da sociedade, com críticas às formas de entendimento da educação encontradas no período e a responsabilização de pais e professores por muitos problemas sociais. O leitor é levado a refletir sobre as necessidades do educando na sociedade então atual, observando todas as dificuldades de formação de seu caráter, impostas pelas questões sociais apontadas pelo autor que apresenta uma discussão sobre como e o que ensinar ao jovem.

A escola não deve assumir, sozinha, a incumbência da família, de educar-lhe os filhos. Deve sim empenhar-se para que esta se convença das suas obrigações inalienáveis no processo educativo da prole. Deve evidenciar que certas condições básicas, emotivas principalmente, para a boa marcha da educação, devem ser preparadas pela família, sem o que muito pouco poderá fazer a escola. (NÉRICI, 1961, p. 133).

O livro é inteiramente dividido em temáticas e sub temáticas, todas intituladas

e para cada problema apontado é apresentada uma lista de etapas procedimentais, numeradas, para tratar do problema. O termo “controle” está presente em todo o texto e aparece em cada capítulo como importante para o bom funcionamento da educação. Geralmente esse controle é colocado como devendo ser discreto e está associado com alguma outra ação, como por exemplo, colocar os banheiros dos professores ao lado do dos alunos para obter um maior controle.

A forma como o texto se apresenta, com diversos temas e problemas da educação, todos exemplificados e seguidos de tópicos com procedimentos para lidar com ele, demonstra que o livro pode ser lido ou estudado na íntegra por pais ou professores, ou mesmo consultado de acordo com o problema que se evidencia. A linguagem clara e a presença constante de exemplos, bem como os períodos curtos demonstram a preocupação de tornar o livro acessível a pais e professores ainda em formação.

3.3 - Os livros de Theobaldo Miranda Santos

Theobaldo Miranda Santos é um dos autores de livros pedagógicos mais conhecidos e estudados pelos historiadores da educação, tendo publicado inúmeros livros destinados à normalistas, alunos de Institutos de Educação e professores. De acordo com Almeida Filho (2008), Santos foi professor em cursos secundários, Escolas Normais e faculdades, principalmente no Rio de Janeiro, onde também foi Diretor de Departamento de Educação Técnico Profissional e Diretor Geral do Departamento de Educação Primária da Prefeitura, a partir de meados de 1940. Autor de vários livros didáticos de língua portuguesa, geografia, história, livros de leituras, contos e poesias para o ensino primário, ginasial e colegial e uma literatura destinada à formação de professores do ensino normal e superior. Atendia assim, com suas publicações os três níveis de ensino: o primário, o secundário e Normal e o superior, nas Faculdades de Pedagogia.

Foi autor e editor de todos os volumes de duas coleções pedagógicas, destinadas à formação de professores, intituladas, *Curso de Psicologia e Pedagogia* e *Curso de Filosofia e Ciências* e teve ainda livros publicados em duas outras

coleções, a saber: *Atualidades Pedagógicas* e *Iniciação Científica*, o que, de acordo com Almeida Filho (2008), “[...] demonstra que os volumes de seus livros tinham uma excelente aceitação mercadológica. A publicação em coleções foi uma estratégia que já fazia parte da filosofia editorial da Companhia Editora Nacional, desde os anos iniciais de sua fundação, na década de 1930”.

Ainda segundo Almeida Filho (2008), a partir do processo de edição e publicação das coleções, Santos foi responsável por inúmeros volumes no campo educacional. Sua obra fez parte de um amplo projeto de conformação da área da educação como forma de intervir na cultura por meio da construção da chamada “pedagogia católica”, juntamente com muitos outros protagonistas do momento. Santos fez parte de um grupo intitulado “católicos”, fundado em 1921, juntamente com outros grandes nomes da educação bem como da “Ação Católica”, criada em 1930, ambas organizadas, em princípio, sob a liderança do Cardeal Sebastião Leme.

3.3.1 O livro “Noções de Psicologia do adolescente” (1966)

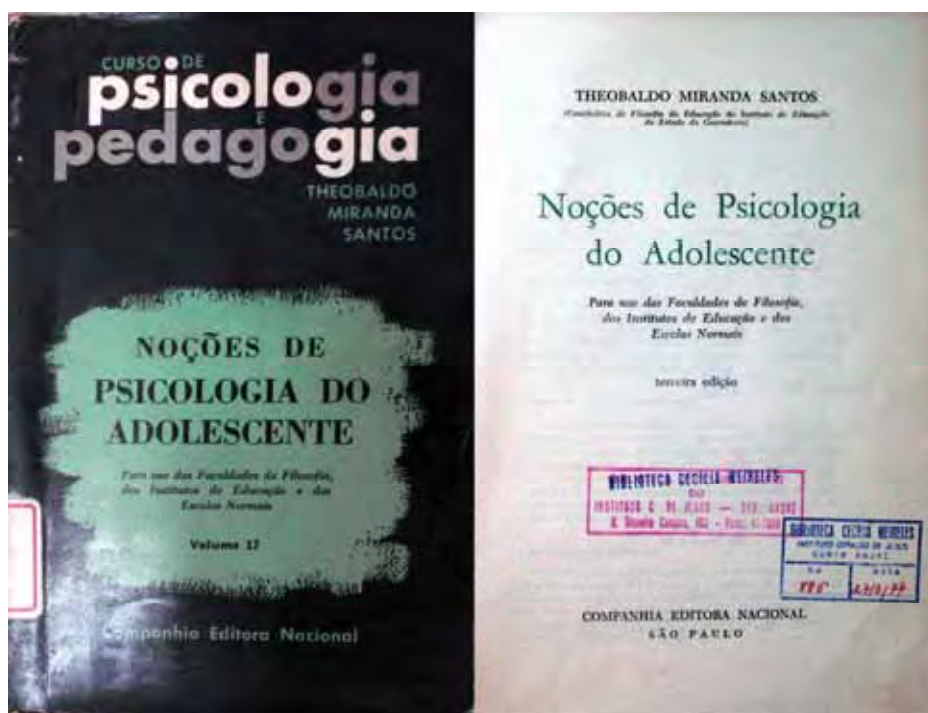


Figura 5: Capa e folha de rosto de “Noções de Psicologia do adolescente”

O manual intitulado “Noções de Psicologia do adolescente” foi publicado na década de 1940, escrito por Theobaldo Miranda Santos pela Companhia Editora Nacional. Pertence à coleção “Curso de Psicologia e Pedagogia” configurando-se como 17º volume. O exemplar analisado pertenceu ao acervo “Joaquim Nabuco” e trata-se de um exemplar de terceira edição publicado no ano de 1966. Apresenta-se em capa de papelão de cores preta, cinza e verde com o nome da coleção ao topo, seguido do nome do autor alinhado à direita. Ao centro da capa está o título do I em letras pretas, caixa alta de tamanho médio, seguido da inscrição: “para uso das Faculdades de Filosofia, dos Institutos de Educação e das escolas normais” em letras pequenas seguida do número do volume e, ao rodapé, o nome da editora.

O livro contém 153 páginas e está dividido em 8 capítulos não numerados. Na folha de rosto apresentam-se três carimbos, sendo um da Biblioteca “Joaquim Nabuco” sobreposto pelo da Biblioteca “Cecília Meireles” e o terceiro desta última, com os campos “número de tombo” e “data”, preenchidos de caneta vermelha. Ao verso da folha de tombo, consta o número do exemplar apresentado pela editora, “120” e o carimbo não preenchido com o tombamento original da Biblioteca Joaquim Nabuco. Esse livro foi retombado com número de 886, em 27/03/1974.

Após o índice, o autor apresenta um prefácio no qual apresenta o exemplar e explica que:

Trata-se de uma pequena introdução à psicologia do adolescente, matéria jovem, que não recebeu ainda uma sistematização clara e precisa, não obstante a riqueza atual de sua bibliografia.

[...]

Desejaríamos, ter escrito um livro mais amplo e profundo sobre a matéria, mas, contra isso, conspiraram, além de nossas deficiências pessoais, as atividades absorventes do magistério. (SANTOS, 1966).

O autor conclui o prefácio sugerindo que a leitura do livro seja completada por lições dos professores e consultas a obras especializadas.

Cada capítulo é iniciado por um sumário com os nomes dos subitens e termina com problemas e exercícios seguidos de referências bibliográficas.

O autor inicia explicando a evolução histórica da adolescência e discute as diferenças do entendimento e desenvolvimento da adolescência entre os povos

primitivos e civilizados. São abordadas também no capítulo inicial, as teorias, limites e concepções da adolescência. Ao longo do texto, Santos (1966) discute a vida orgânica, psíquica, afetiva, intelectual, social e educacional do adolescente.

O livro é escrito em linguagem simples e clara e apresenta várias teorias e estudos históricos de diversos pensadores sobre a adolescência. Santos (1966) tem o cuidado de explicitar de que maneira o tema foi tratado em diversos períodos históricos e culturas diferentes, mostrando, como o conceito de adolescência adquire diferente caráter ao longo do tempo. Nas páginas finais o autor apresenta índice onomástico seguido de quadro sinótico das oscilações do crescimento mental. Na contra capa é apresentada uma lista com os livros da coleção “Curso de Psicologia e Pedagogia” composta por 22 títulos dos quais os três últimos estão sinalizados como “volumes em preparo”.

3.3.2 – O livro “Noções de Filosofia da Educação” (1960)

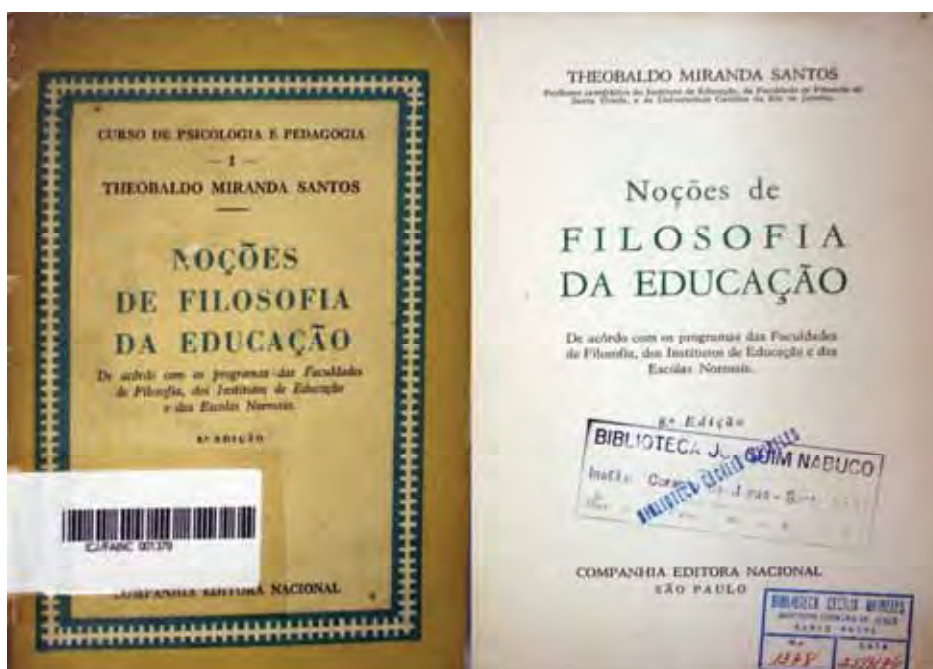


Figura 6: Capa e folha de rosto de “Noções de Filosofia da Educação”

O livro intitulado “Noções de Filosofia da Educação” foi publicado em 1945, escrito por Theobaldo Miranda Santos pela Companhia Editora Nacional. Pertence à

coleção “Curso de Psicologia e Pedagogia”, configurando-se como primeiro volume. O exemplar analisado pertenceu ao acervo “Joaquim Nabuco” e trata-se de um exemplar de oitava edição publicado no ano de 1960. Apresenta-se em capa de papelão de cores amarelo e verde com o nome da coleção ao topo, seguido do número “1”, centralizado e do nome do autor. Ao centro da capa está o título do livro em letras verdes, caixa alta de tamanho médio, seguido da inscrição: “De acordo com os programas das Faculdades de Filosofia, dos Institutos de Educação e das escolas normais”, em letras pequenas, seguida do nome da edição e, no rodapé, o nome da editora.

O livro contém 251 páginas e está dividido em 10 capítulos numerados com algarismos romanos. Na folha de rosto apresentam-se três carimbos sendo, um da Biblioteca “Joaquim Nabuco” sobreposto pelo da Biblioteca “Cecília Meireles” e o terceiro desta última, com os campos “número de tombo” e “data”, preenchidos com caneta vermelha. Ao verso da folha de tombo, consta o número do exemplar apresentado pela editora, “546” e o carimbo com o tombamento original da Biblioteca “Joaquim Nabuco” (876/1). Esse livro foi retombado com número de 1378, em 25/03/1974.

Após o índice o autor apresenta uma advertência na qual esclarece que

Este pequeno livro não tem pretensão de originalidade. Nada mais representa que um sumário simples e modesto, dos principais problemas filosóficos da educação, analisados à luz do realismo cristão. Sua elaboração resultou de resumos de aulas de Filosofia de educação ministradas às alunas do curso de pedagogia da Faculdade de Filosofia de Santa Úrsula, durante o ano letivo de 1941.

[...]

Visa ainda este livro assinalar os fundamentos filosóficos da pedagogia moderna pôr em relevo a força a harmonia e a vitalidade da educação cristã e patentear que o engrandecimento do Brasil, pela educação, só será possível se soubermos ser fieis às tradições espirituais dentro das quais nasceu e cresceu a nossa pátria. (SANTOS, 1960).

Cada capítulo é iniciado por um sumário com os nomes dos sub-itens e termina com exercícios, notas e bibliografia. O livro apresenta ainda alguns recursos visuais como esquemas explicativos. O autor apresenta o conceito de filosofia e de educação discutindo os meios, os fins e problemas filosóficos do ideal educativo.

Apresenta uma discussão dos métodos educacionais, abordando em seus capítulos, o papel do educando, do educador, da aprendizagem e da disciplina. Cada capítulo é iniciado pela conceituação do termo central discutido. O livro divide-se em duas partes: a primeira com quatro capítulos e a segunda com cinco, e são discutidos os conceitos de: “filosofia”, “educação”, “pedagogia”, “filosofia da educação”, “fim”, “educando”, “método”, educador”, “aprendizagem” e “disciplina”. A linguagem utilizada no livro é bastante clara e simplificada. Apresentam-se diversos exemplos durante todo o texto e são discutidos muitos valores morais como: “paciência”, “admiração”, “humildade”, “reconhecimento”, entre outros.

O livro conta com um índice onomástico nas páginas finais e uma lista, na contra capa, com os títulos das obras do professor Theobaldo Miranda Santos composta por 21 nomes, dos quais 16 estão listados como já publicados.

3.3.3 – O livro “Noções de História da Educação” (1960)

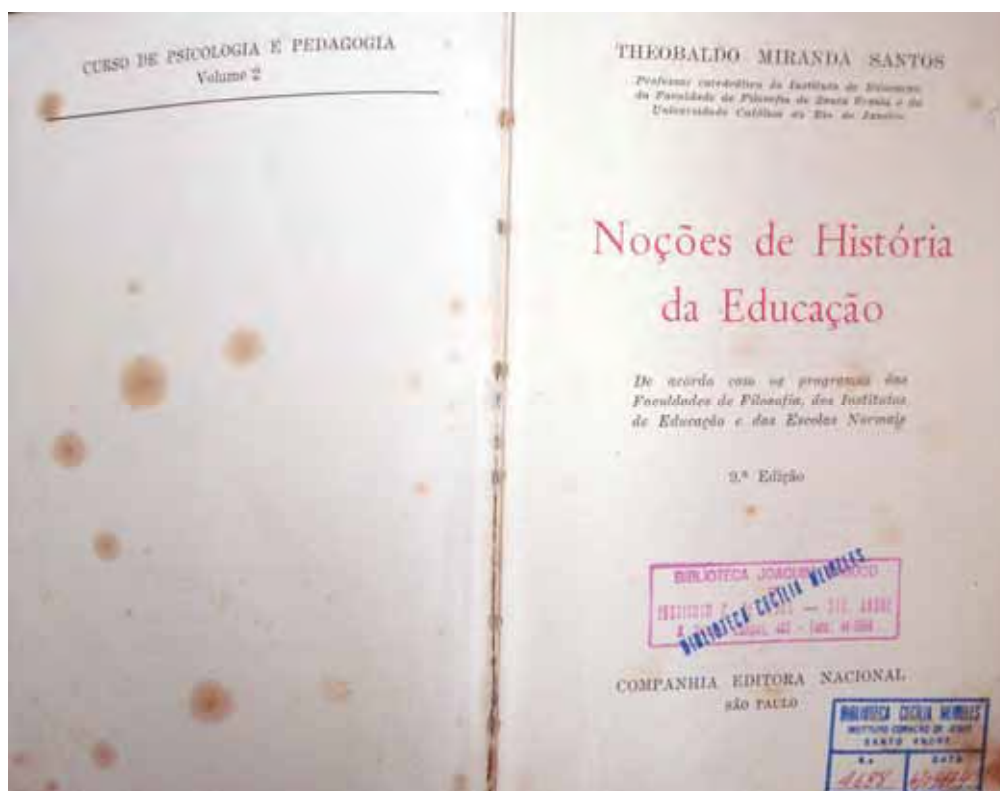


Figura 7: Folha de rosto de “Noções de História da Educação”

O livro intitulado “Noções de História da Educação” foi publicado em 1945, escrito por Theobaldo Miranda Santos pela Companhia Editora Nacional. Pertence a coleção “Curso de Psicologia e Pedagogia”, configurando-se como segundo volume. O exemplar analisado pertenceu ao acervo “Joaquim Nabuco” e trata-se de um exemplar de 9ª edição publicado no ano de 1960. Apresenta-se em capa dura de cor azul com o nome do autor e título escritos em dourado ao centro.

O livro contém 497 páginas e está dividido em 8 partes, numerados com algarismos romanos, cada uma subdividida em capítulos numerados com algarismos arábicos somando ao todo 34 capítulos, além de prefácio, introdução e apêndice. Na folha de rosto apresentam-se três carimbos, sendo um da Biblioteca “Joaquim Nabuco” sobreposto pelo da Biblioteca “Cecília Meireles” e o terceiro desta última, com os campos número de tombo e data, preenchidos com caneta vermelha. Ao verso da folha de rosto, consta o número do exemplar apresentado pela editora, “2759”, e o carimbo com o tombamento original da Biblioteca “Joaquim Nabuco” (876). Esse livro foi retombado com número de 1688, em 04/04/1974.

No prefácio o autor apresenta o objetivo do compêndio afirmando que se trata de

[...] examinar as doutrinas pedagógicas e as instituições educativas em seu desenvolvimento histórico para a consecução desta finalidade, deu-se preferência ao método tipológico, por ser este mais vivo e o mais didático. Com efeito, o estudo dos tipos de educação, na sua gênese e evolução ao longo da história da cultura, é muito mais fecundo e interessante do que a exposição monótona dos fatos educacionais em sua lenta sucessão cronológica. (SANTOS, 1960).

Cada capítulo é iniciado por um sumário com os nomes dos sub-ítems e termina com notas, leituras e bibliografia. O livro apresenta vários recursos visuais como pinturas ilustrando situações de educação, fotografias de universidades e colégios, bem como de pensadores, quadros e esquemas.

O livro está escrito em linguagem clara, porém menos simples que os demais exemplares que aqui analiso e apresenta extensa abordagem histórica sobre as correntes pedagógicas, tratando da educação desde os povos primitivos, passando pela educação hindu, chinesa, egípcia, hebraica e persa. Explica o humanismo pedagógico na Antiguidade Clássica abordando a educação grega e a romana e o

cristianismo pedagógico na Idade Média, tratando ao longo dos capítulos, da educação apostólica, patrística, monástica, escolástica, feudal e muçulmana.

Aborda também o Neo-Humanismo pedagógico, o Naturalismo pedagógico, o Neonaturalismo Pedagógico e o Antinaturalismo Pedagógico, tratando da educação renascentista, reformista, contrarreformista, jansenista, realista, disciplinar, pietista, racionalista, naturalista, filantropista, revolucionária, psicológica, científica, individualista, socialista, nacionalista, pragmatista, técnica, espiritualista e cristã.

No apêndice, Santos (1960), trata da história da educação brasileira de maneira bastante aprofundada, explicando o período colonial, monárquico e republicano abordando inclusive as reformas de Fernando de Azevedo, Francisco Campos, Lourenço Filho e Anísio Teixeira.

3.3.4- O livro “Aprenda a Educar seu filho” (1949)

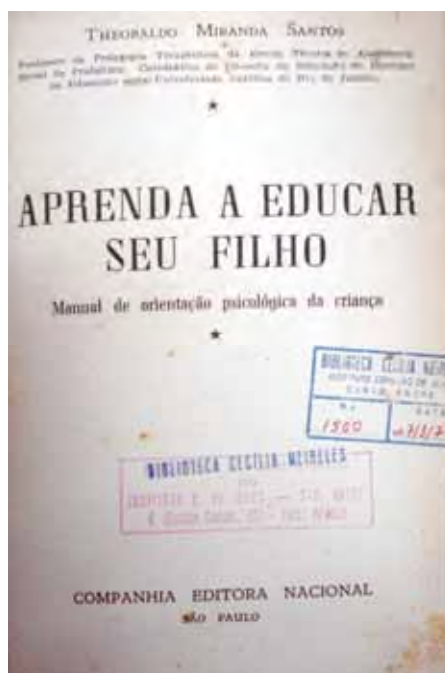


Figura 8: Folha de rosto de “Aprenda a Educar seu filho”

O livro intitulado “Aprenda a Educar seu filho: Manual de orientação psicológica da criança.” foi publicado em 1949, escrito por Theobaldo Miranda Santos pela Companhia Editora Nacional. O exemplar analisado pertenceu ao

acervo “Joaquim Nabuco” e trata-se de um exemplar de 1ª edição. Apresenta-se em capa dura de cor azul com o nome do autor e título escritos em dourado apenas na lombada.

O livro contém 289 páginas e está dividido em 3 partes, subdivididas em capítulos numerados em algarismos romanos somando ao todo 33 capítulos. Na folha de rosto apresentam-se três carimbos sendo um da Biblioteca “Joaquim Nabuco” sobreposto pelo da Biblioteca “Cecília Meireles” e o terceiro desta última, com os campos número de tombo e data, preenchidos com caneta vermelha. Ao verso da folha consta o carimbo com o tombamento original da Biblioteca “Joaquim Nabuco” (795). Esse manual foi retombado com número de 1500, em 27/03/1974.

Antes do índice geral o autor apresenta uma advertência na qual explica não se tratar o livro de um tratado de educação e sim de uma síntese com normas de orientação psicológica para crianças, explica ainda que o objetivo não é o estabelecimento de valores mas sim a abordagem de regras de higiene mental da infância. Afirmar ter se valido de sua experiência enquanto pai e educador, além da contribuição de especialistas no assunto. Afirmar ainda que, “Tudo foi resumido, adaptado à nossa criança e colocado ao alcance da compreensão do povo.” (SANTOS, 1949).

De acordo com o autor, o livro não se destina somente a pais e sim, principalmente, a professores primários, pois estes, não recebem aulas sobre traumas e conflitos da infância. De acordo com Santos (1949), “Por isso em nossas escolas primárias, os mestres sabem ministrar aulas belas e interessantes, mas não têm elementos para resolver os mais simples problemas de ajustamento psicológico e social da criança.”.

Ao final de cada capítulo, o autor apresenta bibliografia. No manual há diversos recursos visuais. São inúmeros desenhos que exemplificam as lições apresentadas de maneira extremamente simples, além de, ao final, serem apresentados esquemas, quadros, tabelas, fichas, testes e textos explicativos sobre as fases do desenvolvimento da criança, apresentando as capacidades em cada faixa etária, altura e peso adequados, bem como características das competências e atividades das crianças na primeira infância.

O manual foi escrito em linguagem extremamente simples e clara, o que deixa

claro seu objetivo de alcançar tanto professores como pais e explica desde condutas educativas até como resolver diversos problemas apresentados pelas crianças.

3.3.5 - O livro “Manual de Psicologia” (1965)

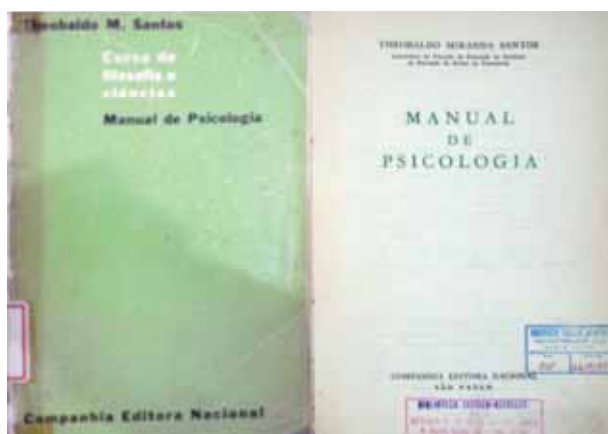


Figura 9: Capa e folha de rosto de “Manual de Psicologia”

O Livro “Manual de Psicologia” foi publicado em 1950, escrito por Theobaldo Miranda Santos, pela Companhia Editora Nacional. O exemplar analisado pertenceu ao acervo “Joaquim Nabuco” e trata-se de um exemplar publicado em 1965, sem informação quanto ao número de edição. Apresenta-se em capa de papelão de cor verde clara com inscrições em preto e em branco. Na parte superior apresentam-se o nome do autor, o nome da coleção e o título. No rodapé é colocado o nome da editora.

A lombada está bastante deteriorada pelo tempo, não sendo possível observar as informações. A contra capa apresenta o nome da coleção seguido de uma lista com 12 títulos de livros pertencentes à mesma estando os 3 primeiros sinalizados como “volumes já publicados”. Na parte inferior, há o nome e endereço da editora.

O livro contém 424 páginas e é dividido em 4 partes, cada uma composta por um a dezoito capítulos, numerados com algarismo romanos, subdivididos em tópicos menores.

A primeira folha, que antecede a folha de rosto, tem apenas o título do manual na frente e, no verso, o nome da coleção. Na folha de rosto apresentam-se três

carimbos sendo um da Biblioteca “Joaquim Nabuco” sobreposto pelo da Biblioteca “Cecília Meireles” e o terceiro desta última, com os campos número de tombo e data, preenchidos de caneta vermelha. Ao verso da folha consta o carimbo com o tombamento original da Biblioteca “Joaquim Nabuco” (2427). Esse manual foi retombado com número de 808, em 26/03/1974. São apresentados nessa folha, o nome e cargo do autor, título e nome da editora.

O livro pertenceu à coleção “Curso de Filosofia e Ciências”, como terceiro volume. O livro se inicia com a declaração do autor, assim como nas demais publicações aqui analisadas, afirmando que a finalidade do manual é puramente didática. Theobaldo Miranda Santos aparentemente demonstra ter seu papel no campo educacional muito bem definido, uma vez que deixa claras as suas intenções de destinar seus livros ao uso didático em cursos de formação de professores. Conforme afirma, a respeito de “Manual de Psicologia”, “Seu objetivo é iniciar nossos estudantes nos métodos e problemas da psicologia científica. Para isso, procura realizar uma síntese não só das doutrinas e teorias, como também das aquisições experimentais da psicologia contemporânea”. (SANTOS, 1965, p. 11).

O autor explica que existe uma característica na psicologia que deixa o estudante um tanto perplexo, afirmando que a diversidade de escolas, tendências e posições em que se fundamenta a psicologia no período é desconcertante e dá ao estudante a impressão de se tratar esta de uma ciência então falida. Entretanto, segundo o autor, após um estudo mais a fundo das correntes dessa ciência, é possível perceber que as principais divergências entre elas são de natureza filosófica e metodológica, mas que os resultados obtidos constituem uma unidade expressiva.

De fato, as discrepâncias no tocante aos métodos de pesquisa, e às posições filosóficas das várias escolas não têm prejudicado a parte propriamente realizadora e construtiva da psicologia. E tanto assim que, a todo momento, o auxílio da psicologia é invocado não só pela educação, senão também pela medicina, pela justiça, pelo trabalho, pelo comércio, pela indústria, pela propaganda e até pela guerra. (SANTOS, 1965, p. 11).

O autor afirma que não se pode justificar o ceticismo em relação ao valor da psicologia, coloca que é uma ciência de suma importância e que não existem várias

psicologias como é pensado por alguns, apenas diferentes correntes e escolas. A psicologia é a ciência da vida psíquica, e a fragmentação de escolas é resultante da divergência entre os psicólogos em relação aos métodos investigativos e aos princípios filosóficos. Afirma ainda que conforme observa Claparède, psicólogos de diferentes doutrinas com diferentes metodologias têm obtido resultados semelhantes em suas pesquisas e estabelecendo leis análogas, apesar da diferença no percurso.

Cada tema da psicologia que o autor apresenta, é abordado a partir de sua definição, com explicações detalhadas do significado do tema (que vai desde memória, sensação, imaginação, sonho até instintos, consciente, inconsciente e personalidade), sua relação com a psicologia, desmembramentos pertinentes ao assunto, estruturas e classificações cabíveis, sempre apresentando exercícios e resumos ao final.

Muitos autores da psicologia são abordados, mas Santos (1965) observa que se baseia em textos de comentadores dos grandes autores, como Claparède e Jolivet. Como forma de justificar esse tipo de abordagem o autor explica porque decidiu abordar um pouco de cada uma das correntes da psicologia, apesar de divergentes entre si.

Eis porque este livro procurou assimilar e resumir os elementos aproveitáveis de todas as correntes da psicologia contemporânea. As teses da psicologia objetiva e subjetiva, as interpretações da psicanálise, os princípios da psicologia da forma, as conclusões do reflexologismo e do behaviorismo e as questões suscitadas pela fenomenologia e pelo existencialismo, foram todas aproveitadas para a descrição, explicação e compreensão dos fenômenos psicológicos. (SANTOS, 1965, p. 12).

De fato, o livro está dividido em partes e capítulos, classificados por tema e para cada tema há uma parte abordando as tendências ou teorias acerca do tema, em que Santos (1965) agrupa os pensadores por afinidades de correntes e explica em linhas gerais cada uma para depois optar por uma e seguir o assunto apoiando-se nela, como exemplifico na figura abaixo:

uma série de operações inconscientes. A atividade do inconsciente explica o fato de certas conclusões aparecerem sem as premissas e certas convicções surgirem sem os argumentos em que se baseiam. Pela mesma razão, certas idéias surgem subitamente, após um período de repouso que foi ocupado por um trabalho inconsciente.

Nossas emoções têm igualmente raízes inconscientes. Certas paixões só aparecem depois de um período de incubação, mais ou menos longo. Nossas tendências e nossas inclinações, por serem inconscientes, não são percebidas antes de se manifestarem por atos. A maioria de nossas atividades resulta do automatismo inconsciente. Nas nossas ações conscientes há sempre a intervenção imperceptível de móveis e motivos obscuros. São as idéias inconscientes que, muitas vezes, determinam as decisões e as conversões. (Riboulet)

b) *Sobre os estados anormais.* 1) *Anestésias hísticas:* o paciente tem, por exemplo, o braço insensível; pica-se-lhe o braço com uma agulha; ele não tem consciência da sensação. Entretanto, interrogado, mais tarde, em estado hipnótico, ele se lembra da picada. Este fato só se pode exprimir dizendo: *ele sentiu inconscientemente.* 2) *Escrita automática:* o paciente escreve páginas inteiras, sem hesitar, com lógica e exatidão. Interrogado, nega veementemente que as tivesse escrito. Pode-se exprimir esse fato, dizendo: *ele escreveu inconscientemente.* 3) *Sugestão hipnótica:* diz-se ao paciente imerso em sono hipnótico: "Meia hora depois que acordares, mudarás de posição esta cadeira." Em seguida, desperta-se o paciente e trata-se de outro assunto. Ele ignora inteiramente que tem uma ordem a executar. Exatamente meia hora depois, ele sente o desejo de mudar de posição a cadeira indicada. Só se pode exprimir este fato, dizendo que o paciente *calculou o tempo inconscientemente.* (Melinand)

C) Teorias do inconsciente

5. Diversas teorias procuram explicar a natureza do inconsciente. Vejamos as principais:

a) *Teorias estáticas* (Pierre Janet, Binet, Jastrow): o inconsciente é o conjunto dos processos psíquicos que não se encontram na esfera da consciência.

b) *Teorias dinâmicas* (Freud, Adler, Jung, Maeder): o inconsciente é um grau preparatório da consciência; é a "realidade

interna" que condiciona toda a vida psíquica consciente, sendo esta apenas um aspecto parcial do inconsciente e destinado à adaptação do psiquismo à realidade exterior.

c) *Teorias afetivas* (Bazailles, Abramowsky): o inconsciente é afetividade pura, completamente despida de imagens e idéias que a tornem capaz de ser percebida e representada.

d) *Teorias motoras* (Bergson, Ribot): o inconsciente é, antes de tudo, ação, motricidade. Representa uma espécie de acumulador de energia a ser utilizada pela consciência. "O inconsciente é tudo o que existe em nós, tudo o que, sem estar ainda em ação, tende perpétuamente a agir."

e) *Teorias fisiológicas* (Laycock, Carpenter): o inconsciente identifica-se com o fisiológico, sendo, pois, de natureza diferente da consciência.

f) *Teorias metafísicas* (Ravaisson, William James, Myers): o inconsciente é uma entidade misteriosa, "uma relação entre o divino e o humano", uma faculdade dotada de atributos superiores.

g) *Teorias fenomenológicas* (J.-P. Sartre, Merleau-Ponty): o inconsciente psíquico não existe, uma vez que "o ser da consciência é consciência de ser". Sendo, porém, essencialmente a consciência de alguma coisa, a consciência não é um absoluto que exista independentemente do objeto de que ela é consciência. Assim, não existem consciência e inconsciente como realidades psíquicas autônomas. "Não há homem interior", diz Merleau-Ponty, "o homem está no mundo e é no mundo que ele se conhece" (23).

6. Na impossibilidade de realizar um balanço crítico de todas essas teorias, vamos analisar apenas o ponto de vista de Freud sobre a estrutura do inconsciente e de suas relações com a consciência, utilizando, para isso, um resumo fiel e objetivo feito por Jolivet na sua magnífica *Psicologia* (24). Freud propôs, sucessivamente, duas teorias do aparelho psíquico, destinadas a explicar as relações do consciente com o inconsciente, particularmente no sonho e na neurose.

1. Primeiro esquema:

a) *Consciente, pré-consciente, inconsciente.* — A primeira sistematização do aparelho psíquico é exposta por Freud na *Ciência*

(23) M. MERLEAU-PONTY, *Phénoménologie de la perception*, Paris, 1945, pag. V.

(24) Régis JOLIVET, *op. cit.*, pag. 628.

Figura 10: Páginas de "Manual de Psicologia"

Como é possível observar na figura acima, ao tratar do conceito "inconsciente", o autor apresenta um tópico sobre as "teorias do inconsciente" em que nomeia cada uma das teorias e seus autores, explicando-as em linhas gerais. Ao final, afirma que vai analisar apenas o ponto de vista de Freud, a partir de resumo feito por Jolivet. Ao final do livro, há um apêndice onde é apresentado um dicionário de psicologia com os principais termos e conceitos apresentados no livro, seguidos de suas definições.

3.3.6 - O livro "Manual de filosofia" (1964)

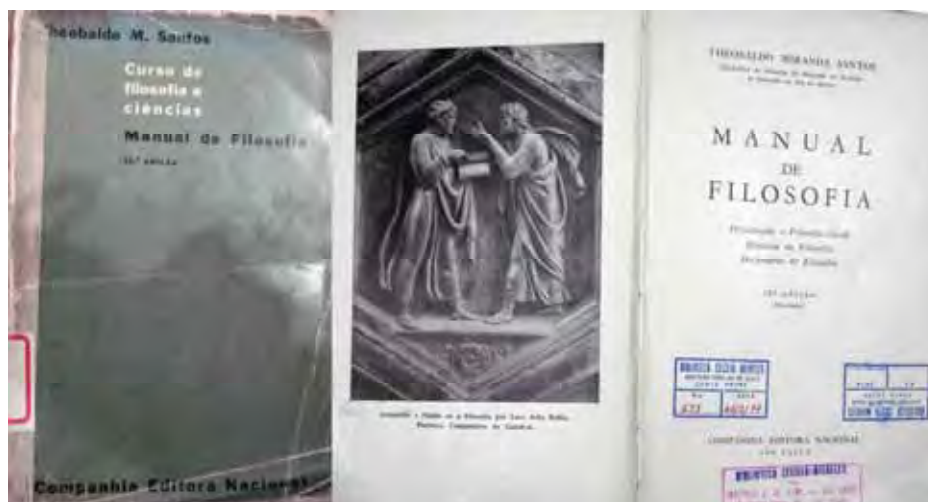


Figura 11: Capa, página e folha de rosto de “Manual de Filosofia”

O Livro “Manual de Filosofia” foi publicado em 1946, escrito por Theobaldo Miranda Santos pela Companhia Editora Nacional. O exemplar analisado pertenceu ao acervo “Joaquim Nabuco” e trata-se de um exemplar de 13ª edição, publicado em 1964. Apresenta-se em capa de papelão de cor verde com inscrições em preto e em branco. Na parte superior apresentam-se o nome do autor, o nome da coleção, o título e o nome da edição. No rodapé é colocado o nome da editora. A lombada está bastante deteriorada pelo tempo, não sendo possível observar as informações.

A contracapa apresenta o nome da coleção seguido de uma lista com 22 títulos de livros pertencentes à mesma, estando os 4 últimos sinalizados como “volumes em preparos” Na parte inferior, há o nome e endereço da editora.

O livro contém 325 páginas e é dividido em oito partes, cada uma composta por um a vinte e cinco capítulos numerados com algarismos romanos subdivididos em tópicos menores. A primeira folha, que antecede a folha de rosto, tem apenas o título do manual na frente e, no verso, uma ilustração em preto e branco da pintura: “Aristóteles e Platão ou a filosofia”, de Luca della Robia.

Na folha de rosto apresentam-se três carimbos sendo um da Biblioteca “Joaquim Nabuco” sobreposto pelo da Biblioteca “Cecília Meireles” e o terceiro desta última, com os campos número de tombo e data, preenchidos com caneta vermelha. Ao verso da folha consta o carimbo com o tombamento original da Biblioteca “Joaquim Nabuco” (2483). Esse manual foi retombado com número de 653, em 22/03/1974. São apresentados nessa folha, o nome e cargo do autor, título e

subtítulo do livro, número da edição, e nome da editora.

O livro é dedicado ao filho do autor, Luis Maurício e apresenta ritmo de escrita e organização de ideias muito semelhantes ao analisado acima. O autor inicia o livro afirmando logo no prefácio que o livro não apresenta algo novo ou original, mas sim uma introdução ao estudo da filosofia. Afirma que a finalidade desta introdução é didática e que o livro se destina portanto a iniciar o estudantes nos problemas do pensamento filosófico.

Na serena convicção de que a filosofia não é um sistema cristalizado no tempo e sim uma doutrina viva e dinâmica, em perene desenvolvimento, buscamos assimilar todos os elementos aproveitáveis das teorias científicas e filosóficas do século XX. As teses da física renovada, os princípios da psicologia do inconsciente, da estrutura e da personalidade, e as questões suscitadas pela fenomenologia, pelo existencialismo, pela doutrina dos valores e pelas filosofias da vida e da ação, mereceram uma atenção especial. (SANTOS, 1964, p. 17).

O autor afirma que um de seus objetivos era que o livro fosse claro e compreensivo e coloca que para isso apresentou as questões abordadas de forma sintética, não se destinando o compêndio aos especialistas da matéria, mas sim aos estudantes que deverão acompanhar os capítulos juntamente com as explicações de seus professores.

O autor conclui o prefácio afirmando que um trabalho como aquele não poderia surgir sem falhas, por ser complexa a tarefa de condensar em um livro os problemas práticos e especulativos da filosofia, mas que apesar disso, os professores da área podem enviar sugestões para colaborar com o trabalho e fazer do manual uma obra útil à educação brasileira.

Ao longo do livro o autor desenvolve seu pensamento de maneira clara, com linguagem simples e objetiva, apresentando os conceitos de diversos pensadores sobre a filosofia, discutindo as noções que fazem da filosofia, bem como os métodos filosóficos explicados detalhadamente. Há uma parte, com 25 capítulos abordando a psicologia sob diversos aspectos. O autor também aborda noções de lógica, cosmologia, metafísica, ética, filosofia da arte e história da filosofia.

Ao final de cada capítulo o autor coloca um resumo, exercícios e bibliografia.

No final do livro Santos (1964) apresenta um dicionário de filosofia bastante completo, contendo todos os termos mais relevantes na área.

3.3.7 - O Livro “Manual de Sociologia: introdução didática ao estudo da Sociologia” (1950)

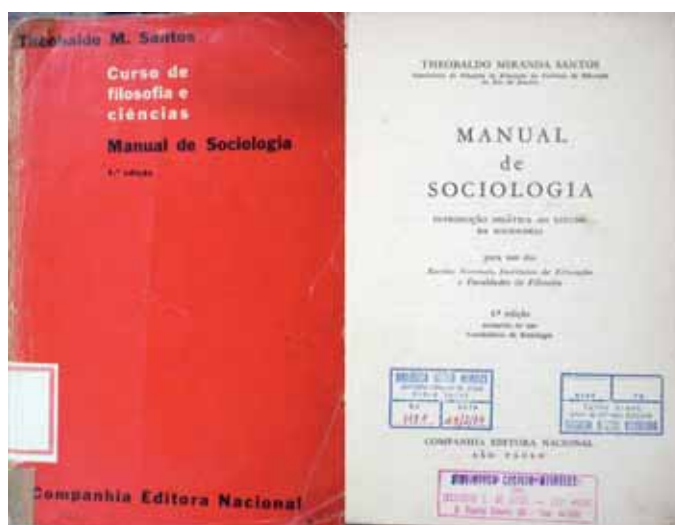


Figura 12: Capa e folha de rosto de “Manual de Sociologia”

O Livro “Manual de Sociologia” foi publicado em 1950, pela Companhia Editora Nacional, escrito por Theobaldo Miranda Santos. O exemplar analisado pertenceu ao acervo “Joaquim Nabuco” e trata-se de um exemplar de 4ª edição acrescida de um vocabulário de sociologia publicado em 1966. Apresenta-se em capa de papelão de cor vermelha com inscrições em preto e em branco. Na parte superior apresentam-se o nome do autor, o nome da coleção e o título e o número de edição. No rodapé é colocado o nome da editora. A lombada apresenta o nome do livro e seu número na coleção: “2”. A contracapa apresenta o nome da coleção seguido de uma lista com 12 títulos de livros pertencentes à mesma estando os 2 primeiros sinalizados como “volumes já publicados”. Na parte inferior, há o nome e endereço da editora.

O livro contém 279 páginas e é dividido em 15 capítulos, numerados com algarismo romanos, subdivididos em tópicos menores, além de prefácio, vocabulário

de sociologia e índice onomástico. A primeira folha, que antecede a folha de rosto, tem apenas o título do manual na frente e, no verso, o nome da coleção.

Na folha de rosto apresentam-se três carimbos sendo um da Biblioteca “Joaquim Nabuco” sobreposto pelo da Biblioteca “Cecília Meireles” e o terceiro desta última, com os campos número de tombo e data, preenchidos com caneta vermelha. Ao verso da folha consta o carimbo com o tombamento original da Biblioteca “Joaquim Nabuco” (2424). Esse manual foi retombado com número de 1181, em 29/03/1974. São apresentados nessa folha, o nome e cargo do autor, título e subtítulo, número de edição, a inscrição “para uso das Escolas Normais, Institutos de Educação e Faculdades de Filosofia” e nome da editora.

O livro pertenceu à coleção “Curso de Filosofia e Ciências” como segundo volume. Assim como os demais livros da coleção “Curso de Filosofia e Ciências”, que aqui analiso, em “Manual de Sociologia”, Santos (1966) inicia o prefácio afirmando que o objetivo do livro é puramente didático e tem como objetivo iniciar os alunos das Faculdades de Filosofia, dos Institutos de Educação e das Escolas Normais no estudo dos problemas e métodos da sociologia geral.

É característico do autor deixar bastante claro o público a quem se destinam seus livros, bem como a função didática dos mesmos, logo no início de seus compêndios e manuais (termos utilizados pelo próprio autor ao se referir a seus livros). E no decorrer dos livros é possível notar que o autor se mantém fiel tanto à função didática de seu texto, quanto ao público a quem se destina, ainda em início de formação, pela linguagem clara e objetiva utilizada e pelos recursos didáticos empregados, como a estrutura dos capítulos, em que conceitua, explica, delimita e apresenta os autores que tratam de cada tema abordado, apresentando resumos, esquemas explicativos, exercícios, notas para estudos, indicações de leituras complementares e bibliografia, capítulo a capítulo, tema a tema.

Em relação à “Manual de Sociologia”, Santos (1966) afirma que

[...] este manual não tem, nem poderia ter pretensões de originalidade. Não constitui trabalho especializado ou obra de erudição. Trata-se apenas de um compêndio, de um simples compêndio, com a finalidade específica de explicar, resumir e sistematizar a enorme, complexa e controvertida problemática

sociológica. (p. 9).

O autor coloca que na elaboração desse livro, utilizou o trabalho dos maiores sociólogos do período. E se inspirou, sobretudo, nos pensadores: Georges Gurvitch, Pitirim Sorokin, Raymond Murray, Alfredo Poviña e Recasens Siches. Ao longo do texto, Santos (1966) apresenta as definições e conceitos dos objetos da sociologia como: *sociedade, personalidade, cultura, processos sociais, grupos sociais, comunidade, família, organização social, Estado, controle social, mudança social, comportamento coletivo* e outros.

O livro é iniciado discutindo-se o que é sociologia e quais seus objetos e definições, como se constitui o método da sociologia e, cada capítulo aborda um dos objetos apresentados pelo autor. Após o último capítulo, há um “vocabulário de sociologia”, muito semelhante aos dicionários de psicologia e de filosofia, presentes nos manuais acima analisados.

3.4 - Os livros de Maria Junqueira Schmidt

Maria Junqueira Schmidt é natural de São Paulo, descendente de suíços. Fez seus estudos na Bélgica e na Suíça. Voltou ao Brasil aos 20 anos e se dedicou ao magistério, depois de ter feito alguns ensaios na carreira das letras chegando a publicar dois livros de pesquisa histórica. Foi diretora da Escola Amaro Cavalcanti no Rio de Janeiro e autora de vários livros didáticos para o francês, entre eles, “Français Commercial” (1961), “La France” (1939), “Mon Petit Univers” (1937), “Cours de Français” (1962), “La Littérature Française” (1951) e “Les Plus Belles Histories” (1943). De 1944 a 1950, depois de uma viagem aos EUA, teve um período intenso de trabalho no campo social. Em 1945, participou na Alemanha dos trabalhos da UNRRA (Agência de Socorro e Reabilitação das Nações Unidas), o que lhe valeu uma experiência de Serviço Social em âmbito internacional. Integrou ainda uma comissão de imigração, dedicando-se à estabilização dos deslocados de guerra. Trabalhou na organização do Serviço Social do SESC.

A partir do ano de 1950, a autora iniciou suas atividades no campo da orientação educacional, exercendo o cargo de orientadora educacional do Instituto

de Educação do Rio de Janeiro, período em que realizou diversas conferências no Brasil, na Suíça e na França, inclusive em Sorbonne, Paris. Foi autora de importantes livros de educação, muitos deles amplamente comercializados no Brasil, com inúmeras edições. Entre suas principais publicações destacam-se: “Educar para a Responsabilidade” (1961), “Orientação Educacional” (1964), “Também os Pais Vão à Escola” (1973) e “A Família por dentro” (1965).

3.4.1 - O Livro “Educar pela recreação” (1964)



Figura 13: Folha de rosto de “Educar pela Recreação”

O livro que se intitula “Educar pela recreação” foi escrito no ano de 1958, por Maria Junqueira Schmidt, no Rio de Janeiro – RJ, publicado pela “Livraria Editora Agir”. O exemplar analisado pertenceu ao acervo “Joaquim Nabuco”, conforme consta no Livro Tombo número I, da biblioteca “Cecília Meireles” e trata-se de um exemplar de terceira edição, publicado em 1964. Apresenta-se em capa de papelão de cores azul clara e branca, com o nome da autora ao topo, em branco, título em letras de forma pretas de tamanho médio ao centro, e o nome da editora, “Agir” no rodapé do mesmo tamanho e cor que o nome da autora.

Na lombada, apresentam-se os mesmos dados em letras pequenas, pretas, com orientação horizontal. Na contra capa apresentam-se os títulos de três outros exemplares de livros da mesma editora, a saber: “Recreação”, de Ruth Gouveia; “Orientação Educacional” e “Também os Pais vão à Escola”, ambos de Maria Junqueira Schmidt, cada um seguido de resumo do conteúdo e quantidade de páginas. Abaixo dessas informações encontram-se o nome da editora e três endereços para a aquisição de livros, seguidos da inscrição: “Atendemos pelo serviço de reembolso postal”. As orelhas apresentam dados relevantes sobre a vida da autora, incluindo formação e experiência profissional, evidenciando também, a importância do tema abordado no livro, bem como breve explanação sobre os assuntos abordados.

O livro tem 275 páginas e divide-se em 10 capítulos numerados com algarismos romanos, cada um contendo de 5 a 9 sub-tópicos não numerados. Colado acima da folha de rosto apresenta-se um cartão para cadastro do leitor “e seus amigos” a ser remetido à editora para recebimento gratuito do “Boletim 'Nossos Livros'”. A folha de rosto consta do título do livro em letras de forma, maiúsculas, com um carimbo de cor azul da biblioteca “Cecília Meireles” no rodapé, estando o verso em branco. A forma como o livro se apresenta, em capa de papelão colorida, com diversas informações sobre a autora, tema e formas de aquisição de outros títulos, bem como a maneira de divisão por capítulos, e a organização do texto sugerem sua destinação primordialmente comercial.

A segunda folha apresenta o nome da autora ao topo, o título do livro ao centro, seguido da informação “para pais e educadores” entre parênteses, e as informações de capa, edição, ano, editora e local, dispostas abaixo do título. Nessa folha constam três carimbos: o da biblioteca “Joaquim Nabuco”, de cor rosa, com o nome da instituição, telefone e endereço, sobreposto pelo carimbo: biblioteca “Cecília Meireles” em azul, em cima do nome anterior, deixando visíveis o nome e dados da instituição; e um terceiro carimbo de cor azul apresentando o nome da biblioteca “Cecília Meireles”, do instituto, cidade, e os campos “N.o” e “data”, preenchidos com caneta de tinta vermelha, sendo “3039” e “24/4/74”, respectivamente. Esses dados são relevantes, uma vez que a partir desses carimbos é possível confirmar que o livro pertenceu ao acervo Joaquim Nabuco, e

foi retombado no ano de 1974, quando a biblioteca mudou de nome e diretrizes. No verso desta folha, além dos dados da editora, consta um carimbo de cor rosa com a letra “t” maiúscula e a inscrição “558”, em caneta vermelha, rasurada por um xis também em vermelho, o que evidencia que o tombo original do livro, na biblioteca “Joaquim Nabuco”, era “558” e passou a ser “3039” no acervo “Cecília Meireles”.

O livro se destina, segundo a autora, a pais e professores e tem como finalidade levá-los a compreender como a educação pode ser prazerosa às crianças. De acordo com a autora,

Este livro destina-se, pois, à divulgação singela das riquezas pedagógicas que encerram as técnicas recreativas, mas também ao estudo dos efeitos mágicos do espírito recreativo, disposição interior que da colorido à nossa vida e estabilidade à nossa felicidade íntima. Salienta, outrossim, os meios de que dispomos para integrar o lazer num sistema de valores. (SCHMIDT, 1964, p. 12).

A autora aborda no livro, uma série de temas bastante atuais à época de publicação e inicia discutindo as finalidades da pedagogia moderna que pressupõe uma nova forma de enxergar a educação, como sendo responsável não apenas por ensinar a ler e a contar, mas principalmente por atender às necessidades de desenvolvimento da criança, levando-a a saber assumir responsabilidades, conseguir a autossuficiência, desenvolver a iniciativa, ser capaz de auto-expressão, adaptar-se satisfatoriamente aos grupos, visar à coragem, cultivar o ser interior etc, por meio da recreação.

Para a autora, “Todas as finalidades da pedagogia moderna podem ser desenvolvidas excelentemente através da recreação.” (SCHMIDT, 1964, p. 36), ela se propõe a apresentar em seu livro o valor de modalidades de recreação, analisando meios de proporcionar à criança brinquedos construtivos e ao jovem e adulto, recreação que possa educá-los. Ao longo dos capítulos, a autora apresenta as finalidades da pedagogia moderna, discute o conceito e os objetivos da recreação, aborda os diferentes ambientes em que se pode fazer uso da recreação, como na família (em casa no quarto da criança), na escola e ao ar livre, aborda as possibilidades recreativas decorrente da relação com o meio ambiente e os quatro elementos da natureza: ar, água, terra e fogo, os meios de expressão como

desenho, pintura, modelagem, atividades com música dramatização e dança, o uso da literatura infantil, da recreação supervisionada nas diferentes etapas escolares e a transição entre elas, as formas de lazers construtivos, o uso de som e imagem por meio do cinema, rádio, televisão, disco e magnetofone, e a missão e papel do recreacionista.

De acordo com Schmidt (1964), a necessidade de auto expressão da criança é satisfeita nas atividades criadoras que proporcionam expansão a ideias e sentimentos, satisfazendo as curiosidades de cada faixa etária e a integração ao grupo, promovida pelas atividades recreativas e sócio-culturais. O objetivo desse tipo de trabalho deve ser o de libertar a criança da tutela da família sem choques, no sentido de promover a independência da criança. Para tanto, a autora afirma que o trabalho deve ser realizado com liberdade e autoridade, alternadamente. O direito de escolha leva à auto-afirmação e as responsabilidades devem ser direcionadas às crianças, de acordo com as faixas etárias, caráter de jogo-trabalho, estimulando a coragem, para a realização plena do “eu”. Para a autora,

O jogo faz aceitar prazenteiramente as responsabilidades. Dá hábitos de auto-suficiência, de expansão do eu e de iniciativa. Adapta aos grupos. Ameniza a competição profissional. [...] A recreação educa para a utilização construtiva das horas de lazer – **“as horas favoritas da sedução do Mal”**. Gera a euforia e transfere para o campo do trabalho. Em suma, equilibra a criança. Equilibra o adolescente. Equilibra o adulto. (SCHIMIDT, 1964, p. 39-40, grifos da autora).

A autora discorre sobre a importância do jogo e da recreação na formação do indivíduo em todas as fases da vida e apresenta diversos exemplos de atividades que podem ser realizadas e inúmeros ambientes diferentes. A linguagem usada é clara e de fácil entendimento, apresentando um ritmo constante e uso de palavras simples, porém bem articuladas. A divisão dos capítulos em sub-tópicos facilita o entendimento do leitor, bem como a rápida localização dos temas abordados, promovendo ao leitor uma leitura que pode ser, por vezes contínua e por vezes salteada por entre os temas, sem que isso prejudique seu entendimento, pois cada item apresenta clareza nas ideias e conclusão do pensamento. Observa-se no texto o uso de exemplos bem como o de apostos explicativos, sempre que um conceito

diferente é apresentado. Observa-se que embora haja riqueza no conteúdo e ampla abordagem dos temas propostos, o ritmo da escrita e o uso de exemplos e explicações torna o texto acessível tanto a pais como a estudantes de cursos de magistério, ainda no início de sua formação.

3.4.2 – O livro “Também os pais vão à escola” (1964)



Figura 14: Capa e folha de rosto de “Também os pais vão à escola”

O livro que se intitula “Também os pais vão à escola” foi escrito no ano de 1962, por Maria Junqueira Schmidt, no Rio de Janeiro – RJ, publicado pela “Livraria Editora Agir”. O exemplar analisado pertenceu ao acervo “Joaquim Nabuco”, conforme consta no Livro Tombo número I, da biblioteca “Cecília Meireles” e trata-se de um exemplar de segunda edição, publicado em 1964. Apresenta-se em capa de papelão de cor vermelha, com ilustrações de galhos pretos na lateral esquerda e nome da autora ao topo, título ao centro e o nome da editora “Agir” no rodapé, todos escritos em cor branca. Em um galho ao topo da ilustração está escrito o nome da coleção: “escola e vida”, também com letras brancas.

Na lombada, apresentam-se os mesmos dados em letras pequenas, pretas,

com orientação horizontal. Na contra capa apresenta-se uma lista de livros pertencentes à coleção “Juventude”, seguida de dados da editora. As orelhas contêm descrição da segunda edição do livro.

O livro tem 160 páginas e divide-se em oito capítulos numerados com algarismos arábicos, além da justificativa e bibliografia. Colado acima da folha de rosto apresenta-se um cartão para cadastro do leitor “e seus amigos” a ser remetido à editora para recebimento gratuito do “Boletim 'Nossos Livros’”. A folha de rosto consta do nome da coleção, nome da autora, título, número de edição, nome da autora da capa, ano e editora. Nesta folha apresentam-se três carimbos sendo um da Biblioteca “Joaquim Nabuco” sobreposto pelo da Biblioteca “Cecília Meireles” e o terceiro desta última, com os campos número de tombo e data, preenchidos de caneta vermelha. Ao verso da folha consta o carimbo com o tombamento original da Biblioteca “Joaquim Nabuco” (260). Esse manual foi retombado com número de 3225, em 05/04/1974.

Trata-se do primeiro volume da coleção “Escola e Vida” e aborda o problema da educação dos pais apontado pela autora como fenômeno social do século 20. O educador de pais necessita de formação especializada para que ele supere suas próprias questões familiares e conheça os mecanismos de relações humanas no lar. A autora aponta como método mais eficiente para lidar com os pais o de trabalho de grupo, afirmando que toda educação provém de uma autoeducação se faz importante o máximo de participação dos pais no trabalho com os temas da educação.

A justificativa do livro é iniciada com duas indagações: “Você vive o drama de não ser ouvido? Pelos filhos?, pelos alunos?, pelos empregados?”; “Você quer exercer influência? Ser útil?, estimular?, orientar?”, seguidas da resposta: “Estude o manejo do grupo”.

Manipular conscientemente grupos humanos é a grande aventura pedagógica moderna elaborada pela Ciência das Relações Humanas.

Embora aplicados ao CÍRCULO DE PAIS, os princípios e as técnicas de grupo compendiados neste livro podem, com as devidas transposições, ser usados na classe, como nas atividades extraclasses; nas sessões dos Movimentos de Juventude; nas

reuniões dos Clubes e Centros Sociais; nas Empresas e, muito especialmente, nos Acampamentos.

Essas técnicas não requerem públicos letrados. **São vias diretas de comunicação** capazes de dinamizar assembleias de toda natureza e de todos os tamanhos no sentido de auto-desenvolvimento.

Mobilizando participação apaixonada, criam clima de alto interesse e de engajamento. E, assim, prestam-se admiravelmente para transmitir mensagens.

O essencial é o que o LÍDER, isto é, o ANIMADOR, tenha MENSAGENS PARA TRANSMITIR. (SCHMIDT, 1964, P. 9, grifos da autora).

Dessa maneira, é possível notar que o público a que se destina o livro é o de professores e professorandos, mas pode ser estendido também ao público em geral, pois conforme afirma a autora, as técnicas apresentadas podem ser adaptada para diversos contextos.

A autora apresenta diversas técnicas de discussão em grupo e explica todas elas apresentando detalhadamente como se desenvolve cada uma, mostrando o perfil do aplicador, a configuração do grupo, as formas de abordagem e de discussão e outras. A atitude do animador, que é o profissional que vai trabalhar com o grupo de pais, também é apresentada pela autora, que coloca que este deve despertar os pais para as transformações necessárias à superação de suas dificuldades e a atitude do professor ou orientador que cuida do grupo, que não seria nesse caso a de educar, mas a de conduzir o grupo a buscar soluções para os problemas que vierem a surgir.

O profissional incumbido dessa tarefa é apontado pela autora como o Orientador Educacional e nas escolas primárias, o próprio professor, assistido pela orientação educacional deverá dirigir o grupo com os pais de seus alunos. E isso seria de grande valia para que possam esses professores conhecer melhor a educação de seus alunos.

São apresentados ainda roteiros para discussões e preparações de círculos de pais, bem como técnicas de discussão para grupos. A autora define os círculos de pais como diferentes das associações de pais e mestres, que têm objetivos diversos e afirma que os diretores de escola deveriam dar lugar de destaque para esses círculos em sua escola, colocando-os no horário regular de atividades escolares e observariam sérios avanços em suas escolas. Os pais amam seus filhos e se

cometem erros em sua educação é por não saber fazer adequadamente. A evolução das ciências requer novas formas de educar e os grupos de pais são procurados pelos pais que desejam saber como melhor educar seus filhos.

3.4.3 – O livro “Orientação Educacional” (1964)



Figura 15: Capa e folha de rosto de “Orientação Educacional”

O livro que se intitula “Orientação Educacional” foi escrito por Maria Junqueira Schmidt e Maria de Lourdes de Souza Pereira no Rio de Janeiro – RJ, publicado pela “Livraria Editora Agir”. O exemplar analisado pertenceu ao acervo “Joaquim Nabuco”, conforme consta no Livro Tombo número I, da biblioteca “Cecília Meireles” e trata-se de um exemplar de segunda edição, publicado em 1964. Apresenta-se em capa de papelão de cor verde, com ilustrações de galhos laranja na lateral esquerda e escritos em letra branca com o nome das autoras, título e o nome da editora, “Agir”, todos escritos em cor branca. Em um galho ao topo da ilustração está escrito o nome da coleção: “Escola e Vida”, também com letras brancas.

Na lombada, apresentam-se os mesmos dados em letras pequenas, pretas,

com orientação horizontal. Na contra capa apresenta-se uma lista de livros pertencentes à coleção “Juventude”, seguida de dados da editora. As orelhas contêm descrição da segunda edição do livro. O livro tem 230 páginas e divide-se em 10 capítulos numerados com algarismos arábicos, além da justificativa, apêndice e bibliografia. A folha de rosto consta do nome da coleção, nome das autoras, título, número de edição, nome da autora da capa, ano e editora. Essa folha contém também três carimbos, assim como nos outros aqui analisados, sendo um de cor rosa, da biblioteca “Joaquim Nabuco” com dados do instituto, parcialmente sobreposto por um de cor azul com o nome biblioteca “Cecília Meireles” e outro, também de cor azul, da biblioteca “Cecília Meireles” com número de tombo, “1694” e data do tombamento, “4/4/74”, ambos registrados em caneta vermelha.

Cada capítulo é iniciado com um quadro contendo o título do capítulo, e breve explanação sobre o assunto. O livro é apresentado como resultado das experiências realizadas pelas autoras em colégios onde foi instituída a função de Orientador Educacional. Ambas as autoras ministraram cursos de formação em diversas escolas do país, tratando das questões da orientação educacional. A partir dessa experiência, puderam trocar vivências com profissionais da área e estudar as condições de inúmeras instituições de ensino para que pudessem adequar o método apresentado às realidades brasileiras, visando uma educação integral dos alunos.

As autoras apresentam como princípio condutor do livro a ideia de que a formação do homem baseia-se na estimulação dos seus recursos, a ajuda lúdica aos seus esforços e orientação fundamentada para suas opções. Para isso se faz necessário conhecer o aluno a fim de estar capaz de empregar métodos de orientação individual e de grupo, bem como testes, sociogramas, fichas e outras técnicas apresentadas no livro.

As autoras afirmam que em vista das pressões negativas da sociedade moderna, se faz necessária uma correta abordagem da personalidade adolescente, para isso, apontam quais são os aspectos de uma ação educativa, traçam roteiros para treinamentos, explicando que o orientador deve ter uma atuação ampla para além da escola, atingindo as famílias e a comunidade escolar.

O SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL propicia assistência sistematizada ao aluno, garantindo o desenvolvimento de todas as

suas estruturas, em todos os planos de sua vida. Mas, por igual modo, é um órgão de treinamento e de unificação da liderança dos adultos, dentro de uma filosofia de vida, utilizando os exemplos, as tarefas evolutivas, as vivências de relações humanas, para criar o clima educativo que equacione os anseios de transcendência e consiga altos *standards* de realizações. (SCHMIDT e PEREIRA, 1964, p. 11, grifos da autora).

As autoras afirmam que o objetivo principal da Orientação Educacional é a promoção da maturidade dos alunos por meio da aplicação de técnicas, realizando avaliações e orientando o educando com atenção e paciência. Vários temas são abordados no livro, temas inclusive tratados mais profundamente em outras publicações da autora, como educação dos pais e orientação do lazer.

Apesar de a linguagem desse livro ser um pouco mais rebuscada que a dos demais da mesma autora, aqui analisados, ainda assim trata-se de linguagem simples e acessível, destinando-se o livro para professores, estudantes de curso Normal, orientadores educacionais e demais profissionais da área de educação.

Considerações Finais

O presente estudo possibilitou perceber que os livros de destinação pedagógica presentes na biblioteca escola “Joaquin Nabuco” do Instituto Coração de Jesus fizeram parte de um conjunto de impressos que veiculavam um ideal de formação de professores considerado “novo”, “moderno”, “atual”, “rápido”, pelos seus autores e editores. Os próprios títulos evidenciam isso como, por exemplo: “Manual Pedagógico para a Escola Moderna”, de Victor Soares Gouveia; “A professora Moderna”, de Edouard Claparede; “A Renovação da Escola”, de José Marins; “Educação para uma Civilização em Mudança”, de William Kilpatrick, entre muitos outros, caracterizando uma sociedade com urgência em se modernizar, em se livrar do velho e aderir ao novo, ao rápido e ao moderno.

Essas publicações pretendiam organizar em suas páginas lições que abordassem uma série de saberes específicos ao magistério e tinham como principal função exercer o papel de um “manual” ou “compêndio”, como muitas vezes esclarecido pelos próprios autores no prefácio de suas obras. Theobaldo Miranda Santos prefaciava seus livros explicando que não se tratavam de um “tratado” sobre o assunto e sim de um manual a ser estudado ou mesmo consultado, por professores, pais, alunos de cursos Normais e Faculdades de Filosofia. Assim, apresentavam linguagem simples e clara, grande quantidade de exemplos, exercícios de fixação, e dividiam-se em capítulos e subcapítulos facilitando a consulta.

Os “modernos” preceitos do movimento escolanovista puderam ser observados em muitos trechos dos impressos analisados uma vez que a maioria aborda as matérias e apresenta os conteúdos de acordo com o que preconizavam os idealizadores do movimento, seguindo uma estrutura semelhante entre si. Os recursos visuais são frequentes nos livros que apresentam gravuras, imagens, esquemas, exemplos de atividades etc., demonstrando alguns avanços editoriais do

período, bem como reforçando a ideia do uso do impresso como manual, moderno, atual, a ser consultado pelo professor em formação.

A formação da família também foi um fator muito frisado pelos responsáveis pela formação do acervo “Joaquim Nabuco”. Muitos dos livros de educação disponibilizados pela instituição no período são livros que abordam ou são destinados a pais, mães e à família, como “Biblioteca de formação familiar”, de Léo Paraguaçu; “A criança. A família. A escola”, de Angela Medici; “A Criança, o lar e a escola: guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores”, de Pierre Weil e muitos outros.

Também é grande o número de livros de educação e religião no acervo, tanto aqueles com um tema específico em formação de professores, mas que se baseiam em preceitos religiosos, como alguns dos aqui analisados, como também, livros que abordam o tema religião vinculado ao tema da educação, evidenciando esse vínculo no próprio título, como: “Aspectos psicológicos da educação religiosa”, de Marc Oraison; “O religioso educador”, de Pedro Finkler; “O despertar religioso da criança”, de Cônego Boyer; “A igreja e a educação”, de Paul Foulquié e outros.

Os autores com maior número de publicações presentes no acervo são, em sua maioria, autores católicos, vinculados a um escolanovismo ligado ao catolicismo e crítico dos defensores da educação laica, parte dos preceitos do movimento. Esses estudiosos católicos da educação foram responsáveis por um modelo cristão de pedagogia que foi disseminado amplamente na formação de professores ao longo de muitos anos e serviu de base religiosa e moral na formação das normalistas que estudaram no Instituto Coração de Jesus.

Ainda hoje podemos encontrar alguns desses ideais de formação católica nos cursos de formação de professores. É comum ouvir em cursos de pedagogia que a profissão docente requer uma vocação e que o professor deve ter na alma o dom de ensinar. Certamente expressões como estas não foram herdadas de precursores de uma escola laica e sim daqueles que lutaram por uma escola cristã e defenderam a partir da publicação de muitas obras de formação de professores, adquiridas por

muitas escolas normais e faculdades de filosofia, uma escola renovada sim, mas dentro dos princípios da religião.

Foi a partir da entrada do catolicismo para a Escola Nova que a igreja retomou suas forças e continuou sendo grande influência na formação de professores e assim, conseqüentemente na formação de uma sociedade. Os livros, compêndios e manuais pedagógicos escritos por Alceu Amoroso Lima, Theobaldo Miranda Santos, Nazira Féres Abi-Sáber e muitos outros católicos, se constituíram como uma forma silenciosa, sutil e extremamente eficaz de luta por um campo e de consolidação de uma pedagogia católica, o que certamente vai ao encontro dos ideais de instituições católicas tradicionais em municípios como Santo André que, apesar de pequenos, somados formaram muitos professores ao longo dos anos e tiveram extrema importância na história da educação brasileira.

Fontes:

Nazira Feres Abi-Sáber

ABI-SÁBER, N. F. *Jardim da Infância*: programa para crianças de 5 e 6 anos. Belo Horizonte, Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar-PABAE. 1963.

_____. *O que é Jardim da Infância?* Belo Horizonte, Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar- PABAE. 1965.

Imídeo Giuseppe Nérici

NÉRICI, I. G. *Introdução à Didática Geral*: dinâmica da escola, 8. ed. Rio de Janeiro – RJ: Editora Fundo de Cultura SA, 1969.

NÉRICI, I. G. *Você e a educação*. Rio de Janeiro – RJ: Editora Fundo de Cultura SA, 1961.

Theobaldo Miranda Santos

SANTOS. T. M. *Aprenda a educar seu filho*, São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1949

_____. *Manual de filosofia*, São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1964.

_____. *Manual de psicologia*, São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1965.

_____. *Manual de sociologia*: introdução didática ao estudo da Sociologia, São Paulo: Companhia Editora Nacional.

_____. *Noções de filosofia da educação*, São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1960.

_____. *Noções de história da educação*, São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1960.

_____. *Noções de psicologia do adolescente*, São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1966.

Maria Junqueira Schmidt

SCHMIDT, M. J. *Educar pela recreação*. Rio de Janeiro : Agir, 1964

_____. *Orientação Educacional*. Rio de Janeiro : Agir, 1964

_____. *Também os pais vão à escola*. Rio de Janeiro : Agir, 1964

Referências

ALMEIDA FILHO, O. J. *Projeto editorial das coleções de Theobaldo Miranda Santos*. São Paulo, 2008a, disponível em:
<http://www.webartigos.com/articles/10426/1/Projeto-Editorial-das-Colecoes-de-Theobaldo-Miranda-Santos/pagina1.html#ixzz1UNkK9wdU>

_____, *A estratégia da produção e circulação católica do projeto editorial das coleções de Theobaldo Miranda Santos: (1945-1971)*. 368f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, História, PUC - SP, 2008b. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7517> Acesso em: 09/07/2011.

ALONSO, C. M. R. *Biblioteca escolar: um espaço necessário para leitura na escola*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo.

CARVALHO, M. M. C. *A caixa de utensílios e a biblioteca: Pedagogia e práticas de leitura*. In: VIDAL, D. G. HILSDORF, M. L. S. (org.) *Brasil 500 anos: Tópicos em história da educação*. São Paulo: Edusp, 2001.

_____, *Uma biblioteca pedagógica francesa para a Escola Normal de São Paulo (1882): livros de formação profissional e circulação de modelos culturais*. In BENCOSTTA, M. L. (org). *Culturas Escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007.

CATANI, D. B. *Estudos de História da Profissão Docente* In: LOPES, Eliane M. T.; FILHO, Luciano M. F.; e VEIGA, Cynthia G. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autentica. 2003.

CATANI, D. B.; SOUSA, C. P. *A Geração de Instrumentos de Pesquisa em História da Educação: Estudos Sobre Revistas de Ensino*. In: HILSDORF, L. S.; VIDAL, D. G. *Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CATTEEUW, K.; DEPAEPE, M.; SIMON, F. *Divulgação interactiva de material didático: ambições museológicas e científicas do projecto "Memória educativa da Flandres"*. 1997. Mimeo.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: Do leitor ao navegador*. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora Unesp – Imprensa Oficial do Estado, 1999.

_____, *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro:

Bertrand, 1990.

_____, *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução: Mary Del Priore. Brasília: UnB, 1998.

HALLEWELL, L. 1985. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP.

HÉBRARD, J. *As bibliotecas escolares* In: MENEZES, M. C. (org.). Educação, memória, história: possibilidades, leituras. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

JACOB, C.; BARATIN, M. (orgs.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000.

LOURENÇO FILHO, M. B. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. 12. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

MENEZES, M. C. *O Mapeamento de uma Biblioteca de Formação de Professores*. Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação: invenção, tradição e escritas da História da Educação no Brasil, Vitória/ES: UFES, 2011. CD-ROM.

MENSAGEIRO PAROCHIAL. *A Parochia de Santo André no seu 25º anno: 18/12/1911 - 18/12/1936*. Número Extraordinário do Mensageiro Parochial. Anno 60: Órgão Mensal da Parochia de Santo André, nº 60 - 61. 1936.

NERY, A. C. B. . *Livros da Escola Normal de Piracicaba: constituição do saber pedagógico*. In: II Seminário Brasileiro do Livro e História Editorial, 2009, Rio de Janeiro. Anais do II Seminário Brasileiro do Livro e História Editorial, 2009. v. 1.

_____, *A constituição de um saber especializado: a Biblioteca Escolar da Escola Normal de Piracicaba*. In: IX Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste, 2009, São Carlos. Anais do IX Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste, 2009.

PERES, E. T. *“Templo de Luz”: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1995

SANTOS, R. C. G. P. *Práticas de leitura e o acervo da biblioteca do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto de Curitiba na formação do conhecimento histórico dos alunos do Magistério*. 2001. 0 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná

SGARBI, A. D. *Bibliotecas Pedagógicas Católicas: estratégias para construir uma civilização cristã e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929 – 1938)*. 2001. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SILVA, V. B. 2001. História de leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos "manuais pedagógicos" brasileiros (1930-1971). Dissertação de Mestrado. FE/USP.

_____. 2006. Saberes em viagem nos Manuais Pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970). FE/USP.

SILVA, E. C.; STANISLAVSKI, C. F. S. *A Leitura Escolar na Formação de uma Cultura Pedagógica: A Circulação de Impressos na Escola Normal de São Carlos (1911-1923)*. 2008.

SILVA, M. C. F. *Formação de indivíduos leitores entre a biblioteca escolar, a família e outros apelos socioculturais*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais.

SOUSA, R. S. C. *A biblioteca universitária como espaço pedagógico e a formação de professores*. Dissertação de Mestrado. 2004. 149 p.

SOUZA, L. S. *A instituição de bibliotecas nos Grupos Escolares do Estado de São Paulo (1890-1920)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação/USP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

TOLEDO, M. R. A. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. São Paulo: Tese (doutorado). PUC-SP. 2001

VELLOSO, A. P. M. *Bibliotecas particulares e dispositivos de leitura*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

VIDAL, D. G. *Os tempos e os espaços escolares nos processos de institucionalização da escola primária no Brasil*. In: _____, As lentes da história: Estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas, SP: Autores associados, 2005.

_____, *A biblioteca da escola de professores*. In: _____, O exercício disciplinado do olhar: Livros, leituras e práticas de formação docente do Instituto de Educação do

Distrito Federal (1932-1937). - Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2001.

_____, *Uma biblioteca escolar: práticas de formação docente no Rio de Janeiro (1927-1935)*. In: Marta Carvalho; Diana Vidal. (Org.). *Biblioteca e formação docente: percursos de leitura (1902-1935)*. Belo Horizonte: Autentica, 2000, v. , p. 11-36.

VIÑAO, A. *Espaços, usos e funções: A localização de disposição física da direção escolar na escola graduada*. In: BENCOSTTA, L. A. B. (org.) *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005.

APÊNDICE I

Quadro I – Livros de destinação pedagógica do acervo Joaquim Nabuco

Quadro I – Livros de destinação pedagógica do acervo Joaquim Nabuco

N	TOMBO	IMPRENTA				OBSERVAÇÕES
		Autor	Título	Editora	Ano	
1	26/32	CIVITA,Vitor.	Nossas crianças	Abril Cultural	1970	Classificação 649.1 C529n
2	279-281	GOUVEIA, Victor Soares.	Manual Pedagógico para a Escola Moderna.	Ed. Pedagógica Brasileira Ltda		Descartado – 1999
3	288-295	PARAGUAÇU, Leo.	Biblioteca de formação familiar.	Ed. Formar Ltda.	sd	Classificação 155.5 P238a
4	329-335	ABI-SABER, Nazira Feres.	Biblioteca de orientação da profª primária.	Editora Nacional de direita		329, 330, 333, 334, 335 descartados 331: Classificação 372.83 P431h
5	361-368	MOURA, Mario.	A criança e nós.	Ed. Fundo de cultura		não localizado
6	369-377	MEDICI, Angela.	A criança. A família. A escola	Ed. Fundo de cultura		369-376 descartados – 1999 demais não localizados
7	378-387	DEBESSE, Maurice.	Psicologia da Criança.	Pel Editorial Pontes		Classificação 372 G162c ex. 1
8	388-397	EDITORIAL, Conselho	Educação Hoje.	G. Urupês SA		não localizado
9	398-405	CLAPAREDE, Edouard.	A professora moderna.	Ed. Fundo de cultura		Descartado – 1999
10	410-417	VARRENE, Dr.	Psicologia	Ed. Paulinas		413 descartado – 1999
11	419-422	VARRENE, Dr.	Psicologia	Ed. Paulinas		422 descartado – 1999
12	424	VARRENE, Dr.	Educação pelo exemplo	Ed. Paulinas		Descartado – 1999
13	425	VARRENE, Dr.	Como obter êxito nos estudos	Ed. Paulinas		não localizado
14	426	VARRENE, Dr.	As pequenas virtudes do educador	Ed. Paulinas		Descartado – 1999
15	427	GOBBI, Gianna	Educação Religiosa, Liturgia e Método Montessori	Ed. Paulinas	1966	Classificação 370.15 G51e ex.1
16	428-430	VARRENE, Dr.	Psicologia	Ed. Paulinas		429-430 descartado – 1999
17	634	CRUZ, Estevão.	Compêndio de filosofia.	Livraria da Globo.	1932	Descartado – 2004
18	636-641	JOLIVERT, R.	Curso de Filosofia	Agir	1966	Classificação 107 J66c
19	642	MARIAS, Julian	Introdução a filosofia	Livraria duas cidades,		Classificação 107 M287i
20	643	LOPES, Francisco	Introdução a filosofia.	Agir		Descartado – 2004

21	644	LAHR, C.	Manual de Filosofia.	Apostolado da imprensa		Descartado – 2004
22	645-651	MARITAIN, Jacques.	Introdução à Filosofia	Agir, Ltda.	1968	645-651 Descartados – 2004
23	642	RARYMAEKER, Luiz.	Introdução à Filosofia	ed. Herder	1961	Classificação 107 R123i ex.1
24	653	SANTOS, Theobaldo M.	Manual de filosofia	Ed. Nacional	1964	Classificação 107 S239m
25	654	SANTOS, Theobaldo M.	Manual de filosofia	Ed. Nacional.		Descartado – 2004
26	655	TELES, Antonio Xavier.	Introdução à filosofia.	Ática,	1972	não localizado
27	656-658	TOBIAS, José Antonio	Iniciação à filosofia	Ed. Do Vrasil Ltda	1964	656-654 Descartado – 2004
28	662-664	VILELA, Orlanso.	Iniciação à filosofia	Dominus ed. SA	1964	não localizado
29	695-697	GARDEIL, H. D.	Iniciação à filosofia de São Thomas de Aquino.	Vozes		Classificação 189.4 T611G
30	699	GRABMANN, Martinho.	A Filosofia da Cultura de São Thomas de Aquino.	Vozes.	1959	não localizado
31	752	ALLPORT, Gordon W.	Desenvolvimento da personalidade	Herder		Descartado – 2004
32	760-761	ZALONI, Roberto.	Educação e Personalidade.	Vozes	1963	não localizado
33	779	DEMARAIS, Marcel Marie	Curso Prático de Psicologia Experimental.	Fides	1949	Classificação 152 D488c
34	808	SANTOS, Theobaldo M.	Manual de psicologia	Ed. Nacional.	1965	Classificação 150 S233m
35	814	LIMA, Alceu Amoroso.	Idade, Sexo e Tempo: três aspectos da psicologia humana	José Olímpio editora	1941	Classificação 155.3 L696i
36	829	MODESTI, Joao.	Os fundamentos psicológicos da educação behaviorística	Vozes,	1959	não localizado
37	837	PENNA, Antonio Gomes.	Percepção e aprendizagem.	Editora Fundo de Cultura	1969	Classificação 153.15 P459p
38	838	MEDNICK, Sarnoff.	Aprendizagem	Zahar	1969	Classificação 153.15 M443a
39	839	MEDNICK, Sarnoff.	Curso de psicologia moderna	Zahar,		não localizado
40	850 – 851	JACQUIN, Gui.	As grandes linha da psicologia da criança	Flamboyant	1962	Classificação 155.4 J19g
41	852	AGAZZI, Aldo	Psicologia del fanciulo Editrice La scuola	Brescia		Descartado – 2004
42	853	LIMA, Alceu Amoroso.	Idade, sexo, tempo	Agir		Descartado – 2004
43	855	LIMA, Alceu Amoroso	Idade, sexo, tempo	José Olímpio editora		Descartado – 2004

44	863	FERRAZ, João de Souza	Noções de psicologia da criança com aplicações educativas	Saraiva	1962	Classificação 155.4 F431n
45	864	JERSILD, Arthur	Psicologia da criança	Itatiaia	1967	Classificação 155.4 J54p
46	869	WALLON, Henri	A evolução psicológica da criança	Editorial Andrea		Descartado – 2004
47	870	VIANNA, Mario Gonçalves	Psicologia da criança	Ed. D. Barreira Porto	sd	Classificação 155.4 V667p
48	871	SANDSTRON, C. I.	A Psicologia da infância e da adolescência	Zahar		não localizado
49	872	PIAGET, Jean.	Seis estudos da psicologia	Forense	1967	Classificação 155.4 P642s
50	873	OSTERRI ETH, Paul B.	Introdução a psicologia da criança.	Editora Nacional	1970	Classificação 155.4 O94i
51	874	MUSSEN, Paul B.	O Desenvolvimento psicológico da criança	Zahar	1969	Classificação 155.4 M978d
52	875	ANDERSON, John E.	Manual de psicologia del nino	Francisco Seix ed.,	1955	Classificação 155.4 A561m
53	876	PFRONN, Samuel.	Psicologia da adolescência.	Editora da USP	1968	Classificação 155.5 P631p
54	877	ORIGLIA, D.	A Adolescência: o crescimento, a formação da personalidade, a vocação profissional, a sexualidade, o senso moral, a influenciado meio e da escola	Livraria clássica editora	1966	Classificação 155.5 O78a
55	878	NÉRICI, Imídeo.	O drama da idade.	Fundo de Cultura		Descartado – 2004
56	879 – 881	NÉRICI, Imídeo.	Adolescência.	Fundo de Cultura		Descartado – 2004
57	883	JERSILD, Arthur.	Psicologia do Adolescente	Editora Nacional		Não localizado
58	884	REY, Andre (Autor principal).	Insuficiências psicológicas das crianças e adolescentes	Fundo de Cultura.	1960	Classificação 155.4 R351i
59	885	BIANCHI, Maria Antonieta, trad (Coordenador); Rey, Andre (Autor principal).	Insuficiências psicológicas das crianças e adolescentes	Fundo de Cultura.	1960	Classificação 155.4 R351i
60	886 – 889	SANTOS, Theobaldo Miranda	Noções de psicologia do adolescente	Nacional	1966	Classificação 155.5 S233n
61	900	STONE, Joseph L	Infancia e adolescencia: uma psicologia da pessoa em crescimento	Ed. do Professor.	1969	Classificação 155.4 S885i
62	901	VIANA, Mário Gonçalves	Psicologia do Adolescente	Ed. B. Barreira Porto		Descartado – 2004
63	1014	MARINS, José	A Renovação da escola	Pró- manuscrito		Descartado – 2003
64	1015	MARINS, José	A escola em missão	Pró- manuscrito		Descartado – 2003

65	1017	BOYER, Cônego	O despertar religioso da criança	Paulinas		não localizado
66	1026	ORAISON, Marc	Por uma educação moral dinamica: mudanças necessarias de perspectiva	Vozes	1973	Classificação 170 O72p
67	1172	GOLDEN, Candel	Manual de sociologia	Filo-Juris.	196?	Classificação 301 C223m
68	1173	FONTOURA, Afro do Amaral	Introdução a sociologia	Globo	1955	Classificação 301 F772i
69	1181	SANTOS, Theobaldo M.	Manual de Sociologia: introdução didática ao estudo da Sociologia	Nacional	1966	Classificação 301 S233m
70	1193 – 1194	SICHES, Luis Recasens	Tratado de Sociologia	Globo	1968	Classificação 301 S567t
71	1204	WEIL, Pierre	Criança, o lar e a escola, A: guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores	Civilizacao Brasileira.	1960 ?	Classificação 301.15 W439c
72	1297	BAQUERO MIGUEL, Godeardo	Métodos de Pesquisa Pedagógica: estatística psico-educacional	Loyola	1970	Classificação 311 B176m
73	1355 – 1357	KILPATRICK, William Heard	Educação para uma civilização em mudança	Melhoramentos	19??	Classificação 370.19 K61e ex. 1
74	1358	FONTOURA, Afro do Amaral	Sociologia educacional	Aurora		Descartado – 2002
75	1359 – 1360	DURKHEIN, Emile	Educação e Sociologia	Melhoramentos		Descartado – 1999
76	1361 – 1362	CARVALHO, Irene Mello	Introdução aos estudos sociais	FGV	1966	Classificação 372.83 C321i ex. 1
77	1363	BRANDÃO, Geraldo	Sociologia da educação	Editora do Brasil SA		Descartado – 2002
78	1370 – 1371	BELLO, Ruy de Ayres	Filosofia da Educação	Brasil	1967	Classificação 370.1 B386f
79	1372 – 1374	FIGUEIREDO, J C	Filosofia e Educação Através de Textos	Bernardo Alvares	1970	Classificação 370.1 F488f ex. 1
80	1377	MARITAIN, Jacques	Rumos da Educação	Agir	1966	Classificação 370.1 M296r
81	1378	SANTOS, Theobaldo Miranda	Noções de Filosofia da Educação	Nacional	1960	Classificação 370.1 S233n ex. 1
82	1379 – 1381	REDDEN, John D.	Filosofia da Educação	Agir	1964	Classificação 370.1 R249f ex. 1
83	1383	FINKLER, Pedro	Psicologia, Educação e Cultura	F.T.D.	1966	Classificação 370.15 F535p
84	1384	Elkind, David	Crianças e Adolescentes: ensaios interpretativos sobre Jean Piaget	Zahar	1972	Classificação 370.15 E42c ex. 1
85	1385 – 1386	CASABASTA, Guerino	Manual de Psicologia Educacional	Brasil		Descartado

86	1387	CARDOSO, Ofelia Boisson	Problemas da meninice	Melhoramentos	1967	Classificação 155.4 C266p
87	1389	HELIO, Ruy	Introdução à psicologia educacional	Brasil		Descartado – 1999
88	1390	BLAIR, Glenn Myers	Psicologia Educacional	Nacional	1967	Classificação 370.15 B567ps ex.1
89	1391	ALBUQUERQUE, Therezinha Lins de	Acompanhamento Psicologico a Professora: uma experiência	Vozes	1972	Classificação 370.15 A298a ex.1
90	1392	MOULY, George J.	Psicologia Educacional	Pioneira	1966	Classificação 370.15 M882p ex. 1
91	1394 – 1395	KELLY, William A.	Psicologia Educacional	Agir	1965	Classificação 370.15 K39p ex. 1
92	1399	FOILQUIE, Paul	A igreja e a educação	Agir		não localizado
93	1400 – 1401	FONTOURA, Afro do Amaral	A escola viva	Aurora		Descartado – 1999
94	1402	FLEMING, Charlotte Mary	Psicologia social da educação: introdução e um guia de estudo	Nacional	1966	Classificação 301.15 F628p
95	1405	SAWREY, James	Psicologia Educacional	Livro Tecnico	1967	Classificação 370.15 S282p ex.1
96	1408	NOVAES, Maria Helena	Psicologia Escolar	Vozes	1972	Classificação 370.15 N816p ex.1
97	1411	MOULY, George J.	Psicologia Educacional	Biblioteca Fundo de Cultura Nacional		Descartado – 1999
98	1417	LOURENCO FILHO, M B	Testes ABC: para verificação da maturidade necessaria a aprendizagem da leitura e escrita	Melhoramentos	1952	Classificação 153.93 D934t
99	1471	TORRES, Joao Camillo de Oliveira	Educação Moral e Cívica	Imprensa da Universidade de Minas Gerais	1966	Classificação 377.2 T643e ex. 1
100	1491	Comissao Nacional de Moral e Civismo	Educação Moral e Cívica como Disciplina Obrigatória nos Três Níveis de Ensino: prescrições sobre currículos, programas básicos	CAPEMI	1970	Classificação 377.2 C76e ex. 1
101	1544	LOURENCO FILHO, M B	Testes ABC: para verificação da maturidade necessaria a aprendizagem da leitura e escrita	Melhoramentos	1953	Classificação 153.93 D934t
102	1547	FREITAS, Gaspar	Instrução moral e cívica	Francisco Alves		não localizado

103	1548 – 1549	MONTESSORI, Maria	A criança	Portugália		não localizado
104	1556	BACKHBUSER, S.	Manual de Pedagogia moderna	Globo		Descartado – 2002
105	1557	AGUAYO, A. M.	Pedagogia científica	Cia Editora Nacional		Descartado – 1999
106	1558	AZEVEDO, Fernando de	A educação e seus problemas	Melhoramentos	1953	Classificação 370.7 A986ed ex.1
107	1559	ARAUJO, O	Ensaio Pedagógicos ou Didática Vivida	FTD	sd	Classificação 371.3 A687e ex. 1
108	1560	COMÊNIO, João Amós	Didática Magna	Simões		não localizado
109	1561	CARVALHO	O ensino			não localizado
110	1562	CAMPOS, França	Diretrizes de didática e educação	Agir		Descartado – 1999
111	1563 – 1565	BUCHON, Consuelo Sanchez	Curso de pedagogia	AEC do Brasil.	1964	Classificação 371 B935c ex. 1
112	1567	GRISI, Rafael	Didática Mínima	Nacional	1969	Classificação 371.3 G889d ex. 1
113	1594	ALMY, Millie	Como Estudar a Criança: um manual para professores	Fundo de Cultura.	1964	Classificação 370.15 A456c
114	1596	OLIVEIRA, Alaide Lisboa de	Nova Didática	Bernardo Alvares	1970	Classificação 371.3 O45n ex. 1
115	1597 – 1598	NERICI, Imideo Giuseppe	Introdução à Didática Geral: dinâmica da escola	Fundo de Cultura.	1969	Classificação 371.3 N364i ex. 1
116	1612	PROCTOR, James	Ensinando a Ensinar: técnicas, notas, sugestões para professores, chefes, supervisores, diretores	Record	1968	Classificação 371.3 P956e ex. 1
117	1613	LIMA, Lauro de Oliveira	O impasse na educação: diagnóstico, crítica, prospectiva	Vozes	1969	Classificação 371.3 L698i ex. 1
118	1614 – 1615	HIGHET, Gilbert (Autor principal); LOURENCO FILHO (Coordenador).	A Arte de Ensinar	Melhoramentos	1967	Classificação 371.3 H541e ex. 1
119	1616 – 1617	FONTOURA, Afro do Amaral	Prática de ensino	Aurora	1962	Classificação 372 F772p ex. 1
120	1623	STEIN, S. A.	Educação, Reflexão, Prática	Herder	1969	Descartado – 1999
121	1627	LIMA, Lauro de Oliveira	Escola secundária moderna: organização, métodos e processos	Vozes	1970	Classificação 373 L698e ex.1
122	1628	LIMA, Lauro de Oliveira	Escola do futuro: orientação para professores de prática de ensino	Vozes	1979	Classificação 371.3 L698e ex. 1

123	1633 – 1634	LINDEMAN, Richard	Medidas Educacionais	Globo	1972	Classificação 371.26 L722m ex. 1
124	1668	FERREIRA, Newton de Paiva	A necessidade da administração na escola	E.S.C. BH		Descartado – 1999
125	1670 – 1672	DOUGLAS, Harl R.	Administração Moderna de Escolas Secundarias	Fundo de Cultura.	1963	Classificação 371.2 D768a ex. 1
126	1673 – 1674	BELLO, Ruy de Ayres	Administração escolar	Brasil		Descartado – 1999
127	1675	LOURENCO FILHO, M. B.	Organização e Administração Escolar	Melhoramentos	1969	Classificação 371.2 L934o ex. 1
128	1678	TELES, J. P.	Supervisão e Administração Escolar	FTD		Classificação 371.2 T272s ex. 1
129	1679 – 1682	BELLO, Ruy de Ayres	Pequena História da Educação	Ed. do Brasil		Classificação 370.9 B386p ex. 1
130	1683 / 1686 / 1687 / 1690	PEETERS, Francisca	Pequena História da Educação	Melhoramentos	sd	Classificação 370.9 P421p ex. 1
131	1684	KNAPP, Robert	Orientação Educacional na escola			não localizado
132	1685	BAQUERO MIGUEL, Godeardo	Orientação Educacional	Loyola		não localizado
133	1689	PEIXOTO, Afranio	Noções de História da Educação	Nacional	1936	Classificação 370.9 P43n ex. 1
134	1691	MONROE, Paul	História da Educação	Nacional	1946	Classificação 370.9 M759h ex.1
135	1693 – 1694	SCHMIDT, Maria Junqueira	Orientação Educacional	Agir	1963	Classificação 371.422 S376o
136	1696	PIMENTEL, Maria da Gloria	Orientação Educacional	Pioneira	1971	Classificação 371.422 P698o
137	1717	MENEZES, Isolda Bezerra de	Psicologia do Escolar	Vozes	1966	Classificação 370.15 M51p ex.1
138	1741 – 1743	ABI SABER, Nazira Feres	Jardim da Infância: programa para crianças de 5 e 6 anos	Instituto de Educação	1963	Classificação 372.218 A134j ex. 1
139	1748	PONTES, Candido	Programa oficial da escola primária	Formar	1970	Classificação 372.19 P858p ex. 1
140	1749	TOLEDO, Gigia	Escola primária moderna	Editora do Brasil SA		Descartado – 1999
141	1756	MEDICI, Angela.	A escola e a criança	Editora Fundo de Cultura		não localizado
142	1757	MARCOZZI, Alaíde M.	Ensinando a criança	ao Livro Técnico		não localizado

143	1758	HYMES, James L	A Arte de Educar	Fundo de Cultura	1961	Classificação 370 H995a
144	1759	BARRETO, Heloisa Menna	Unidade de trabalho na escola primária	ao Livro Tecnico		não localizado
145	1761 – 1762	ABI SABER, Nazira Feres	O que é jardim da infância?	Ed. Nacional de Direito.	1965	Classificação 372.218 A134q
146	1763	AREY, Charles K	Ciências na escola primária	Livro Tecnico	1967	Classificação 372.3 A731c ex. 1
147	1764	TRAJANO, Antonio	Aritmética elementar	Francisco Alves		não localizado
148	1765	PORTO, Rizza Araujo	Frações na escola elementar	Programa de Assistencia Brasileiro-Americano ao Ensino Elementar	1963	Classificação 372.7 P883f ex. 1
149	1766 – 1768	PORTO, Rizza de Araujo	matemática na escola primária moderna	Ao Livro Tecnico	1965	Classificação 372.7 O92m ex. 1
150	1769	Barreto, Heloisa Menna	Iniciação a matemática: sugestões práticas	Ao Livro Tecnico	1966	Classificação 372.7 B262i ex. 1
151	1772	MALAMUT, Ester	Preparando para aprender	F.T.D.		Descartado – 1999
152	1773	MONROE, Marion	Preparando para a leitura	ao Livro Tecnico		Descartado – 1999
153	1774	MARQUES, Orminda	A escrita na escola primária	Melhoramentos		Classificação 372.634 M319e
154	1776	ARAUJO, Maria Yvonne Atalecio de	Experiências de linguagem oral na escola primaria	PABAE	1962	Classificação 372.4 A69e ex. 1
155	1777	ABI SABER, Nazira Feres	O período preparatório à aprendizagem	PABAE		não localizado
156	1782	PINHEIRO, Maria do Carmo	Ciências na escola primária	MEC	1962	não localizado
157	1783	BLOUGH, Glenn	Como ensinar ciências	Usaid	1965	Classificação 372.3 B619c ex. 1
158	1787	CAMPOS, Maria Elisa Rodrigues	Jogos na escola primária	Biblioteca da Professora Brasileira	1962	Classificação 372.5 C214j ex. 1
159	1792 – 1793	CARVALHO, M. Vicentina Campos	Programa de Educação Alimentar Para o Curso Primário	MEC	1970	Classificação 371.716 C321p
160	1798	BALTAR, Delhy	cadernos na escola primária			não localizado
161	1810	BUDIN, J.	Metodologia da Linguagem	Cia Editora Nacional		não localizado
162	1811	EL JAICK, Jamil	Didática especial de Português	MEC; Cades.	1960 ?	Classificação 372.6 E39d ex.1

163	1845	SIDNEY, Isaías E.	O madureza	Ática,		não localizado
164	1847	ALI, M Said	Gramática elementar	Melhoramentos	1965	Classificação 469.1 A389g
165	1851 – 1858	OLIVIA, Madre	Prática de português	Joson Editor		não localizado
166	1859	OLIVEIRA, Cândido	Aulas de gramática	Biblos		Descartado – 1999
167	1861	UEIALI, Elson A.	Ensino programado: brincando com análise sintática	MEC	1970	não localizado
168	1874 – 1877	AZEVEDO, Leodegário de	Compêndio didático de português	Germasa	1971	Descartado
169	1897 – 1905	GIACOMOZZI, Gilio	Estudo orientado de português	FTD		não localizado
170	1906 – 1910	FRANÇA, Antonio Leges	Ensino programado de português	FTD		não localizado
171	1938 – 1941	MIRANDA, J. França	Instrução programada de português	Ed. do Brasil		não localizado
172	1942 – 1945	RAVANELLI, Antonio	Iniciação ao estudo da língua portuguesa	Ed. do Brasil		não localizado
173	1959 – 1961	SALLES, Miguel	Ensino renovado de português	Cia Editora Nacional		Descartado
174	1976 – 1977	PINTO, Maria da Glória S.	Português através de textos	EDILD		Descartado
175	1978 – 1979	SILVA, Isaías Branco	Caderno de português	IBEP300		Descartado
176	1980 – 1981	GUIMARÃES, Magda Soares	Português através de textos	EBA		Descartado
177	1982	SOARES, Magda	Comunicação em português	SBA		Descartado
178	1987 – 1983	SILVA, Isaías Branco	Português fundamental	IBEP		não localizado
179	2011	CAVALCANTE, Luiz	Ensino moderno da matemática	FTD		Descartado
180	2029	SCHMIDT, Maria Junqueira	Ensino científico das línguas modernas	Briguiet		não localizado
181	2040 – 2041	SCHMIDT, Maria Junqueira	Educar pela recreação	Agir		não localizado
182	2054	SOUZA, Judith Brito de Paiva	Didática de português	Aurora	1969	Classificação 372.6 S713d ex.1
183	2056	OLIVEIRA, Cândido	Metodologia	Vozes		não localizado
184	2280 – 2281	BOLSANELLO, A.	Elementos de ciência e higiene	F.T.D.		Descartado – 2002
185	2481	TELES, Walter	A professora ajuda o pediatra		1966	não localizado
186	2504 – 2507	CHAVES, J. G.	Ensino moderno de matemática	Editora do Brasil SA		Descartado – 2002

187	2524	PIERRO, Scipione Di	Matemática curso moderno	Saraiva		não localizado
188	2525	PIERRO, Scipione Di	Matemática na escola renovada	Saraiva		não localizado
189	2527 – 2531	PIERRO, Scipione Di	Matemática para a escola moderna	IBEP		Descartado
190	2532	PIERRO, Scipione Di	Matemática na escola renovada	Saraiva		não localizado
191	2533	PIERRO, Scipione Di	Manual do professor	Saraiva		não localizado
192	2544	OLIVEIRA, Antonio Marmo	Matemática, ensino programado	Editora Didática Irradiante		não localizado
193	2602	KUSSA, Ida	Trabalhos manuais como disciplina escolar	H. Santiago	1955	Classificação 746 K98t
194	2744	PARRA, Nelio	Técnicas de educação	Edibell	1970	Classificação 371.335 P271t ex. 1
195	2943	PEDAGÓGICOS, Inst. Nacional de Estudos	Música para a escola elementar	INEP	1955	Classificação 784.71981 l47m
196	2961	GOULART, João Melchior	Música na escola primária	MEC		não localizado
197	3036 – 3039	SCHMIDT, Maria Junqueira	Educar pela recreação	Agir	1958	Classificação 790 S377e
198	3042	TEIXEIRA, Mauro Soares	Manual de educação física e recreação	Obelisco	1970 ?	Classificação 796 T267m
199	3128	REBELO, Marques	Antologia escolar brasileira	MEC		não localizado
200	3136 – 3137	BUDIN, J.	Compêndio de língua e literatura			não localizado
201	3214	NICOLAU, Miguel	Psicologia e pedagogia da fé	Paulinas		não localizado
202	3222	ORAISON, Marc	Aspectos psicológicos da educação religiosa	Duas Cidades		Descartado
203	3225	SCHMIDT, Maria Junqueira	Também os pais vão à escola	Agir	1964	sem localização
204	3226	MERLAUD, André	Realidade humana e educação cristã	Herder	1968	Descartado
205	3227	LEHVAL, H. L.	Educação religiosa	Flamboyant		não localizado
206	3228	FINKLER, Pedro	O religioso educador	F.T.D.		não localizado
207	3229	NERICI, Imideo Giuseppe	Você e a educação	Fundo de Cultura	1961	Classificação 371.422 N364v
208	3231	LEÃO, Irmão	Pais e mestres	F.T.D.		Descartado – 2002
209	3257	ANDRADE, Benedito de	Educação Moral e Cívica	Atlas		Descartado

210	4257	THAN, Malba	A arte de ler e contar histórias	Conquista	1957	Descartado
211	4258	SALEM, Nazira	Literatura Infantil	Mestre Jou	1959	Classificação 372.64 S155L
212	4259	PINTO, José Benedicto	Pontos de literatura infantil	F.T.D.	1967	não localizado
213	4260	OLIVEIRA, Antenor Santos de	Curso de literatura infantil	Ed. Santos de Oliveira	s.d.	Classificação 372.64 O45c ex. 1
214	4261	CUNHA, Maria Antonieta Antunes	Como ensinar literatura infantil	Bernardo Alvares	1968	Classificação 372.64 C979c
215	4262	CARVALHO, Barbara V.	Compêndio de literatura infantil	IBEP300		Classificação 372.64 C321c
216	4263 – 4264	SALES, Brasil	A literatura infantil de Monteiro Lobato	Paulinas		não localizado
217	4265	D'ÁVILA, Antonio	Literatura Infanto Juvenil	Ed. do Brasil.	1961	Classificação 372.64 D29L
218	4266	Arroyo, Leonardo	Literatura Infantil Brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes	Melhoramentos	1968	Classificação 372.64 A815L
219	4678 – 4679	LOURENCO FILHO, M B	A pedagogia de Ruy Barbosa	Melhoramentos		não localizado
220	4987	PIMENTEL, Maria da Gloria	Orientação Educacional	Pioneira	1971	Classificação 371.422 P698o ex. 2
221	4989	BERGE, Andre	Educação Sexual e afetiva	Agir	1968	Classificação 371.76 B434e
222	4991	PEREIRA, Luiz	A Escola numa área metropolitana: crise e racionalização de uma empresa pública de serviços	Pioneira	1967	Classificação 370.19 P489e
223	5034 – 5035	GIUDICI, Maria Pia	Mãe e mestra	Monte Estoril		não localizado

APÊNDICE II

Quadro II – Autores com maior incidência de títulos

Quadro II – Autores com maior incidência de títulos

AUTORES	NÚMERO DE TÍTULOS
SANTOS, Theobaldo M.	7
FONTOURA, Afro do Amaral	5
VARRENE, Dr.	4
PIERRO, Scipione Di	4
SCHMIDT, Maria Junqueira	4
ABI-SÁBER, Nazira Feres	4
NÉRICI, Imídeo.	4
BELLO, Ruy de Ayres	3
LIMA, Alceu Amoroso	3
LIMA, Lauro de Oliveira	3
LOURENCO FILHO, M. B.	3
BAQUERO MIGUEL, Godeardo	2
BARRETO, Heloisa Menna	2
BUDIN, J.	2
FINKLER, Pedro	2
JERSILD, Arthur.	2
MARINS, José	2
MARITAIN, Jacques	2
MEDICI, Angela.	2
MEDNICK, Sarnoff.	2
MOULY, George J.	2
ORAISON, Marc	2
PIMENTEL, Maria da Gloria	2

PORTO, Rizza de Araujo	2
SILVA, Isaías Branco	2
VIANA, Mário Gonçalves	2

APÊNDICE III

**Quadro III – Editoras dos livros de destinação pedagógica do acervo
Joaquim Nabuco**

**Quadro III – Editoras dos livros de destinação pedagógica do acervo
Joaquim Nabuco**

N	Editoras	Incidência
1	Nacional	16
2	Fundo de Cultura	15
3	Agir	14
4	Editora do Brasil	13
5	Melhoramentos	13
6	Vozes	12
7	FTD	11
8	Paulinas	10
9	AO Livro Técnico	7
10	MEC	6
11	PABAE - Programa de Assistência Brasileiro- Americano ao Ensino Elementar	5
12	Saraiva	5
13	Zahar	5
14	Aurora	4
15	Globo	4
16	Herder	4
17	IBEP	4
18	Pioneira	4
19	Bernardo Alvares	3
20	AEC do Brasil	2
21	D. Barreira Porto	2
22	Flamboyant	2
23	Formar	2
24	Francisco Alves	2
25	José Olímpio Editora	2
26	Loyola	2
27	Pró- manuscrito	2
28	Abril Cultural	1
29	Andrea	1
30	Apostolado da imprensa	1
31	Ática	1
32	Atlas	1
33	Biblioteca da Professora Brasileira	1
34	Biblos	1
35	Brescia	1
36	Briguiet	1
37	CAPEMI	1
38	Civilizacao Brasileira	1
39	Conquista	1
40	do Professor	1

41	Dominus SA	1
42	Duas Cidades	1
43	E.S.C. BH	1
44	EBA	1
45	Edibell	1
46	EDILD	1
47	Editora da USP	1
48	Editora Didática Irradiante	1
49	FGV	1
50	Fides	1
51	Filo-Juris.	1
52	Francisco Seix	1
53	G. Urupês SA	1
54	Germasa	1
55	H. Santiago	1
56	Imprensa da Universidade de Minas Gerais	1
57	INEP	1
58	Instituto de Educação	1
59	Itatiaia	1
60	Joson Editor	1
61	Livraria clássica editora	1
62	Livraria da Globo	1
63	Livraria duas cidades	1
64	Mestre Jou	1
65	Monte Estoril	1
66	Pedagógica Brasileira Ltda	1
67	Pel Editorial Pontes	1
68	Portugália	1
69	Record	1
70	Santos de Oliveira	1
71	SBA	1
72	Simões	1
73	Usaid	1
74	Forense	1
75	Obelisco	1